



Gabriel Pillar

RECIBO / RECEIPI

MONTEAL CC ORL
RIV DU LOUP CC SMT
AMHERST NS ALL
HALLIFAX NS

99 CC TARTIF
6.93\$ TPS/GST
7.34\$ TVQ/ST
113.87\$ VISA

9742-04 MONTREAL 24.26
02-07-04 21:13
ORLEANS EXPRESS
TPS R121473896 TVO 1009938539
SERIE/SERIAL 024 403861

EMIS PAR ACCESSIBLY BY STATION CENTRALE POUR OR
ORLEANS EXPRESS
10 MCCILL STREET
MONTREAL

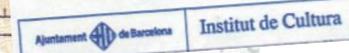
NON VALABLE POUR LE TRANSPORT NOT FOR TRANSPORTATION

ALL ETUDIANT
LOW STUDENT
113.87\$

I hope you liked
The milk and cookies
You look a littel
funny whit
I whent your ho
Party on To a chirt
Dec. 7 1996
get To



le des monuments historiques et
INTE CHAPEL
entrée
RIF REDU



VALIDABLE LE 22/07/1999
VENDU LE 22/07/1999 A 15H40
CRISSÉ No 11 8801

Der

ticket à conserver en cas de contrôl



Guggenheim BILBAO
Richard Serra
Chilida: 1948-1998
Abandoibarra Etorbidea, 2 • 48001 Bilbao • Tel. 94 435 9

Gabriel
Gabriel Pillar



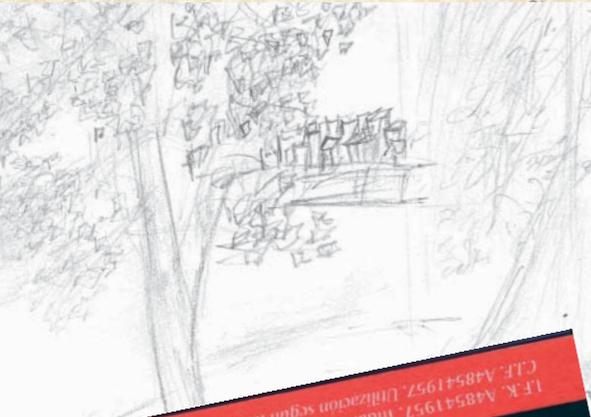
Gabriel Gomes Pillar
UFRGS



FESTA DE FORMATU

Dia: 06 de dezembro de 2001, 23h
Local: Grêmio Náutico União
Alto Petrópolis, Av. João Obino, 300

ULTRAMAR PRESE
CIRQUE DU SOLEI
PLACE DE VILL
STE-FOY
SECTION 5
RANGÉE - ROW R
SIEGE - SEAT 15
6 JUILLET 1999
SAMEDI 20H00
ENFANT \$6.00
NON REMBOURSABLE - NO REFUND
2000CIR06075 07042410 580



← 25.07.99
Tarjetas BBK.
El dinero que mejor se lleva.
BBK Txartelak.
Ondoen eramaten den dirua.
←



Nome do passageiro
NAME OF PASSENGER
ECONOMY
PILLAR/GABRIELMR

EMPRESA VOO CLASSE DATA
RG 8864 Y 26JUN

DE FROM PARA TO
GRU JFK 0198

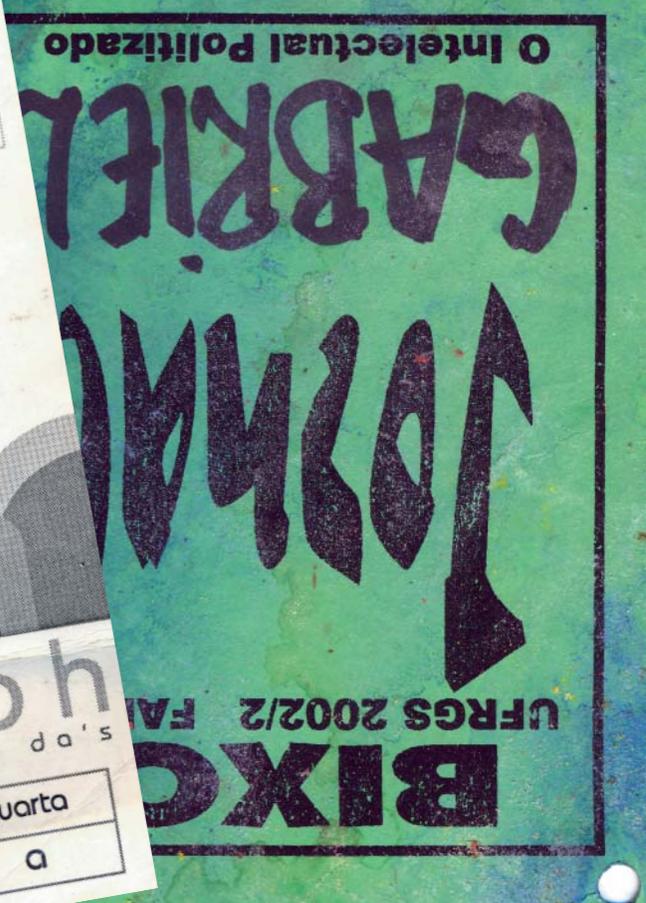
PORTÃO HORA DE EMBARQUE NÃO FUMANTE FUMANTE
GATE BOARDING TIME NO SMOKING SMOKING
21 2150 15A NO



Gratuita
Dohainik

Bilboko Arte Eder Museoa
Museo de Bellas Artes de Bilbao

125672



o nacional de ca's e da's

| | | |
|---------|-------|--------|
| segunda | terça | quarta |
| ca | ca | ca |

Gabriel Pillar

Expediente

Organização

Carol Bensimon • Marcelo Firpo • Marcelo Träsel • Mariza Lacerda Gomes
Valério De Patta Pillar • Vanessa Wozniak • Walter Valdevino

Contribuições

Alex Primo • Alexandre Rodrigues • Antenor Savoldi • Beto Baibich
Beto Chedid • Bibiana Osório • Bruno Galera • Camila Becker • Carol Andreis
Chiquinha (Fabiane Bento) • Cícero Aguiar • Daniel Galera • Douglas Ceconello
EGS (Eduardo Guimarães da Silveira) • Eduardo Menezes • Elvis Branchini
Emanuel Mattos • Francisco (Cisco) Costa • Gressi Estevan • Gustavo Cavinato
Hermano Freitas • Joelma Terto • Juliano Azzi Dellaméa • Kristina May • Leonardo Pires
Lucas Rizzatti • Marcia Benetti • Marsílea Gombata • Nego (Leandro Pereira) • Paula Quintas
Pedro Rocha • Renato Parada • Rodrigo Alvares • Ronai Rocha • Sabrina Fonseca
Saulo Szinkaruk • Solon Brochado • Taís Campelo • Tainá Müller • Tiago Dória

Foto de capa

Gabriel Pillar • *White*, em 27 de novembro de 2005, Québec.
Todas as fotos, desenhos e manuscritos contidos neste livro são obra
de Gabriel Pillar, a não ser que haja indicação em contrário.

Projeto gráfico e editoração eletrônica

Letraria

1ª edição • 2007



Este trabalho está licenciado sob uma Licença
Creative Commons Atribuição-Uso Não-Comercial-
Vedada a Criação de Obras Derivadas 2.5 Brasil.
Para ver uma cópia desta licença, visite
<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/2.5/br/>
ou envie uma carta para Creative Commons, 171 Second
Street, Suite 300, San Francisco, California 94105, USA.

CATALOGAÇÃO NA FONTE

P641g Gabriel Pillar / organizado por Carol Bensimon ... [et al.]. - Porto
Alegre: Edição dos Organizadores, 2007.
128 p.: il.

Alguns textos apresentam-se em inglês.
Marcelo Firpo, Marcelo Träsel, Mariza Lacerda Gomes, Valério
De Patta Pillar, Vanessa Wozniaki, Walter Valdevino (orgs.).

1. Biografia. 2. Fotografia. 3. Entrevistas. 4. Cibercultura. 5.
Política. 6. Literatura. I. Bensimon, Carol, org.

CDU: 92

Apresentação

Compartilhar sentimentos, experiências, projetos e textos era o que nosso filho Gabriel mais gostava de fazer. O Gabriel tinha grande facilidade de transitar em diferentes linguagens, de circular por diferentes meios e provocar diferentes interações. Este livro é de certa forma uma continuidade desse compartilhar. Um romper do silêncio que pairou sobre todos nós após sua morte prematura em um acidente de carro em 4 de dezembro de 2006. Uma tentativa de subverter o que nos paralisou. Um recriar dos nossos tempos e do nosso reunir. Um descongelamento das nossas emoções. É um dar voz às coisas já feitas, sem que se esgotem nas palavras. Um alargamento das nossas trajetórias. Uma homenagem, um traduzir saudoso de nossos encontros, como se estivéssemos reconstruindo um mosaico que por vezes pareceu esfacelado. Nesta coletânea, reunimos fragmentos de memória e buscamos a justaposição de suas fotos e textos com manifestações de pessoas que conviveram com Gabriel em diferentes momentos. Selecionamos textos publicados em Feel the Vertigo, blog que Gabriel mantinha no portal insanus.org. As fotos mais recentes foram publicadas por ele no Flickr (www.flickr.com/gpillar); mantivemos os títulos e legendas originais. Incluímos também entrevistas em que o Gabriel fala das suas experiências. Os textos-homenagem, na forma de fragmentos ou na íntegra, foram em sua maior parte publicados em blogs. Incluímos também fotos pessoais, anotações manuscritas e outros registros.

Este livro resultou dos esforços de muitas pessoas que abraçaram carinhosamente o projeto e que permitiram realizá-lo em tão pouco tempo. Isso não teria sido possível sem os demais organizadores (Carol, Firpo, Träsel, Walter, Vanessa). Agradecemos também a todos que contribuíram com seus textos, fotos e outros materiais. Agradecemos a Eduardo Menezes pelas sugestões, a Ronai Rocha, Kris May e Sabrina Fonseca pela ajuda na compilação, a Jussara Bordin e Marta Rocha pelas sugestões, e a Humberto Vieira pelas dicas. Agradecemos também a Emanuel Mattos pela cuidadosa compilação de homenagens ao Gabriel, que serviu de inspiração para este livro. Esperamos que o folhear destas páginas evidencie o significado de compartilhar sentimentos, de compartilhar vida, e que tenha a leveza do encontrar e do recompor, o sentimento do movimentar-se na impermanência.

Mariza e Valério

Porto Alegre, outubro de 2007



O mundo conspira
ao meu favor,
e eu apenas sorrio
e digo venha.





Preenchendo formulários para distrair a noite.

há 10 anos

1. Eu era um guri
2. Preenchia questionários como esse em caderninhos
3. Freqüentava reuniões dançantes
4. Tocava flauta

há 5 anos

1. Queria mudar o mundo
2. Comecei a fotografar
3. Pintava o cabelo de rosa e azul
4. Ouvia punk rock

há dois anos

1. Comecei a namorar a **Vane**
2. Passei cinco dias num ônibus pra chegar em João Pessoa
3. Achava que o jornalismo era a solução para todos os problemas do mundo
4. **Visitei** a redação do Diarinho

há um ano

1. Trabalhava na gráfica da UFRGS
2. Me desiludi com a faculdade
3. Senti saudades
4. Pensei em cursar matemática

ontem

2. Dormi a manhã inteira
3. Fui no centro procurar um microfone
4. Passei o dia achando que era sábado
5. Fiquei até tarde na rua bebendo **com amigos**





hoje

1. Dormi a manhã inteira
2. Saí pra tomar sorvete e café
3. Passei o dia achando que era domingo
4. Quis formar uma banda

amanhã eu vou

1. Dormir a manhã inteira
2. Achar que já deveria ser segunda
3. Tentar escrever muitos textos que estou devendo pra faculdade
4. Sair pra tomar sorvete e café

cinco coisas sem as quais não posso viver

1. Amigos
2. Meu computador
3. Um caderno sem linhas
4. Café
5. Livros

cinco coisas que eu compraria com \$1.000

1. Livros de fotografia
2. Uma passagem pra São Paulo
3. Mais livros
4. Alguns pedais pra minha guitarra
5. Uma máquina de café expresso

cinco maus hábitos

1. Não conseguir dizer 'não' pras pessoas
2. Dormir demais
3. Não responder e-mails
4. Deixar as coisas pra depois
5. Ficar muito tempo na frente do computador

cinco programas de TV favoritos

1. Simpsons
2. C.S.I.
3. Alias
4. Southpark
5. Qualquer um sobre construir coisas

três coisas que me assustam

1. Altura
2. Dores no peito
3. O Futuro

três coisas que estou vestindo neste momento

1. Pantufas velhas
2. Calça de moletom
3. Camiseta da **cove** escrita :-L

quatro das minhas bandas favoritas

1. Smashing Pumpkins
2. Itamar Assumpção
3. The Seatbelts
4. Billie Holiday

três coisas que eu realmente quero agora

1. Um beijo
2. Um café expresso
3. Não ter sono

três lugares onde quero ir de férias

1. Praga
2. Ushuaia
3. Turquia



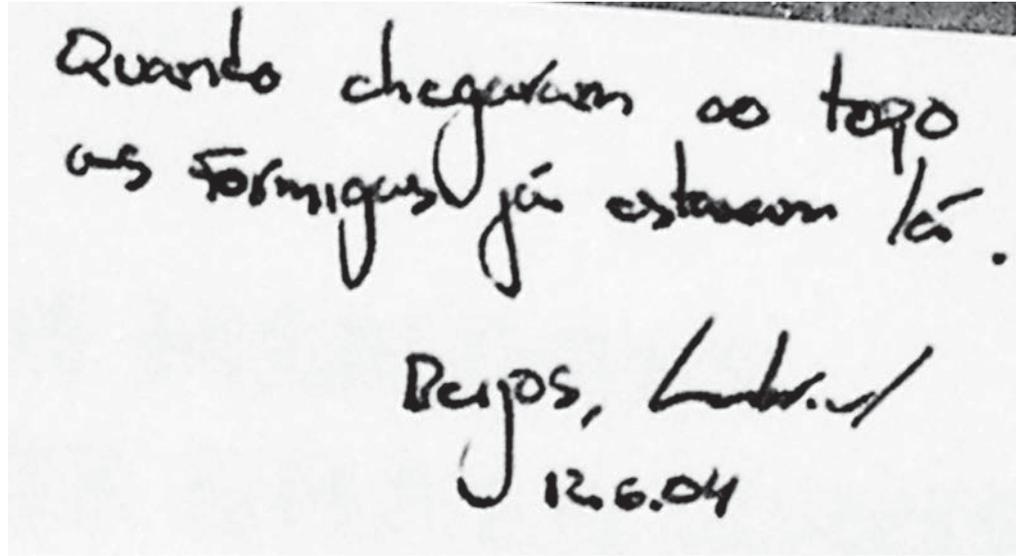
por Gabriel Pillar

[29 de maio de 2005, 02h23min]

devaneios

CONTINUO MINHA BUSCA POR TRÊS FORMIGAS
ALEATÓRIAS, ACHO QUE O INVERNO É UMA BOA ÉPOCA.

por Gabriel Pillar
[10 de maio de 2004, 13h01min]



Quando chegaram ao topo
as formigas já estavam lá.
Beijos, Luiz.
12.6.04



hiperdocumentação

Ao menor sinal de encontro todas as máquinas começam a pipocar seus flashes. Hoje à noite, em vez de duas, cinco tinham a ânsia de registrar cada momento. Vatapá para os amigos, vinho entre dois ou três, e não tenho dúvida que terminamos com algumas centenas de imagens.

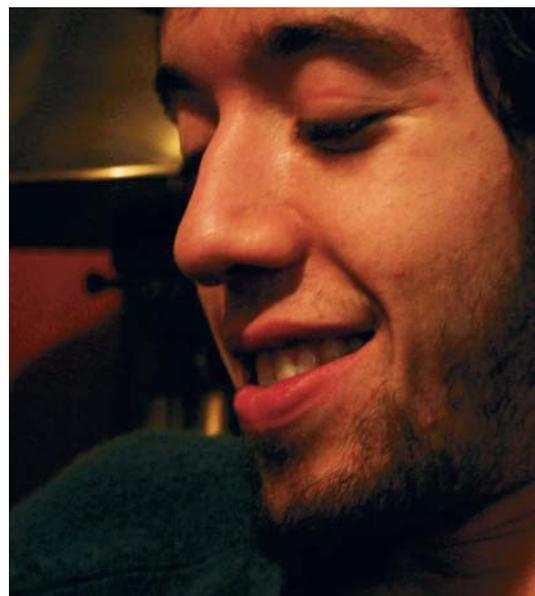
Maldita era do digital em que descarrego o cartão e me vejo diante de 220 fotografias. Cortando umas trinta totalmente descartáveis, continuo com um belo bocado pra tentar selecionar e fazer algo a respeito.

Desde que a nova máquina digital entrou na residência Pillar, o procedimento padrão tem sido gravar as fotos em um cd e ignorá-las momentaneamente. Isso quando o cartão de giga não tiver sido preenchido, dificultando o processo de arquivamento.

O que antes era apenas memória, hoje registramos em pixels. A **Carol** já tinha comentado sobre o momento de hiperdocumentação pelo qual estamos passando. Desse excesso de registros, o que vai sobrar no final? São 04:35 e já estou nostálgico do que aconteceu instantes atrás.

por Gabriel Pillar

[29 de julho de 2005, 04h35min]



Ai solidão é um sina

O novo formato deste blog abre precedência pra que ele seja justamente isso, simplesmente um blog. Isso me dá a liberdade de, de uma hora pra outra, sair de divagações sobre fractais e propriedades emergentes e vagar pelas mais pessoais das publicações (sim Cisco, eu sei que estou devendo o post sobre o ID).

Nesse campo, vejo que o ápice é a letra de música. No Vertigo que agora se torna o meu diário colado na janela da rua, a música não diz absolutamente nada pro espectador de fora. Ou melhor, grita aos olhos de todos uma sensação que só eu estou tendo com a canção, tentando encontrar consolo naqueles que possam vir a vislumbrar nem que seja o ínfimo sentimento comum. Só para então sentar de canto e assoviar qualquer verso seu. Isto é, sem entrar nos méritos da música ser um ótimo enchedor de lingüiça.

Ausencia

Cesaria Evora canta Goran Bregovic,
da trilha de **Underground**,
do iugoslavo Emir Kusturica.

Ausencia, ausencia
Si asa um tivesse
Pa voa na esse distancia
Si um gazela um fosse
Pa corrê sem nem um cansera

Anton ja na bo seio
Um tava ba manchê
E nunca mas ausencia
Ta ser nós lema

Ma sô na pensamento
Um ta viajà sem medo
Nha liberdade um tê'l
E sô na nha sonho

Na nha sonho miéforte
Um tem bô proteção
Um tem sô bô carinho
E bô sorriso

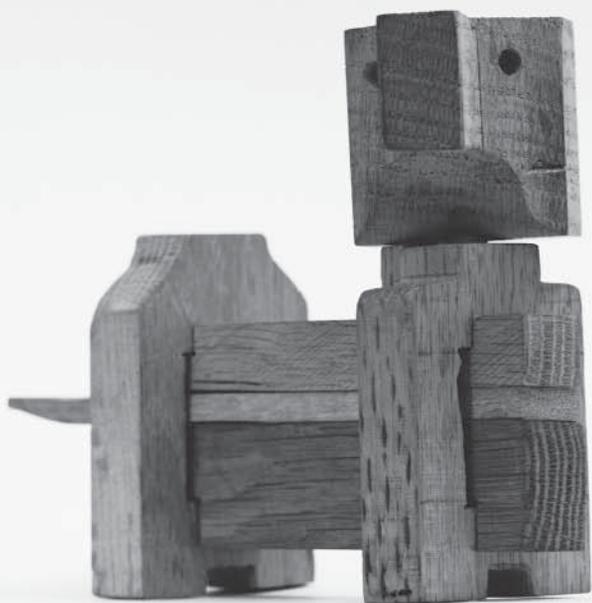
Ai solidão tô'me
Sima sol sozim na céu
Sô ta brilhà ma ta cegà
Na sê clarão
Sem sabe pa onde lumia
Pa ondê bai
Ai solidão é um sina

Ausencia, ausencia

por Gabriel Pillar

[14 de janeiro de 2005, 01h33min]

Foto de Ronai Rocha



Na minha época os cachorros faziam woof woof

Eu preciso de um cachorro.

Pré-requisitos: não comer mais que eu, gostar de apartamentos, manter a voz baixa e ter pêlos porém não soltá-los.

Até passei a considerar a raça da foto depois que fiz a mesma exclamação hoje de tarde e recebi como resposta *Minha cadela vai dar cria. R\$ 2.500 o filhote fêmea.*

Alguém se habilita?

por Gabriel Pillar

[06 de março de 2005, 23h30min]

▲ QUEBRA-CABEÇA EM MADEIRA
Feito por Gabriel Pillar na infância

anotação mental

ESSA FOI A NOITE INSONE MAIS IMPRODUTIVA DE TODOS OS TEMPOS.

por Gabriel Pillar
[10 de maio de 2004, 13h01min]



Eu também sonhei com uma sinfonia

*O título é uma homenagem ao **Bituca**, que certa feita contou ter sonhado uma sinfonia completa e ter esquecido de tudo tão logo amanheceu.*

Lá pelas três da manhã acordei completamente transtornado. Não pelo calor infernal ou pela umidade que me deixou colado na parede, mas com a REVELAÇÃO que me foi transmitida em sonho. Em meio a coisas corriqueiras como viagens pelo estrangeiro e anões tocando cítara, fui agraciado com uma verdadeira sinfonia caótica.

O conjunto de sons era ao mesmo tempo a coisa mais grotesca e a coisa mais bela do universo. Tons se alternavam de maneira nada rítmica ou melodiosa, porém tudo parecia fazer o mais completo sentido. Levantei e pensei que definitivamente aquele era o segredo maior da existência.

Por instantes tudo ficou mais claro. Imaginei contruir uma grande máquina capaz de reproduzir com exatidão aquele mesclar de tons e sobreposições imprecisas; estruturas nada mais que naturais. Estava sedento, e ainda no lúgubre do sonho.

Acho que deve ter sido a luz fluorescente penetrando duramente a retina, pois mal cruzei a porta da cozinha e esqueci de absolutamente tudo. Todos os sons, a construção do aparelho, e a notação exata, mas ao mesmo tempo inexistente, ficaram lá, naquele ínfimo instante entre o levantar pra saciar a sede e o cair novamente no sono, ao sonho.

Restou apenas a vontade de ter voltado, e a certeza de saber qualéqueé.

por Gabriel Pillar
[14 de março de 2005, 15h52min]



▲ DINNER FOR FIVE

Figurinhas

Sempre gosto de jantar lendo alguma coisa aleatória e completamente sem relevância para o momento. Uma distração simples que encontro em panfletos anunciando novos empreendimentos imobiliários no bairro, uma página do caderno de empregos da Folha de duas semanas atrás ou, como é o caso na grande maioria das noites, o catálogo de promoções do Zaffari. É, digamos, o meu instante poético do dia, me deleitando ao virar a página dos queijos e fiambres.

Como ontem não poderia ser diferente comecei a procurar pela pilha de couché colorido que chega na caixa de correspondência todo dia. De início fiquei faceiro por receber um álbum da boa e velha Panini, alegria dos recreios do primário ~~em suas partidas de bafe~~ batendo figurinha com um 5x7 do Goycochea. O livro ilustrado **Hot Car 2006** pedia para ser folheado com todo carinho da juventude entre uma colherada de canja e outra, lembrando das velhas coleções de Quatro Rodas e as maravilhas de uma Lamborghini Diablo amarela. Todo esse saudosismo me deixou desprevenido e o que veio em seguida foi um estado de total perplexidade ao passar por aquelas páginas lustrosas.

HotCar, para meu espanto, trata-se de um álbum de figurinhas de tunagem, alargamento de carroceria e motores envenenados. Todas auto-colantes, obviamente, pois há muito foi-se a época em que o guri saía de casa com um tubo de Tenaz no bolso. Entre cromos mostrando rodas de liga leve, sistemas de som e aplicações de néon azul debaixo de um Fusca, as legendas contribuem para deixar tudo mais assustador. Descrições como “Malvada! Mercedes SLR ficou bandida com as rodas exclusivas e o filme escurão” ou “Celta criminoso tem visual diferentão, com pintura fosca e grade cromadona na frente” com certeza deixarão a Grande Porto Alegre em alvoroço. Terminei minha canja em silêncio e resolvi deixar o álbum de lado. Não quero nem pensar no que vai ser o mundo daqui a quinze anos quando essa gurizada crescer. Me deixem com a página de carnes ali do supermercado que por enquanto ainda estou contente.

por Gabriel Pillar

[20 de fevereiro de 2006, 20h09min]



▲ CORNER STORE

A definite favorite on the streets of Palermo neighborhood

▼ LE SALON VERT



Na madrugada

Uma seleção pra décima hora do meu dia, que sim foi curto:

Dance Me to the End of Love – Madeleine Peyroux

In a Manner of Speaking – Nouvelle Vague

Kissing the Liplless – The Shins

Goodnight Moon – Shivaree

Bang! – Yeah Yeah Yeahs

Friday Night, Saturday Morning – The Specials

Love of the Loveless – The Eels

One Big Holiday – My Morning Jacket

por Gabriel Pillar

[24 de junho de 2005, 02h36min]



▲ BIERE ET VIN

Depanneur on the corner of Fullum.

Foto do arquivo pessoal



Trilha Sonora

Mas que beleza caminhar da fabico até o centro ouvindo a NONA a todo volume, ajustando o passo ao som de piccolos e oboés. *Wonders of a soundtracked life.*

por Gabriel Pillar

[06 de abril de 2005, 12h49min]

Foto de Walter Valdevino



Homem de vidro

Eu já andava preocupado com o rápido avanço do projeto cadeira de rodas até os trinta, abraçado por vários colegas do mundo corporativo. Tendinite aguda aos vinte e quatro, aposentadoria prematura aos vinte e seis, rumo às rodinhas elétricas em pouquíssimo tempo.

Como não consigo suportar a idéia de freqüentar uma academia, dessas de ginástica, com eixos rotativos, objetos que pesam mais que cinco quilos e pessoas saudáveis ouvindo Corona às sete da manhã, resolvi buscar outros meios pra matar a tão cultivada pança de cerveja.

Há mais de um mês eu já tinha me apropriado da bicicleta do meu pai, obviamente deixada ao lado da escrivaninha pra pegar pó. Pois ontem resolvi encará-la de vez e sair pra fazer o tal Caminho dos Parques.

Tá certo que eu não fui muito além da sorveteria Jóia, mas não é isso que interessa, pois fiquei deveras impressionado com o mundo das pessoas que se EXERCITAM.

Mal andei duas quadras na Goethe e já fui recebido com sorrisos por duas garotas que corriam na minha direção. Blusa encharcada de suor, garrafa de água na mão e um radinho amarelo preso ao braço direito. Pouco adiante, ao fazer a curva da Vasco da Gama, troquei ligeiras palavras com um senhor que conduzia sua bicicleta a passos largos. Queria saber do jogo do Inter, e onde comer algo natural naqueles arredores. Passaram minutos e eu já estava defendendo a causa, acompanhando pai, mãe e filho que xingavam o motorista de uma Toyota. Havia invadido a faixa reservada aos ciclistas. Hoje cedo pedalei meu novo meio de transporte até a Fabico, e assim que eu estudar ROTAS e locais para estacionar o veículo, farei o mesmo em minhas jornadas diárias ao centro. Só me resta calibrar os pneus e colocar baterias no farol que estará tudo feito.

por Gabriel Pillar

[11 de abril de 2005, 18h07min]

Fui. Não volto. Valeu por tudo.

Assim mesmo, em bloco, pra passar despercebido. A primeira coisa que fiz foi pegar a bicicleta e sair a andar pela cidade. É impressionante como as tardes em Porto Alegre podem ser agradáveis. Poucas pessoas na rua, sento pra tomar um café, ler uma revista e até encaro um sessão de cinema depois. Uma não, foram três na semana – um recorde comparado com as poucas visitas às salas de exibição nos últimos meses. A tendinite no braço direito começou a melhorar, e chega dez da noite e não estou mais caindo de sono. Continuo dormindo até tarde, mas isso está tão impregnado em mim que vai ser difícil mudar tão cedo. Estou feliz, contente com a vida e com os planos para o FUTURO. Aos poucos tiro o pó da lista de projetos interrompidos. Mas não nessa semana. Quero passar alguns dias assim, fazendo nada, e me preocupando com menos ainda. Tomo outro café, tenho uma vontade incrível de comer algo doce, e fico ali sentado, olhando o movimento da rua.

por Gabriel Pillar

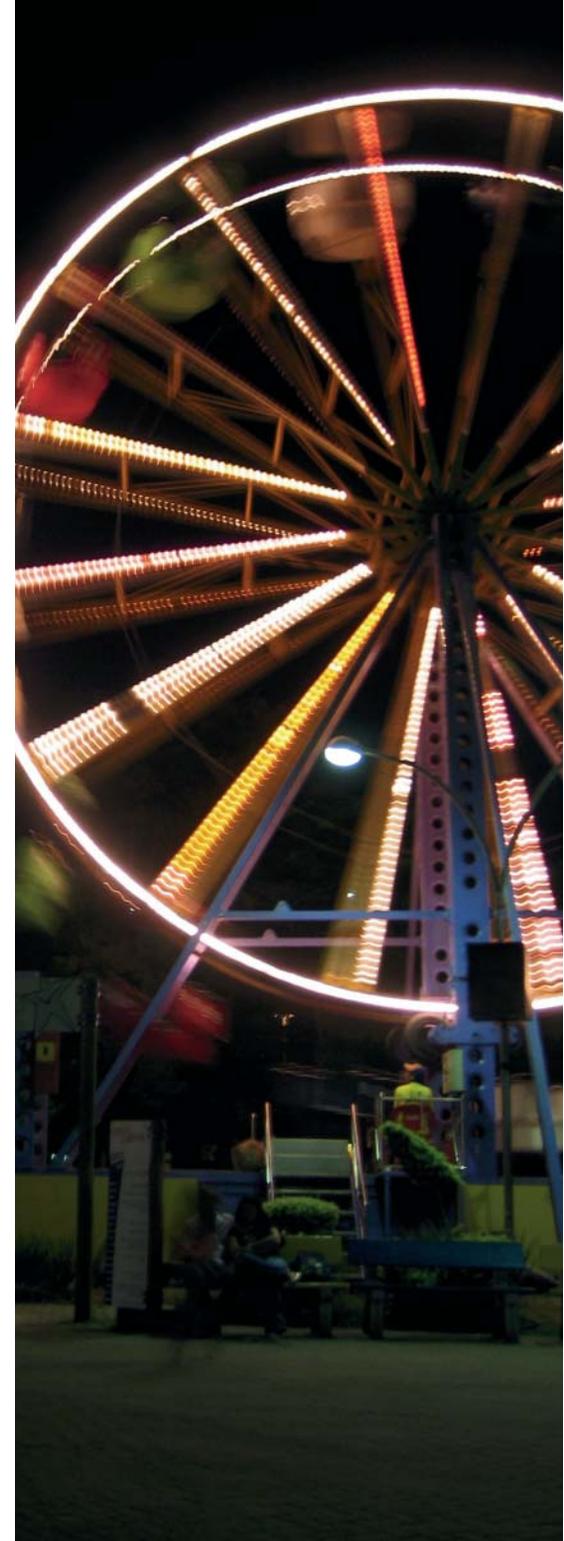
[13 de junho de 2005, 16h24min]

Calliope

Tenho uma fixação por músicas circenses e trilhas de parques de diversão. O clima sombrio, o carrossel girando em câmera lenta, gargalhadas ao fundo e um bigodudo de capa chamando todos pra assistir a mulher barbada. Enfim, aquela coisa toda. ...

por Gabriel Pillar

[26 de abril de 2005, 01h04min]



▲ NOSTALGIA



Como arrumei meu iPod com uma palheta

DISCLAIMER: As informações abaixo servem para o iPod 3G (botões alinhados acima da roda) e o 4G BW (botões na roda, tela preto e branco). Não tentem isso em casa, obviamente não me responsabilizo por nada.

Tantas Chinelagens animadas com ele deixariam saudades. Depois de pouco mais de uma semana deveras triste pela morte do meu iPod, o que me levou a perder 20GB do melhor eurodance, consegui arrumar a saboneteira na manhã de hoje usando apenas uma palheta de guitarra. Tão eficiente que ainda garanti um grunge a todo volume enquanto esperava a bateria carregar, só mais uma vez.

Quando ele começou a travar no meio do poperô e ser friamente ignorado quando conectado ao computador, achei que tinha ido pro saco de vez. Confesso que por instantes pensei em abandonar o branco e comprar um Zen laranja, mas os vinte anos usando a Maçã falaram mais forte.

Aqui perdi tudo

Minha primeira tentativa foi reformatar o bicho.* De pronto apareceu o ícone piscando a tela, mas foi só tentar transferir uma música do Bright Eyes que tudo foi pro espaço. Sabia que não poderia confiar demais no tal indie-folk.

* Se o sistema não estiver reconhecendo o iPod, tente entrar em "disk mode" apertando PLAY e BOTÃO DO MEIO. Isso faz como que ele seja reconhecido como um HD externo qualquer.

Claramente o problema era no HD. Não posso dizer como eu sabia disso, mas logo comecei a procurar informações sobre a operação para substituí-lo. Um TOSHIBA MK2006GAL de 20GB* custa, novo, em torno de 100 dólares no mercado estrangeiro. O valor do transporte aqui pro Sul é abusivo – sem contar os 60% cobrados por nossa querida Receita Federal –, então pra fazer esse transplante eu precisaria recorrer aos meus amigos muambeiros. Uma demora inadmissível. Eu tinha que voltar a Bater Palmas e Dizer Yeah! assim que anoitecesse.

* O MK3006GAL, de 30GB, também funciona sem problemas e pode ser um upgrade bacaninha. Os modelos de 40 e 60GB são maiores e não caberiam na caixa. Pra usar eles é preciso comprar uma PARTE DE TRÁS do iPod de 60GB.

Um tapinha não dói

Shake your iPod ou a variante *SLAP your iPod* são dois movimentos que prometem retornar o HD às suas funções normais. Me impressionei com a quantidade de relatos de pessoas que haviam “espancado” o seu branquinho, que logo voltou a tocar os solos do Nightwish sem engasgar. Duvidoso, no mínimo, mas a essas alturas eu não tinha nada a perder. É claro que a idéia de pegar um HD e chacoalhar como se fosse carnaval não me pareceu nada promissora. Assim, passeando por fóruns e listas de discussão, encontrei um comentário sugerindo que o grande trunfo dos métodos que pregavam O Abuso Da Saboneteira poderia estar antes mesmo do Ato Agressor. Bastaria tirar e reencaixar o conector que liga o HD à placa principal do iPod para que ele voltasse a funcionar. O tapa ou o agito seriam apenas perfumarias*.

* O chacoalho pode ser necessário se a cabeça do HD estiver trancada, mas não digam que eu falei isso, porque a probabilidade de arranhar as placas do disco é alta. Mais uma vez, quando não há nada a perder, só alegrias.

Macaco

Por três dias fiquei olhando praquela caixinha metálica tentando descobrir como separar as suas metades e chegar até o HD. Com uma chave de fenda na mão por pouco não arruinei tudo. **Não usem pontas metálicas**, o material tanto da base quanto do topo branco risca que nem giz. Sem as listras e o chapéu gala, ficaria tentando esconder o corpo no azeite de oliva. Corri até as lojas de eletrônica do centro de Porto Alegre pra comprar alguma ferramenta que tivesse a ponta de plástico ou de borracha e servisse para alavancar o meu caminho. Fui recebido com caras estranhas. Como se estivesse pedindo hambúrguer em churrasco, me diziam que “aqui chave de fenda tem ponta de metal.” TCHE. A solução foi usar o que havia à mão. Estava a tocar um ho ho ho em escala maior, e a palheta escorregando entre os dedos virou pra mim sorrindo.

FLUSH, arrasta o pedaço de plástico pelo lado tentando encontrar uma folga, depois é só alavancar com força que os lados desencaixam. Levei horas e duas bolhas no dedo indicador direito até o sucesso.

Vale reparar a conexão entre as duas partes. Vire o iPod com a tela para baixo e retire a TAMPA DE TRÁS para o lado. Com a mão na massa isso fará algum sentido.

Ato final, em que Buster salva o dia

Dali pra diante não haveria qualquer mistério. O plug fica no topo do HD; bastou um mínimo de delicadeza pra desconectá-lo, dar uma soprada nos conectores (por puro saudosismo das fitas do NES), e encaixá-lo de volta no mesmo lugar. Fechei a tampa, pressionando igualmente em ambos os lados, e corri pra ouvir o novo podcast do insanus.

Sim meus caros leitores, eu realmente usei 5000 caracteres para dizer que (1) enfiei uma palheta, (2) religuei um conector e (3) fechei a tampa. São as maravilhas de uma sexta-feira entediante. Boa noite.

por Gabriel Pillar
[24 de março de 2006, 20h48min]



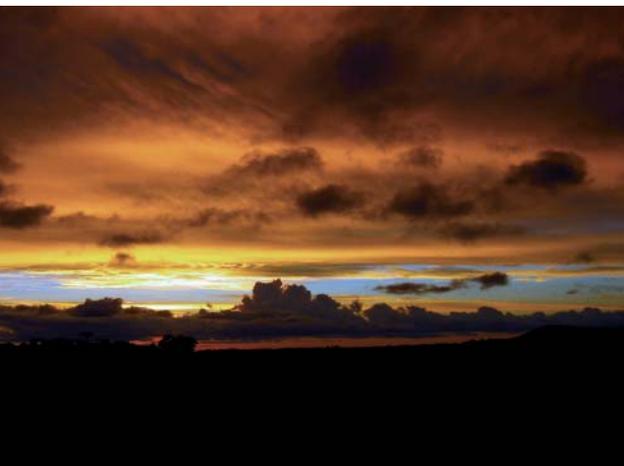
LEGO

Entediado numa manhã de chuva?

- 1) Abra um drive USB e retire a placa
- 2) Use uma lima para abrir espaço dentro de uma peça de LEGO
- 3) Force a placa para dentro do LEGO
- 4) Feche tudo com outra peça mais fina
- 5) TA-DAH !

O modelo ainda precisa de alguns ajustes, mas pelo menos deu pra ver que funciona.

por Gabriel Pillar
[31 de maio de 2006, 14h37min]



▲ THE SKY IS FALLING

Breve homenagem a Howard Kettler

O primeiro dia de fevereiro de 2004 foi um dia quente, para o inverno do norte ao menos. Mas também foi um domingo, o que necessariamente transpõe essa pequena narrativa para o próximo dia. O segundo dia de fevereiro de 2004 não foi tão quente, mas justas razões do calendário escolar nos fizeram falar sobre este e não o anterior.

Segunda-feira, nove da manhã, e Howard Kettler, um jovem de 13 anos de idade, entregava seu trabalho final para a aula de história na pacata cidade de Shelby, Carolina do Norte. De pé, diante da professora, balbuciava incompreensível enquanto era reprimido por sua má escolha de fontes. Deve ser porque recém haviam cantado o hino, e mal.

“Uma carta pode ser apenas um mensageiro comum, ou ela pode ser o courier que radia dignidade, prestígio e estabilidade,” protestou o aluno àquela magrinha de óculos triangulares que exigia Times New Roman 14. Não era sua a frase, obviamente, mas gostara tanto daquele ímpeto conservador que precisava aproveitar a oportunidade.

“O seu trabalho sobre a guerra de secessão não pode...” Aquela magrinha de óculos triangulares tinha um jeito de pronunciar secessão que fazia seus lábios incharem. Se-ces-são. Isso arruinou qualquer discussão futura sobre o assunto.

Foi correndo pra casa e largou a vida de republicano. Descobriu o modernismo de Frutiger, entrou para o maravilhoso mundo encantado das fontes alongadas e abstraiu as serifas de sua vida. Passou o resto da juventude tentando disseminar a Univers pelos arredores do bairro. Cartazes vendendo máquinas de lavar e oferecendo serviços de babá, desses afixados com grampeador e picotados na base. Até porque a Courier ficava um lixo a 75°.

• • •

Exercícios literários em nó cego. O pdf completo e mais informações sobre a publicação ali no **Overmundo**.

por Gabriel Pillar
[01 de setembro de 2006, 16h00min]



▲ URUGUAYAN ROADS

O Uruguai e a dinâmica dos comboios

No início da semana passada fui dirigindo até Melo levar meu avô a negócios. Com o intuito de comprar o Uruguai, saímos cedo pra conseguir voltar no mesmo dia e colocar a capa nova do insanus no ar (viram que bonita?). A cidade, que fica logo depois da fronteira em Aceguá, é capital de estado mas tão pequena que no inverno o banco só abre depois do almoço. Sem problemas, tenho que respeitar um país onde a população come um pedaço de carne, e apenas um pedaço de carne, ao meio-dia. No caminho de volta, depois de encarar a Maior Tempestade De Todos Os Tempos com direito a chuva de raios, céu roxo e um dilúvio de água que transformava os carros na contramão em grandes clarões de luz – chuva que provavelmente caiu em razão da nossa tentativa de fincar bandeira em solo estrangeiro, também conhecido como bad karma –, me vi no meio

de um comboio e fiquei intrigado pela dinâmica que move um grupo de automóveis na estrada.

Estávamos sete ou oito carros andando a uma velocidade fixa, ultrapassando em conjunto e criando uma unidade que impunha respeito a qualquer veículo mais lento. Pode ser uma coisa masculina, mas a formação daquele grupo exercia uma grande atração, fomentando ao mesmo tempo sentimentos de segurança e valentia ao motorista que integrava o comboio.

É interessante como um grupo de pessoas que não se conhecem, representados ali apenas por carros cujas cores pouco se diferenciam na noite, passam a obedecer uma série de regras não declaradas que parecem inerentes a esse tipo de formação: a velocidade é mantida estável, nunca muito acima do limite estabelecido, e, desde que seguida a regra número um, em hipótese alguma um carro irá ultrapassar outro daquele mesmo comboio.

Qual o fato propulsor que conduz uma série de elementos isolados à unidade? A partir de que momento os motoristas se reconhecem como parte integrante de algo maior e passam a agir de acordo com essas regras?

Assim como a formação parece simples e ligeira, a sua dissolução é mais rápida ainda. Alguns quilômetros à frente, diante de um caminhão andando um pouco mais rápido ou um tráfego intenso na contramão, o primeiro e o segundo carro conseguem ultrapassar, mas já na vez do terceiro o motorista fica preso e passa a desestabilizar o comboio. O que antes era um grupo forte e estável quebra-se em pequenos grupos de dois ou três integrantes, momento a partir do qual a postura de cada motorista muda radicalmente.

O propósito inicial de cada um parece ser restabelecer a unidade do comboio, mas pra isso acabam quebrando as regras que justamente mantinham ele estável. O limite de velocidade já não é respeitado e os motoristas, antes cordiais uns com os outros, passam a se ultrapassar mutuamente em uma tentativa frustrada de criar algum vínculo com aqueles que passaram à frente, mas não com os poucos que restaram. Afinal um comboio de apenas três carros não é expressivo e nem viril o suficiente. Logo já não consigo ver os carros que há poucos minutos estavam à minha volta. Espalhados pela rodovia, volto à companhia solitária dos Peugeots vazios que viajam em cima de uma cegonha de 30 metros que insiste em atravancar a minha frente. Passo o resto do caminho imaginando o que deu errado e formulando uma teoria maluca, meio comunista, pra tentar angariar membros pro meu novo e renovado **Comboio**.

por Gabriel Pillar

[16 de julho de 2006, 23h15min]

▼ PIRIÁPOLIS

Once a sophisticated destination, Piriápolis lays deserted in the winter.



▲ RIO DE LA PLATA



for old times sake

O avião vermelho passou zunindo pela gente e ninguém percebeu, muito menos parou de assoviar. É hora de esquecer que nada mais faz sentido, que Strawberry Fields ficou para trás e que o retrô não serve o vazio. Pois chegam momentos em que talvez o antigo fosse o mais interessante. Novos anos.

Feel the vertigo volta à ativa, assim como meu ímpeto louco de fazer alguma coisa acontecer com toda essa lambisgóia que nos acompanha. Escrevo na vertigem, no nada ou no meio de algo, completamente transtornado e esperando ansiosamente o regresso.

Pode deixar que eu consigo esperar alguns meses. Mas apenas o necessário para voltar e encher de loucuras e beijos esses lapsos de inconsciência. Daqueles que sentimos esvair em nuvens, mas que ao menos mantêm-se constantes à sua virtude.

O novo não me choca mais, citava em posts anteriores, vendo que das coisas abandonadas muitas não deveriam ter sido.

Ah, e além do visual um pouco mais blog-friendly, coloquei um punhado de posts de outras épocas. As imagens eu não tenho mais, deslustrando muitos dos textos, porém não é nada que os impeça de ruminar por tempos menos perturbados.

por Gabriel Pillar

[04 de janeiro de 2005, 19h54min]

▲ PIPE DREAM

Somewhere close to Parc La Fontaine.

► PASSAGEWAY

Sense of the City exhibit at the CCA, Montreal.



anotação mental 2

ATÉ QUE PONTO É SAUDÁVEL SONHAR COM AS TRÊS LEIS DA ROBÓTICA?

por Gabriel Pillar

[21 de maio de 2004, 09h45min]

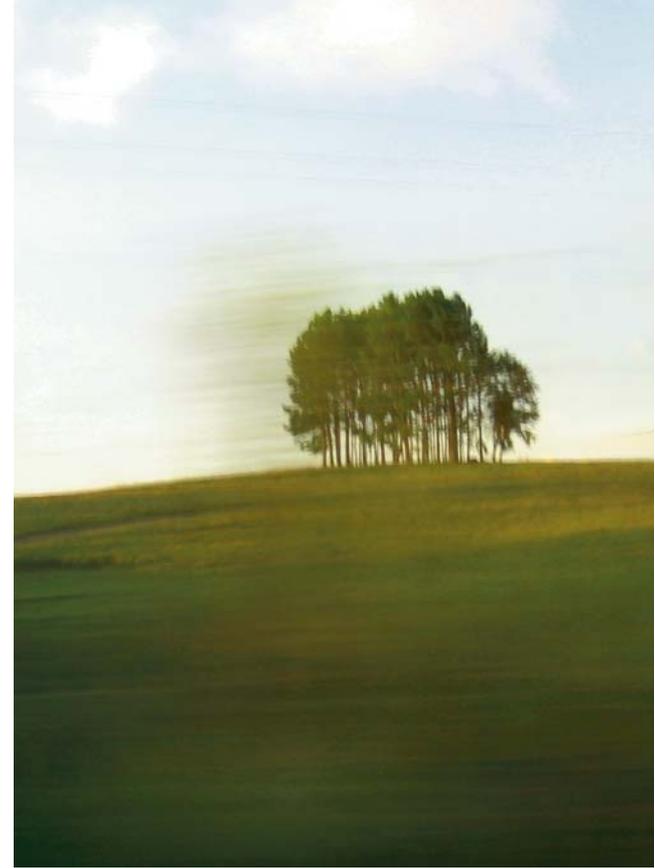


voltando ao pago

*eu subi, no alto da montanha
pra ver a planície, os homens pequeninos
a aldeia de longe, longe, longe, longe, longe*

Depois de uma semana ouvindo hip-hop de mina, tomando cerveja adoidado e tentando sentir um pouco menos dessa lonjura que nos aflige, rumei a Lavras do Sul com meu casaco de inverno e algumas garrafas de uísque debaixo do banco. Feriado que serviu pra curar princípios de tendinite e agravar o ermo da solidão. Malditas coxilhas.

Cravada logo ali depois do Vale do Seival em algum lugar entre rios, encontramos um reduto que já atraiu muitos por causa do garimpo, mas que hoje simplesmente paira no tempo com seus poucos milhares de viventes. O único sinal de modernidade é ostentado nas grandes 4x4 tatuadas com



▲ PAMPA RUSH I, II e III

cavalos crioulos e alto falantes que soam os mais novos sucessos da cidade – isso para os poucos que lucraram com a safra, obviamente.

Cai a noite e a lua sorri por cima da casa de campanha, junto com TODAS as estrelas possíveis de serem vistas no MUNDO. Acendemos a lareira, puxamos a viola, e o gaiteiro se põe a tocar modas de outros tempos. Outros tempos no sentido de que “*navegar é preciso, viver não é preciso*” não é necessário, capisce? Para tal são requeridas doses colossais de carne de ovelha e álcool, além de estar sentado bem ali, no meio do nada absoluto. *Somente quem tiver caos dentro de si poderá dar luz à grande estrela bailarina, já cantou Mautner subvertendo Nietzsche.*

A solução pra vida naquele momento parecia andar pelo meio da noite de lente em punho, tentando captar essas cousas que são realmente intransmissíveis. É como querer contar pra outrem a sensação de tocar os seios de uma menina pela primeira vez, ou tentar ludibriar em versos uma bela viagem de ácido.

por Gabriel Pillar

[16 de novembro de 2004, 17h42min]



Das coisas que recém foram

*Quem me dera o vazio fosse apenas
um pedaço de carne **

Passei o carnaval trabalhando em um documentário no Rincão do Inferno, lugarzinho bonito entre Lavras do Sul e Bagé (ou 30° 51'56.84"S e 53° 42'36.29"W se és desses). Dirigido por Pedro Rocha, também conhecido como Meu Primo, a idéia era retratar a poesia de Antônio Augusto Ferreira e a grande influência que o Rincão tem nos seus escritos. A. A., ou "Tocaio" Ferreira, é autor, entre outras, de Veterano, canção que ganhou a Califórnia em 1980 e lançou um estilo que hoje é referência no Sul.

A natureza no Rincão do Inferno é um espetáculo, e basta subir a formação de pedras característica dos arredores para ver o Pampa Gaúcho em toda a sua beleza. De manhã cedo, a cerração cobre o campo e tudo que se vê é um mar branco deslizando entre as coxilhas enquanto o sol pinta tudo de vermelho e azul. Que São José dos Ausentes que nada, eu quero é ver o Camaquã!

Diante do Grande Nada a vastidão nos deixa introspectivos, com direito inclusive àquele papo de "nosso lugar no universo", "existe vida lá fora?" e até breves tentativas de descobrir a natureza da mente. Já eu e minha urbanidade ficamos comendo figos e nos deliciando com as maravilhas de acordar às 5:15 da madrugada para ver o sol.

** frase célebre do grande EGS*



▲ DOCUMENTARY @ RINCÃO DO INFERNO
Somewhere over the rainbow...



▲ LAVRAS DO SUL
Lavras do Sul is a small town in southern Rio Grande do Sul, a place that seems to have stopped in time and is still stuck in the late 60s. Some say it is the best carnival in the region, and every year in February the city's population rises by the thousands. Me? I was working, so no crazy partying and drunkenness over the nights. These were taken through my window on our way back home.

◀ DOCUMENTARY @ RINCÃO DO INFERNO
As the sun goes up the fog dissipates showing the pampa below.

Tarja preta

Entrou no quarto e viu o filho comendo naftalina. Sentado, olhando triste para a parede, branca, saboreava aquele mata-traça enquanto cantarolava uma dessas canções estranhas e impronunciáveis de uma banda mais estranha ainda. Parou. Meu deus onde errei – seria a conclusão lógica de qualquer leitor para seu pensamento imediato, mas não conseguia tirar a maldita música da cabeça. Só então depois do refrão para bravar em alto tom (mental ao menos) PUTAQUIOPARIU onde errei?! Pois era ateu, e não acreditava nessas coisas do Mel Gibson.

Havia colocado o guri nos melhores colégios, ensinado a história do MUNDO e presenteado ele com um jogo de lego em TODOS os natais, e ali estava ele a drogar-se com químicos de supermercado. Que fosse ópio e escrevesse seus delírios ! Que fosse cannabis e lutasse pela salvação dos golfinhos ! Que fosse ácido e conhecesse o John Lennon! Naftalina meu filho! Naftalina!!

Deprimiu, pegou o Musashi e foi ler ao telefone; não sem antes misturar aquela ritalina ao seu copinho de JB. Só um cubo de gelo por favor, e vê se capricha.

Por ruas

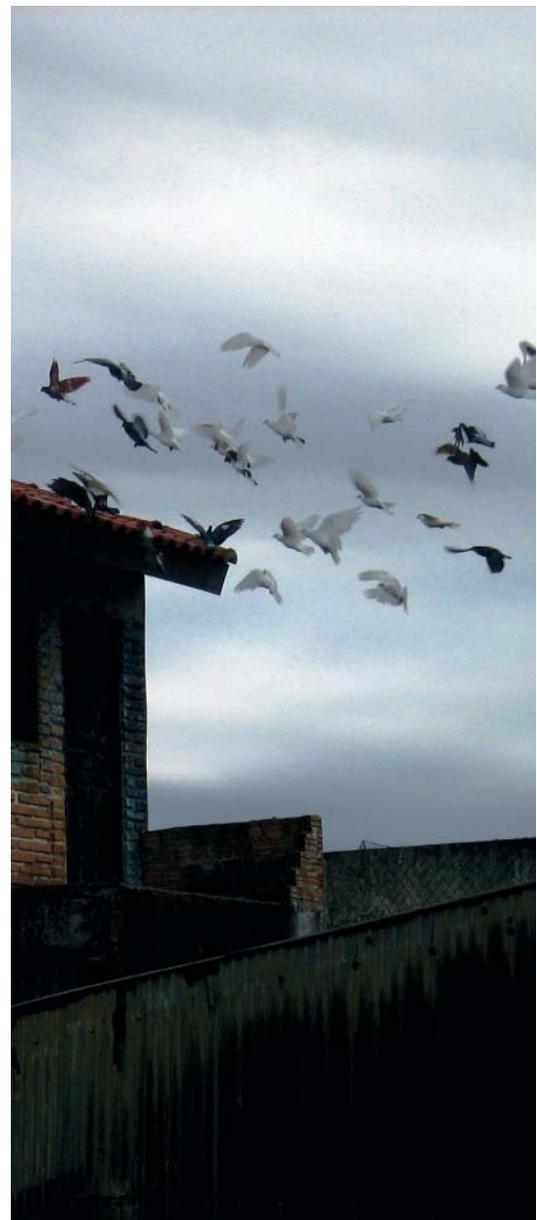
Acende um cigarro; não fuma, nunca fumou, mas acende pela graça de. Maldito dia que já paira alto. A manhã mal começou e o sol reflete os cacos no chão, resquícios de globo de uma boate que já não ligará seu chão piscante e multicolorido. Dançara muito.

Na rua cruzam figuras estranhas à sua distância. A senhora parada pro ônibus de sacola na mão que lê Sidney Sheldon; o papelheiro que abre seu depósito ainda de olho na moça que passa; correndo de pasta na mão e mochila batendo na bunda ainda menina, perde seu ônibus, senta na calçada e canta. Por aquelas ruas era apenas mais um transeunte. Há tempos não tinha a maravilhosa sensação de acordar e não saber onde, muito menos saber que fotos eram aquelas que decoravam paredes verdes que não suas. Saiu sorrateiramente, curtindo a cumplicidade de não saber. Muito menos de como tinha a chave. Tinha.

E pensar que nada teria acontecido se tivesse simplesmente entrado no táxi, mantido-se aquém a só mais uma coisa. Mas não. Saiu correndo, quis ver a noite, tomar vinho tinto em doses absurdas e deitar nu em quartos alheios, ainda que sozinho e com frio. Apenas saiu.

por Gabriel Pillar

[16 de novembro de 2004, 17h42min]



▲ BIRDS

This flock of birds kept flying from one roof to the other, playing some kind of pigeons' game while being barked at by two crazy dogs. Cloudy days can get tedious at the beach.

Entre os dias do nada e do tudo

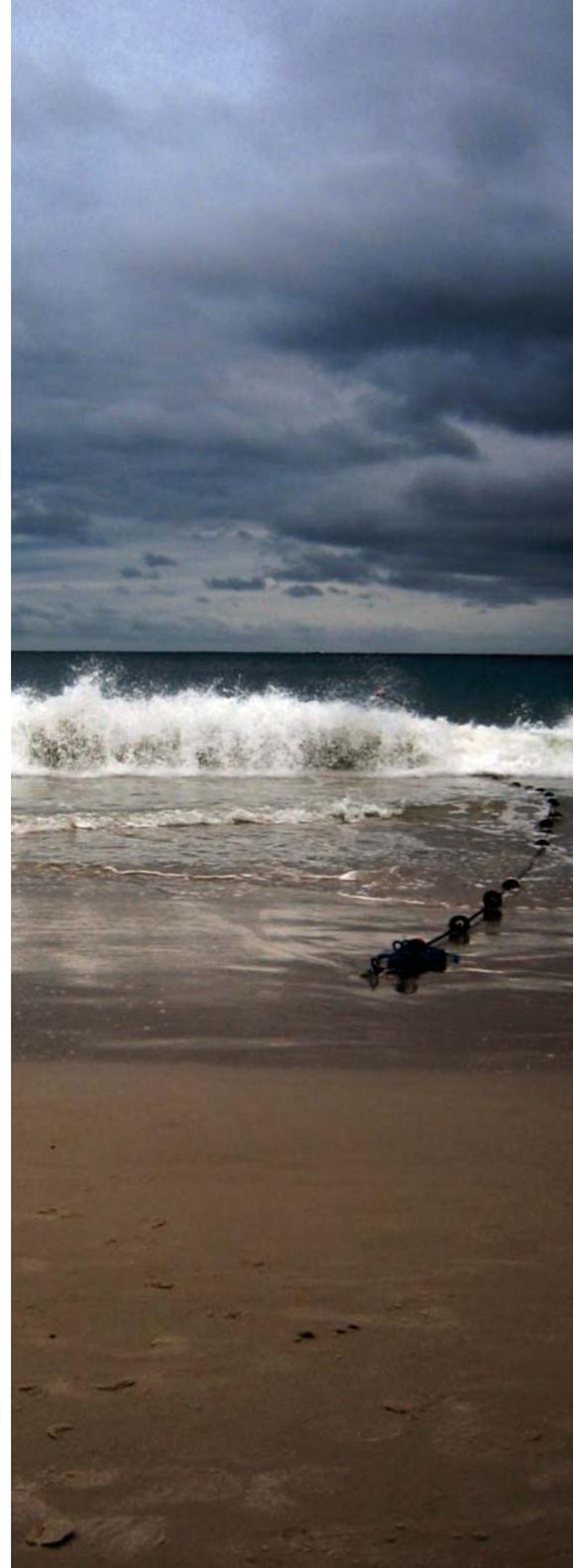
Passo reto pelo trabalho. Não quero fazer os livros de outrem, não ontem, não naquela situação. Meio da tarde adentro um pouco freqüentado cinema (por mim ao menos), distrações necessárias para um dia de completo nada. Sento no fundo, perto do corredor, e observo as pessoas entrando. Todas sozinhas, sentam o mais longe possível umas das outras. Também não quero interação, quero apenas assistir o filme. Mas eu já o vi. Caminhava pela Ramiro em passos largos; largos e trêmulos. Queria fugir de tudo, quiçá me enfiar numa bolha e pairar claustrofóbico e solitário. Perambulava quando desabou a árvore na minha frente – simplesmente caiu, morta. Ignoro os gritos do porteiro, o olhar estupefato da senhora de idade, o rebuliço criado em torno do ocorrido. Apenas dou a volta no caído e sigo indeterminado. Pois abandonei minhas poucas perspectivas, prontamente refutadas por um maldito ímpeto de saber tudo. Chega, não quero mais brincar disso.

Quero tomar o maior trago possível, cambaleiar entre ruas e me perder olhando pra lua. Maldita lua, tu que começaste tudo isso. Mas nem perto, ouço Wisnik e durmo cedo... cedo demais. O que não prontamente esperava é que hoje reza minha agenda ser o dia do tudo.

Reencontro já esquecidas pessoas, planejo novas loucuras, enfim ainda existo. Pelo menos não ficarei resmungando entre uns e outros; o dia de ficar triste foi ontem.

por Gabriel Pillar

[18 de março de 2004, 10h19min]

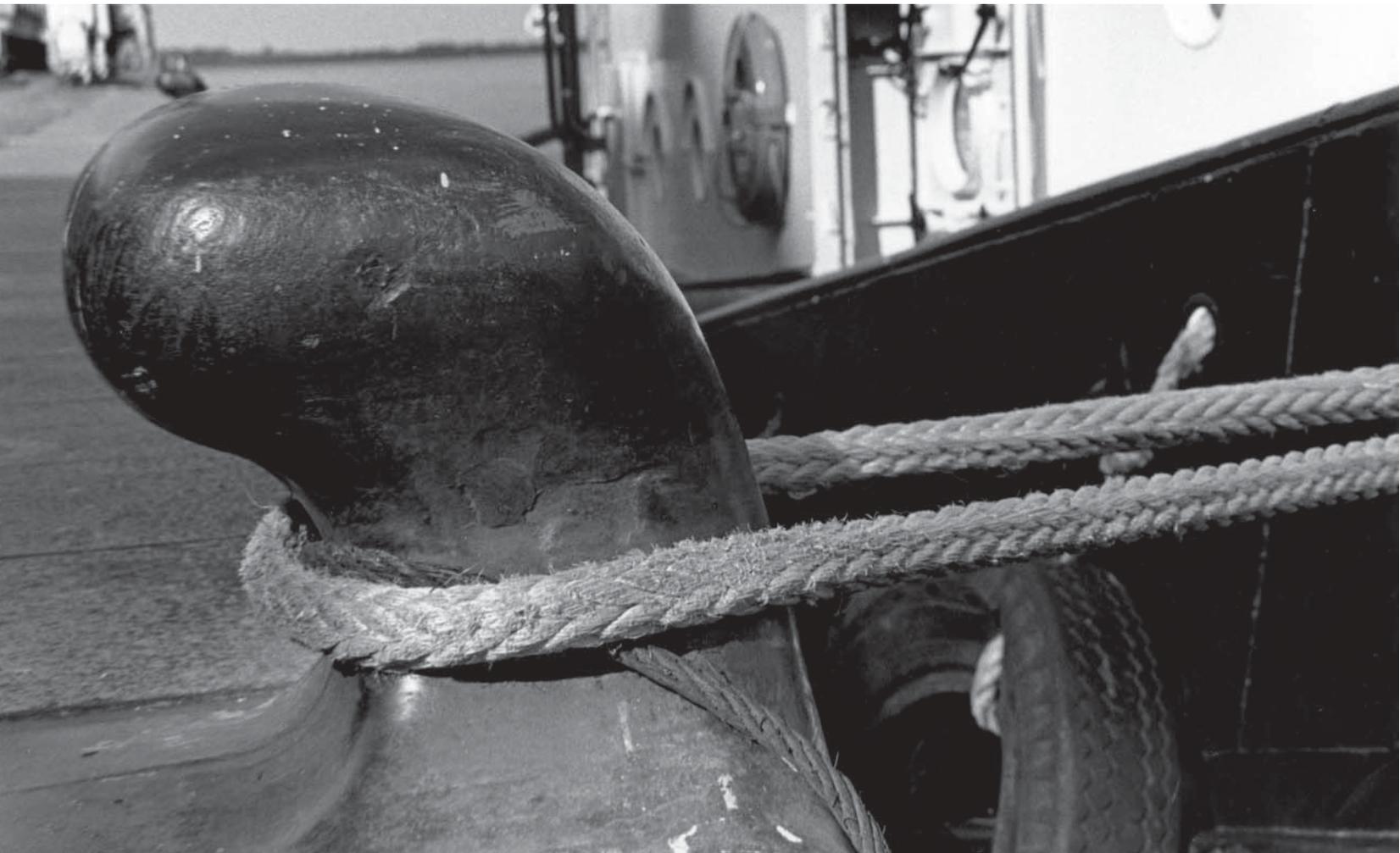


Eles estão vindo!

Ao longe ouço o roncar daquele monomotor vermelho. O campo está úmido, e mal conseguimos correr por entre os pés de carqueja. Subo numa pedra, tento enxergar aqueles que se escondem detrás da casa do velho Hurst, mas a cerração segue forte por essas horas da manhã. Lembro dos meus devaneios debaixo do velho Jacarandá, a imagem de que um dia eles aportariam poucas léguas daqui trazendo consigo suas bigornas e zeppelins. (...) tarde de sábado estudando Brenner e Wallerstein é foda, ainda mais com o Inter perdendo de 4x0 e esse clima invernososo em pleno verão.

por Gabriel Pillar

[13 de dezembro de 2003, 18h50min]



pois tudo o que me resta
são as memórias de ontem

Sempre escrevi pra mim mesmo. Me referia a um suposto leitor plural, mas no fundo no fundo, era apenas eu. Ou melhor, vários eus. A gente lia e relia, e acabava comentando nos próprios textos. Claro, quem eram estes se não mais um eu. Existia uma relação de interdependência entre a gente, esses eus diversos. Fazíamos tudo juntos, tudo mesmo, mas às vezes a timidez tomava conta de mim, e ele, eu, nós – já nem sei –, ficava jogado num canto, pensativo. Sem demora, desses momentos surgiu a busca incessante pelo eu essencial, o eu mor que dera origem a essa loucura toda e seus semblantes diversos. E fiquei eu, nos meus vários instantes de lucidez, buscando, buscando, buscando. Até que um dia percebi que tudo não passava de uma grande ilusão. Os eus, inclusive o próprio, eram sim sonhos, criações do inconsciente de uma borboleta. Toda noite imaginava uma vida de cerveja, filosofia barata e um sexo casual com umas e outras. Então voltava para sua vidinha de sempre, pairando por entre um prédio cinza e outro, este num colorido-desbotado talvez. De vez em quando parava para olhar o sol, que a cegava, mas ao mesmo tempo acabava com aquela sua existência, transformando novamente a realidade em algo que nunca havia sido antes.

por Gabriel Pillar

[17 de novembro de 2003, 23h21min]

pois tudo o que me resta
são as memórias de ontem



▲ A DAY IN THE LIFE OF A BUTTERFLY

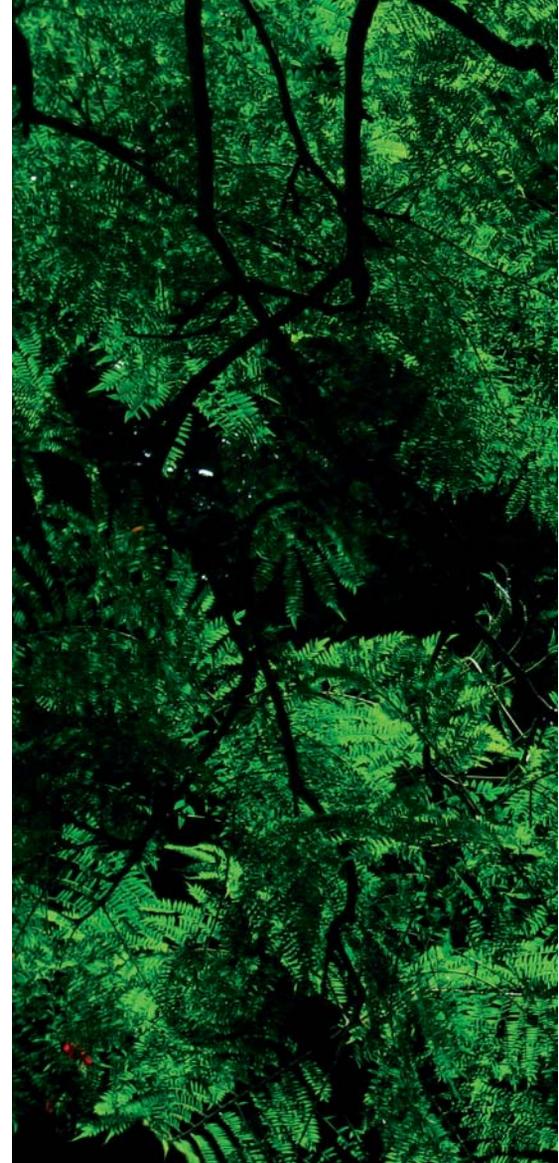
I find that I really like these fractal-like pictures with subtle tone variations.

o último vôo da borboleta

Sentado na frente do computador há horas, radiação nos olhos e um cansaço desgraçado, já não via graça nenhuma naquele momento. Os blogs alheios já tinham sido todos vasculhados. A pornografia gratuita já não interessava. A menina tentava puxar conversa, mas o ambiente calmo, silencioso, verde-água em que estava, não permitia qualquer aleatoriedade. Ele precisava dessa desordem. Mas tudo era muito normal! O vento não entrava pela fresta, a água não tinha gosto de madrugada portoalegrense e nem se ouviam os gemidos da vizinha do lado. O clima de melancolia total o fazia pensar em borboletas, contemplando uma vida de sonhos e realidades fluidas. Afinal, tudo o que precisava era uma trupe de alienígenas invadindo pelo teto. Verdes, baixinhos, e com antenas, na melhor visão estereotipada dos extra-terrenhos. Abririam um buraco, pulariam, e ficariam atônitos ao tentarem se comunicar com uma samambaia que acreditavam ser o líder. Mas nem isso. Ao fundo tocava Smashing Pumpkins. Pegou suas tralhas e foi dormir para ver se as coisas melhoravam. Acordou sentindo um frio desgraçado, uma brisa que entrava por baixo de suas vestes, estranhamente folgadas naquela manhã; acordou e se viu em cima de uma montanha, encostado na única rocha do cume, ainda manchada de sangue.

por Gabriel Pillar

[17 de novembro de 2003, 23h33min]



Mas pendemos por essas que
 ou vamos mais racionais que
 então, vamos pois estamos
 do padre: vamos pois não
 na construção para a cidade.
 Somos apresentados por essa
 construção física de estruturas,
 da queda de parâmetros
 e estruturas por-metodias.
 Melhor a razão para obter
 mais recentemente, para os
 pontos e não para um todo
 mercado. Alternativas é a
 palavra chave. Um banco
 mesmo, na busca de
 alternativas.



estratégias necessárias para
 levar com o projeto mesmo;
 Tudo

Escolher um tipo de arquitetura
 que seja mais de nível, que
 seja de nível. Tudo que o
 apoio de nível e cada vez
 mais recente, então preciso
 explicar isso para chamar os
 olhos, pessoas. Serem mais
 eu não

possibilidades de uso de
 pedras cónicas para uma
 inscrição social de meios
 culturais alternativos.

O mesmo tempo, como
 um meio de intervenção
 urbana, uma reconstrução
 de qual espere, logo temos
 que reapresentar do mercado.
 O uso do espaço público
 para a produção de produção
 artística, logo produção
 artística.

- espaço-urbanos
- rede livre
- comunicação é nossa

//requisição//

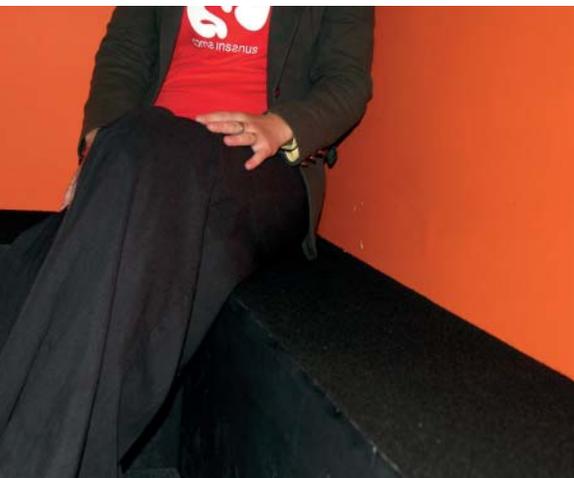


Bienvenidos a Tihuana

deixem seus sapatos na entrada e preparem-se para conhecer a mulher barbada.

Pois depois de algum tempo num vai e vem estagnado, ressurgem das trevas o grande circo insanus, montando suas tendas em Tihuana – ou qualquer lugar entre rios – para levar a todos seu grandioso espetáculo. Temos palhaços, mágicos, bolas de fogo e chimpanzés adestrados, tudo ao seu desfrute e deleite.

Somos um antro da nova geração que não existe; um espaço para convergir idéias de homens loucos e suas máquinas voadoras, e quem sabe até fazê-las caírem em borbulhos. Dispomos nossos movimentos aleatoriamente, sem nenhum sentido artístico nem pretensão de revolução, ainda que alguns salientem a existência de túneis e passagens secretas logo abaixo de seus pés. O que, um pequeno duende trabalhando incansavelmente na construção do nada absoluto? Fechem a porta, você não viu nada – alguém dê mais pipoca para esse sujeito, AGORA. *Poodles pintados de rosa e amarelo cruzam a sua frente montados em pequenos monociclos.* Coma insanus, gritam letras garrafas por todos os lados. Consuma o que



estamos oferecendo, use o boton, vista a camiseta, e ajude nossos planos de dominação mundial. Largamos um bando de papel e giz de cera ali no canto, se alguém quiser colaborar ou fazer um desenho qualquer.

Elencando a trupe:

Walter e Suruba gritam em **A Nova Corja**, Bruno Galera vaga por um **Big Muff**, Solon Brochado avisa o leitor com seu **Caveat Emptor**, Sr. Cove e seus camiseteiros malucos vendem camisetas e escrevem loucuras em **Cove**, Bituca vislumbra um novo projeto insano em **Como Assim Dois Uisque?**, Cisco Costa contraria o mundo em **Filisteu**, Carol Bensimon escreve o sono em **Offset75**, Vanessa Wozniaki viaja o velho mundo em **Sinye** e Carol Andreis bebe à cubana em **Viper Rum**. Caso não tenham notado, eu sou o Gabriel, e esse é o meu lugar.

Em tempo, eis que surge Menezes **Matando a Vida a Pau**.

Agora calem-se todos e aproveitem o espetáculo.

por Gabriel Pillar

[27 de setembro de 2004, 16h59min]



◀ COMA INSANUS

Part of a set taken for the brazilian weblog community insanus.



Amo todos vocês

por Gabriel Pillar
[15 de maio de 2005, 23h52min]



Porque vertigo.

“Por que você tem um blog” parece uma pergunta simples. De relance pode ser facilmente respondida recorrendo ao não-sentido generalizado ou qualquer outra piadinha infame. Simples. Morbidamente simples.

Alguns colegas insanus utilizaram-se desse caminho, preenchendo com uma lacuna ainda maior o inquirido, porém não sei até que ponto devo criticá-los ou elogiar o desprendimento com o ato. Afinal o que resulta desse processo é um conteúdo belíssimo, daqueles que tenho orgulho de mostrar pra minha avó e dizer ‘ó, esses aqui são meus amigos’.

O sentimento de comunidade, ou pelo menos de tentar mobilizar uma nesse antro virtual, me leva a sentar a bunda todo dia na frente do nosso dinossauro azul (vocês nunca viram o dinossauro?). Mas obviamente o vertigo também existe para saciar outros fetiches, de preferência longe de parapeitos e demais locais onde tudo fica mais leve.

Concordo com o **Antenor** (que por motivos alheios à minha insistência resolveu juntar-se à discussão de capa) quando ele diz que não quer viver sua existência com constantes olhos de blogueiro. Daquelas onde é impossível ler, assistir ou freqüentar qualquer lugar sem ficar com uma vontade louca de escrever imediatamente. Deixa eu aproveitar os meus momentos, é a única saída possível.

Assim, já tentei matar o blog várias vezes, ou reformular a sua estrutura para que os meus esporádicos posts parecessem só uma jogada de estilo. Não colou, obviamente, e hoje em dia tento manter uma relação mais saudável com o mesmo.

Acho que o que não quero é me livrar completamente da possibilidade. Além de ser um estímulo para escrever (como bem lembrou o **Bituca**, algo que a Fabico não faz), posso aproveitar e divulgar algumas idéias entre as vinte e poucas pessoas que passam por aqui todos os dias – e que sei que volta e meia se interessam em tocar projetos semelhantes.

Meu primeiro blog, criado com alguns amigos lá pelos idos de 2000, se chamava Apenas Um Blog. Não tinha nenhuma pretensão, muito menos relevância. Em épocas em que ter um blog realmente não significava muita coisa, ele era apenas isso. Ah, mas essa história fica pra outro dia, ainda estou tentando descobrir o porquê de um **metablog**.

por Gabriel Pillar

[10 de março de 2005, 02h38min]

como me tornei um anfíbio

Devo ter discutido pelo menos quinze vezes com o Gabriel por que o Insanus era ou não era uma “comunidade”, termo que ele preferia para o grupo e que eu rejeitava. Discuti isso com ele na última vez em que o encontrei. Nossa conclusão, ultimamente, era que o Insanus é epifenômeno da comunidade a qual ele estava inserido. Esta semana, através do apoio mútuo, acho que esta hipótese se comprovou. Na verdade, acho que ele teria ficado muito satisfeito em ver o modo como nossos celulares, e-mails, blogs, scraps no Orkut e contas no Flickr serviram para aproximar todas as pessoas que precisavam uma das outras naquele momento. Na próxima vez que ouvir alguém falando sobre como a vida moderna e a Internet e tudo mais desumanizam as relações sociais e acabam com laços comunitários, vou espancar o pobre bastardo com a monografia do Gabriel.

Por Cisco Costa

Depois de pouco mais de um mês de espera, e de bons dólares em transporte pra pagar, chegaram à minha mesa dois livros bacanas:

1. **Mirrorshades** – Editado em 1986 por Bruce Sterling, é considerado a antologia do cyberpunk. Com doze histórias curtas (e obscuras) reunindo os principais representantes do gênero, incluindo William Gibson (autor entre outros de Burning Chrome e Neuromancer), Pat Cadigan (Mindplayers) e o próprio Sterling (Schismatrix, Holy Fire), o livro impulsionou o movimento que aliou a contracultura dos anos 80 com o surgimento de novos meios tecnológicos. An un-holy alliance of the technical world and the world of organized dissent – the underground world of pop culture, visionary fluidity, and street-level anarchy; nas palavras de Sterling.

2. **Chaos & Cyber Culture** – Obra de 1994 do PAPA do ácido, Timothy Leary, que reúne artigos seus em temáticas que vão desde Cyberia e a “ScreenLand”, até questões do cybererotismo e do congelamento post-mortem. Uma verdadeira bíblia que diz que o computador pessoal é o LSD dos anos 90. Alguns chamariam de MACONHA generalizada, mas temos que respeitar um cara cujas cinzas serão lançadas no espaço SIDERAL (como é legal usar essa palavra).

A princípio eu estava receoso na compra de livros usados pela internet, mas a qualidade dos exemplares é realmente muito boa. Recebi o segundo de uma livraria obscura na pequena cidade de Baldwinville, MA – localizada cerca de 100km de Boston. Achei o máximo que ao lado da ordem de entrega havia um singelo thank you escrito a mão: letra arredondada e cursiva, provavelmente de uma moça jovem. Com certeza comprarei com eles da próxima vez.

por Gabriel Pillar

[28 de abril de 2004, 02h01min]

esse tal de orkut

erro ao acessar o site... merda!

Não me lembro do nome dos meus amigos!

Pois depois de uns tantos dias usando o **Orkut**, devo dizer que é a ferramenta mais sem sentido da internet. Não tem porque usar, e aposto que ninguém vai sentir falta se de um dia pro outro simplesmente deixar de existir. Mas o que é assustador é que TODO MUNDO tá entrando TODOS os dias e convidando cada vez MAIS PESSOAS pra entrar (sim, não adianta dar de mané e querer entrar por conta própria que não dá certo).

Pelo menos no meu caso e de outros 'usuários' que conheço, a grande maioria dos amigos colocados na lista são pessoas conhecidas. Bebem juntos toda a semana no mesmo boteco, acessam e comentam os blogs uns dos outros e eventualmente até assistem qualquer aula na mesma sala. Já pessoas diferentes são vistas com receio: quem é esse cara? é a primeira reação ao receber um aviso dizendo que fulano de tal quer te adicionar à sua lista de amigos. Um recente post do **bruno** confirma essa relação:

Pessoas bem-intencionadas e simpáticas que pedem autorização pra mim no Orkut: por favor, caso não seja óbvio que eu lhe conheça, mande uma mensagem antes de querer que eu lhe adicione.

Era de se pensar que o propósito do Orkut seria justamente abrir espaço para conhecer novas pessoas, mas essas têm usado ele muito mais como um alimentador de ego do que pra qualquer outra coisa. Uma relação promíscua do 'eu sou seu fã se tu for meu'; ou alguém realmente acredita numa moça loira que tenha 600 amigos?

Outros dizem que as comunidades salvam o negócio, mas não é nada que bons fóruns já não sirvam há anos. Ei calaboca, tem fotinhos pelo menos. Sim, tem fotinhos, e serve pra não esquecer o nome dos amigos. Pois apesar de xingar continuarei entrando todos os dias, mantendo a comunidade Tira o dedo do pudim! e colocando TODAS as meninas bonitas na minha crush list – vai que role um biriri.

por Gabriel Pillar

[30 de março de 2004, 23h41min]

Foi através do Insanus que conheci o Gabriel Pillar, que faleceu na madrugada da última segunda-feira num acidente de carro – um tipo de acidente que, por sua frequência e banalidade, torna redundante o uso de palavras como “estupidez”, “absurdo” e “tragédia”. Nunca fomos amigos íntimos – ele era grande amigo de grandes amigos meus, e nos encontrávamos por aí quase sempre por intermédio de outros. Mas tive oportunidade de conhecer bem a inteligência e o humor do Gabriel, e de sentir o quanto ele era estimado por aqueles que o tinham mais próximos. Conheci ele o bastante para saber que vou sentir falta dele – seu tipo de piada, jeito de falar, gestos, idéias. Ele fotografaria uma matéria que farei neste fim-de-semana em Porto Alegre, tínhamos combinado por MSN.

Acho que o Gabriel gostaria de perceber como a internet, com sua rede de blogs, MSNs e orkuts da vida, nos permite compartilhar nossos sentimentos e recordações de uma forma que antes não era possível – e que obviamente não substitui, mas se soma às outras. Eu, sinceramente, me sinto um pouco menos triste lendo as homenagens e manifestações de dor estampadas na rede por todos que o conheciam. E aqui estou eu fazendo minha parte. Sempre lembrarei do Gabriel.

Por Daniel Galera

magazines like water while Big Brother showcases on too many TV sets all over the world.

Throughout the last years we have come across the fact that almost 50% of the blogosphere is made out of personal weblogs. These are diaries, stories of one's experiences, inner thoughts and dreams. Things you would usually jot down and keep under your mattress, hidden from all eyes, but ever more become readily available at the click of a button.

New technologies have provided us the tools to broadcast our lives through the net and show our neighbors what happens across thick walls. Let them peep through strategically positioned webcams, some say. But we still maintain control; we still have the power to decide what becomes public and what lays unplugged and offline.

What goes public on a weblog is nevertheless a matter of choice. I have come upon some scholars who claim it is through the technological means that one INFILTRATES the sphere of our private lives and disrupts the barrier between what is public and what is kept inside. But in such cases I believe it misleading to call it infiltration. WE, blog authors, have the power to conduct web surfers through what we expose as being our lives. Even through webcams, focus is on what we decide it to be (which reminds me I should buy a webcam and point it to some mundane thing like a pile of books, keeping it online 24/7).

This will be my diary. This is my life. But hey, I'm not giving away the password. Maybe it's just a way to subvert the possibilities, who knows.

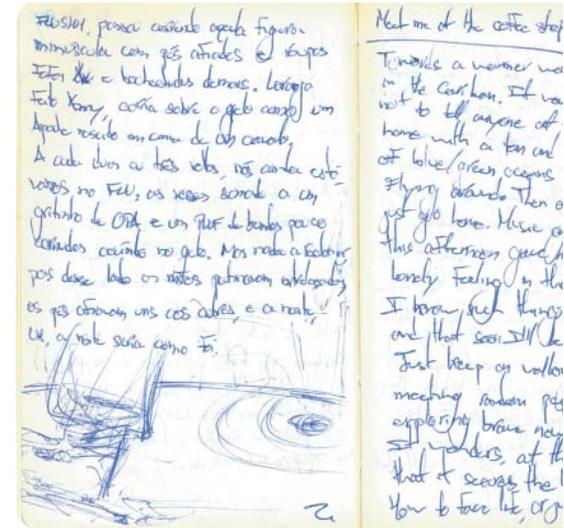
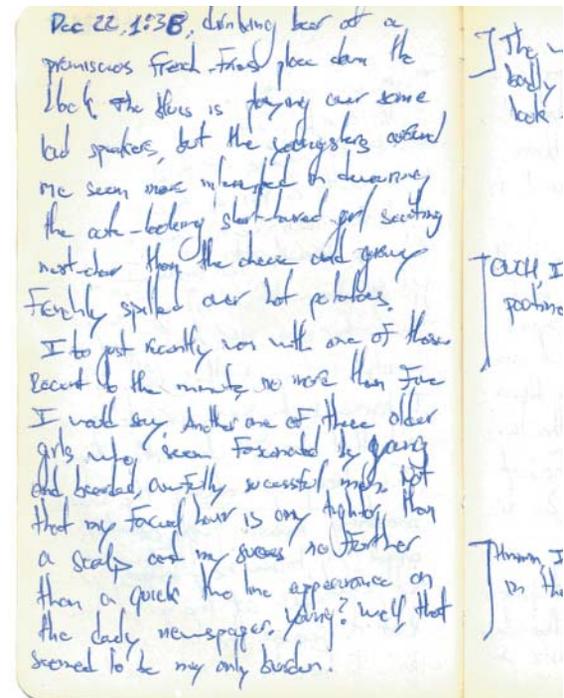
I found an interesting post from a blogger in Florida who recently restricted access to his web diary that states "there comes a point on the 'net where you have to take a step back and decide 'how much is too much' to share with anyone that might happen across it. We've elected to reclaim our personal lives and make them, well, a bit more personal."
(<http://www.sooner-born.com/>)

In the same way we claim the internet as a path to overcome the power and control of mass media, we too have the power to create oneself and ones own will. Identity and subjectiveness become a matter of our own creation. Thus, it seems to me we have to deal with two forms of privacy invasion which are possible through these rapid technological evolutions.

----- mas por ora não continua.

por Gabriel Pillar

[08 de dezembro de 2004, 15h50min]





Cova dos Vaga-lumes

Durante minha última estada em São Paulo comprei uma lata de caramelos Sakuma em um pequeno mercado na Liberdade. A bala é produzida desde o final do século XIX no Japão, mas o que me atraiu mesmo foi a embalagem. Vermelha e preta, com o desenho de frutas de um lado e um menino olhando pra dentro da lata do outro. Achei que seria uma boa decoração pra minha mesa, acompanhando o **kidrobot** que recém havia chegado de presente. Hoje **descobri** que a lata é uma edição comemorativa de **Hotaru no haka** (Cova dos Vaga-lumes), animação japonesa de 1988. O filme é considerado uma obra-prima do gênero, contando a história de duas crianças que tentam sobreviver aos horrores da II Guerra em Kobe.

Órfãos após um ataque americano e abandonados pelos familiares que estão mais preocupados em salvar sua própria pele, os irmãos passam a viver em uma caverna e lutam pra conseguir comida. Tudo o que conseguem é uma lata de caramelos Sakuma, que passa a ser guardada com rigor. Ao final, a mesma lata é usada pra guardar as cinzas da irmã falecida. Um destino do qual o irmão tampouco escapa.

Resolvi baixar pelo **BitTorrent**. Assim que chegar comento, mas já posso adiantar que fiquei em dúvida se como a última bala ou não...

por Gabriel Pillar

[15 de junho de 2006, 12h00min]

Acquária (ou o tal filme da Sandy)

não me perguntem como isso veio a acontecer

O início de noite já se mostrava bizarro ao subir naquele T1 lotado. Direção bairro. Viagem curta, descemos no Bourbon, deixando pra trás uma estranha trupe de figuras suadas entre os passageiros.

Atravesso a Ipiranga e as luzes natalinas me ofuscam. Vejo um aglomerado em torno de um Papai Noel nem tão barbudo assim. Velhinho, gordinho, de óculos, mas não barbudo. Não paro. Eu quero é chegar lá em cima.

“Eles são da produtora, deixe-os passar”, ordenava uma senhora enquanto eu conseguia me infiltrar por entre hordas de seguranças que se aglomeravam na entrada das salas. Horda também de meninas muito novas para usar saias curtas, com máquinas fotográficas numa mão e uma mãe na outra.

Por um instante até penso se realmente quero estar aqui nessa ocasião.

Esses gritos histéricos, essa pré-escolagem, e ainda o cheiro insuportável de pipoca sabor peido que invade todas as salas do Cinemark. Mas ei, é de graça, e a guria até que é bonitinha.

Entrando na coletiva, sem papel, caneta, nem gravador, sento um pouco atrás e observo. Perguntas idiotas de jornais medíocres, “qual foi a cena mais divertida de fazer”. Me seguro pra não sair chineando a sua suposta nudez e fico ali, contemplando a idéia de alguém abruptamente entrar gritando “Sandy eu quero te pegar”. Pois sim, vendo assim a um palmo de distância até que é um rostinho bonito.

Eis que tentei chegar mais perto, passar meu telefone, dizer “me ligue, baby” na melhor canastragem possível, mas dois metros de segurança na minha frente impediam qualquer tentativa. E assim ela foi; logo embarcou no seu jatinho e flu.

“Essa é a Flávia, diretora...”, cumprimentava enquanto os olhos fugiam ao longe.

por Gabriel Pillar

[11 de dezembro de 2003, 01h22min]



▲ A DAY IN THE LIFE OF KLAUS





Gabriel

Assunto difícil.

O menino que me cantarolava When I'm sixty-four nos deixou aos vinte e dois. E eu tô custando a acreditar. Dói. Tenho lido os posts da galera falando um pouco de quem foi Gabriel Pillar, me emociono com cada um deles... Ao ver o Träsel dizer como dois amigos se transformam um pouco um no outro, a Andreis lembrando das coreografias Fuego Lento nas chinelagens, o Elvis com a frase "it hurts to set you free". Mas é preciso... Eu conheci o Gabriel nos meus dois últimos anos de faculdade. Éramos grudados. Foi ele quem me inspirou a escrever minha monografia, a viajar, a ter mais sede de conhecimento, a criar este blog. Ele foi muito especial na minha vida, como namorado, companheiro e amigo, sempre com aquele sorriso e voz grave passando segurança. Penso numa das últimas fotos que tiramos juntos. Eu estou apoiando a cabeça no ombro dele olhando para um lado e ele olhando para o outro, na praia no final de 2004, um findi antes de eu viajar para Londres. (continua ►)

Tardes de chuva no DACOM

Após tempos de pura preguiça, coloquei online mais uma dessas BARBARIDADES feitas lá pela FABICO. Fruto de uma tarde de puro devaneio, um curta praqueles com banda larga e gosto pra coisas toscas. Sem mais, algumas observações:

- 1) é tosco mesmo
 - 1.1) foi gravado em uma máquina fotográfica
- 2) tem 12MB
- 3) dê option-click (ou ctrl-click pros pczeiros)
- 4) tá em mp4 (quicktime 6)

Sangre Latino

Curta de Animação – Outubro 2003

Direção, imagens e edição: Gabriel Pillar

Roteiro: Gabriel Pillar e Vanessa Wozniaki

por Gabriel Pillar

[15 de dezembro de 2003, 23h55min]



Bill Murray I

Numa dessas vadias tardes jogado pela casa comendo rapadura, vi que passava Ghostbusters no TNT – dublado, mas afinal Ghostbusters. Me lembro que quando guri sempre quis ter uma mochila daquelas (Proton Pack para os mais aficionados). Coisas de épocas em que tudo que servisse para impressionar as meninas e os amigos era bem vindo. Imaginem chegar na escola com uma daquelas!

– Hoje em dia seria preso por ligações terroristas.

por Gabriel Pillar

[04 de março de 2004, 16h01min]

falta comunicação

Mini-cartaz na parede da FABICO clama:

Procura-se menina(s) com residência fixa para dividir despesas. Fone (xxx).

Vou levar minha conta do RENNEN com um bilhete “eu pago duas parcelas e tu as outras três”, vai que ela aceite dividir com meninos também.

por Gabriel Pillar

[19 de abril de 2004, 14h48min]

(continua ►) Tínhamos caminhos diferentes para trilhar e pessoas diferentes para encontrar. Sou feliz por ter te conhecido, menino. Não nos víamos há dois anos e nossos emails eram mais uma longa conversa sem início nem fim, já não se dizia oi ou tchau. Parecíamos aqueles velhos amigos que jogam xadrez à distância. Ele estava um pouco inseguro sobre o trabalho de conclusão de curso, mas eu tinha certeza de que ia ser um “A certo”. Eu não me despedi dele. Lembrando as últimas trocas de idéias, a frase no msn “Life is a musical”, ou o “Vane, bom falar contigo”. Sim, foi bom falar contigo, todas as vezes, Gabi. Ao vivo, por telefone, por computador. Desculpa eu não ter estado por perto para ver tuas últimas conquistas, mas saiba que eu fiquei sempre na torcida. Sempre. E eu vou querer lembrar sempre de ti assim: assobiando na praia, com uma máquina fotográfica na mão. E parecendo tão em paz. Mi mancherà!

Por Vanessa Wozniaki

Assim, de repente

Na primeira vez que o vi, ele estava de chapéu, camisa e gravata para jogar um torneio de futebol da Fabico. Achei engraçado, mas meu espírito de jogador que pensava em ganhar a competição não permitiu elogiar a postura nonsense.

Não demorei para conhecê-lo, devido à proximidade com as mesmas pessoas. Também graças a sua espontaneidade e facilidade no convívio.

Era inteligente, sem dúvida.

Provocador, a seu modo, mas solícito como poucas pessoas.

Não era íntimo do Gabriel, mais por falta de oportunidade que de interesse. Nunca freqüentei sua casa, não por falta de convite. Era comum passarmos bastante tempo juntos na faculdade, em bares, encontros de amigos e festas.

Lembro de uma festa do Insanus no Dissonante quando já nos conhecíamos bem. Ele estava colocando som, em chamuscas como sempre. Igualmente transtornado não resisti a um hit fatal seu e me pendurei na armação de ferro, em frente à mesa de som, sem camisa, pretendendo movimentos lascivos. Dançamos. Ele lá, eu pendurado. Lembro de outras muitas coisas, nesse mesmo espírito, e outras, mais civilizadas. Na última quinta-feira, cheguei em um bar, onde estava o Carlos, EGS, Suruba e ele. (continua ►)

farsa futebolística

Terça-feira, 15h, desci de casa e os vizinhos já preparavam o quentão. Quase tive que lutar pelos dois últimos fardos de Polar gelada no supermercado da esquina, andando a passos largos pelo corredor pra chegar antes do senhor de camisa pólo que há vinte metros vinha com o braço estendido e o olho na maçaneta. No freezer ao lado a mesma comoção acontecia pelas poucas garrafas de Coca-Cola que restavam no fundo da prateleira. Pelo menos aqui no bairro a estréia do Brasil na Copa do Mundo aqueceu a economia local. Sem exageros, a quadra inteira cheirava a pipoca.

Na rua uma horda de trabalhadores dispensados pelo turno da tarde tentava chegar a tempo de ouvir o hino e deixava em chamuscas o trânsito de Porto Alegre. Eu que pouco vejo, entendo ou converso sobre futebol, resolvi assistir ao jogo da seleção só pela inércia da massa. Contanto que tivesse gritaria e cerveja, a tarde não estaria totalmente perdida. Futebol aqui é feriado nacional.

Tão logo o apito, percebo que tudo não passa de uma grande farsa.

Assistindo em 14 polegadas aquele time estático, tocando a bola de um lado a outro em movimentos lentos e geométricos, a única coisa que me veio à cabeça foram cenas de um jogo de futebol Gulliver. Aquele com jogadores de plástico e uma perna frouxa com alavanca pra chutar.

Chuta. Mexe o jogador. Chuta de novo. Derruba um dos bonecos ao tentar tabelar. Mexe o jogador. Chuta muito forte e a bolinha sai de campo. Longe.

Um jogo parado, entediante, e impossível de prender a atenção por mais de alguns minutos. Isso pra mim foi a atuação verde amarela contra a Croácia.

Até porque Futebol Club Gulliver não chegava aos pés da emoção do botão – aquela pequena tampinha verde de três camadas deslizando a mil pela lateral do campo ensebado pra fazer o gol. Isso é o que eu quero ver.

No próximo domingo recusarei convites pra assistir a partida. Vou aproveitar o vazio pra correr nu pelo meio da rua, ouvindo só de longe o zunido das cornetas. Meus dois centavos? O time não passa das oitavas.

Em tempo:

1. Mas que beleza essa camisa da Croácia, ehim?
2. Porque diabos o “dia do futebol” ainda não é feriado no Brasil?

por Gabriel Pillar

[15 de junho de 2006, 02h18min]



▲ PLAYERS

(continua ►) Fiquei feliz de ver os últimos três amigos, fazia tempo que não nos encontrávamos. Gabriel falava de sua monografia e da formatura. Pensei como era legal abraçar pessoas que se formam, e assim seria com ele. Explanava sobre músicas que Suruba e eu nunca havíamos ouvido falar, o que nos deixou com a impressão de velhice imediata. Depois, dançava com EGS, cantando a mesma música que eu ouvi no rádio na segunda-feira, dirigindo-me para o cemitério. Um clássico de nossas festas, componente da tríade do dance, como falou na ocasião. Uma nova festa do Insanus estava sendo cogitada. – Um negócio realmente legal. Brindamos, sem motivo algum, provavelmente pelo simples fato de que éramos cinco amigos bebendo e conversando, numa noite de quinta-feira. E estávamos felizes, foi um momento realmente divertido. Na hora de sair, acertamos de continuar em outro bar. Gabriel e Suruba não foram. – Qualquer dia nos falamos. Ontem à noite estava passando de carro pela Cidade Baixa e foi impossível não olhar para os lados sem pensar que já havíamos nos encontrado em praticamente todos aqueles bares. Várias cenas me ocorreram. Mais tarde, voltando para casa com a Aline, ela foi mais direta e mais objetiva do que eu consigo ser. – Ainda é muito difícil de acreditar. Parece que ele vai aparecer por aí, assim, de repente.

Por Douglas Ceconello





Fórum Social neles

Domingo de tarde aproveitei o já comum sol de 40 graus para dar uma conferida no Território Social Mundial, ou para aqueles que não andam acompanhando nada sobre Porto Alegre Verão 2005, o local onde vai acontecer a quinta edição do Fórum.

Transferido da PUC, as conferências e demais atividades vão acontecer debaixo de grandes tendas à beira do Guaíba. Com o calor extremo que é o nosso verão, espera-se que as construções se transformem em verdadeiras estufas humanas. A proximidade com o rio, que alguns julgariam refrescar os 200 mil participantes esperados em Porto Alegre, vai é tornar o “território” o local mais insuportável de se estar nessa próxima semana.

Como raramente consigo ficar longe de qualquer muvuca intercontinental desse nível, estarei novamente dando uma de jornalista e na medida do possível (ou do meu tempo livre), escrevendo algumas coisas por aí. Dessa nossa corja insanus já sei que seguirão a mesma linha o **Suruba** e muito provavelmente o **Bruno** e o **Trâsel**.

5 reais pro primeiro que ouvir Festa no Apê tocando em algum canto do Acampamento da Juventude.

por Gabriel Pillar

[24 de janeiro de 2005, 10h06min]

Lula durante o FSM

Caminhava agora pela manhã em direção ao Gigantinho e ouvia ao longe os gritos e palavras de ordem contra o governo Lula. Entre uns e outros mandando o presidente a todos os lugares possíveis, de preferência para bem longe do Fórum, alguém gritava: “Vocês estão cansados? Então vamos andar mais rápido pessoal”, obviamente tentando contornar o prejuízo da noite virada em claro.

Alguns até conspiram que o show do Manu Chao foi deliberadamente atrasado até as três da manhã de hoje para que isso acontecesse. Afinal com toda a diversidade de idéias e tendências presentes em Porto Alegre nesse final de Janeiro, não é de se espantar que tal imaginário possa brotar em meio a uma barraca e outra.

Eram nove da manhã, e a fila em torno do ginásio já beirava as dezenas de milhares. A maioria simpatizantes vestindo camisetas de 100% Lula, além de inúmeros estrangeiros ainda deslumbrados com nossa incrível democracia (sic). Em meio à Chamada Global para a Ação Contra a Pobreza, campanha lançada por uma coalizão mundial de ONGs, Lula falou sobre o crescimento do processo democrático na América Latina. Em seu discurso, disse que agora o momento é de nos voltarmos para a África, re-estabelecer uma relação com os países daquele continente e garantir um auxílio brasileiro à região. “Ou nós nos juntamos, ou nós não teremos saída”, disse em

A noite em que nos conhecemos, aquele momento, foi magia pura. Num território quase desconhecido, com pessoas mais desconhecidas ainda, surge aquela pessoinha magnética, de quem não consegui mais desgrudar até o último momento. As unhas gigantescas, o cabelo emaranhado, o sorriso largo e espalhafatoso, os cílios de lhama nada eram perto do que a gente conseguia conversar. As risadas, o carinho, a segurança, os sonhos todos muito possíveis e a vida a nosso dispor: fomos felizes ali.

Por Marsilea Gombata

Fotomontagens de Gabriel Pillar e Kris May



oposição aos Estados Unidos e às grandes potências européias. Lula também aproveitou para exaltar o crescimento econômico do país nos últimos dois anos. Este crescimento é associado pelos seus opositores a políticas neoliberais e aproximações com a especulação financeira que pouco diferem de seu antecessor Fernando Henrique Cardoso. Porém a restrição no número de pessoas e o forte esquema de segurança montado no Gigantinho fez com que essas vozes contrárias ao presidente não passassem de trinta. Duas a mais ou a menos.

A esses poucos, Lula ostentou com arrogância: “Esses que são contra, que não querem ouvir, são os filhos do PT. Um dia eles amadurecerão, e à casa voltarão.”

No final da conferência, do lado de fora e cercados por policiais da brigada, partidários do PSTU e do P-SOL discursavam em cima de um carro de som. Longe das câmeras. Nenhum veículo gosta de mostrar muitas pessoas de vermelho reunidas.

Se a mídia tratava esta manhã como decisiva para mensurar o apoio da esquerda mundial ao governo brasileiro, aos seus olhos nosso torneiro mecânico se deu bem. Lula embarca hoje às 15:30 para Davos, onde vai participar do Fórum Econômico Mundial e possivelmente aproveitar os Alpes suíços para tirar algumas fotos andando de ski.

Hora de almoçar.

por Gabriel Pillar

[27 de janeiro de 2005, 15h04min]



Trakinas Revolucionária

Janeiro de 2002. Porto Alegre respirava o ar da revolução: era tempo de Fórum Social Mundial. Uma onda de esperança enchia os corações dos jovens esquerdistas da capital vermelha. Leonardo e Gabriel não eram diferentes. Toda aquela agitação social que tomava a cidade era tudo o que desejavam: conhecer pessoas novas, discutir ideias, ter a oportunidade de ver, ouvir e até conversar com alguns de seus heróis. Àquela época, Lula era apenas um opositor; Chávez, uma esperança de uma América Latina mais justa; Olívio, o governador de todos os gaúchos; e Porto Alegre, a capital mundial do socialismo. Era este o cenário em que Gabriel e Leonardo, amigos desde os tempos de colégio, se encontravam. Acabavam de passar no vestibular: iam cursar Comunicação Social na Fabico. Leonardo começaria Publicidade, Gabriel, Jornalismo. Um mundo de novas possibilidades se abria diante dos olhos dos dois jovens. Aquele verão seria inesquecível para ambos. Para completar o quadro, os rapazes haviam conseguido credenciais de imprensa para o Fórum: poderiam entrar, câmeras em punho, em qualquer evento. (continua ►)

Notas dos dias que o antecederam

1. iPodding through the World Social Forum

Não bastou meia hora sentado em frente ao Gasômetro para reparar os iPods na multidão. Pelo menos três, em rostos do mais variado estrangeiro, seja saindo do bolso ou pregado à mochila, mas sempre ostentando a marca indefectível dos fones brancos. O pequeno player mp3 virou estilo de vida e não poderia deixar de aparecer em Porto Alegre – entre aqueles revolucionários de primeiro mundo, obviamente.

A onda mundial do iPod está claramente representada durante o evento que busca convergir todas as vozes anti-alguma coisa. Deve ser porque o mac sempre esteve inserido na não-conformidade, quase como uma conspiração da Segunda Vinda de Jobs clamando contra o império. Mesmo que este seja aquele sob domínio de um tal Bill.

2. Porque nós estamos aqui pela gritaria

Quem circulava no início da noite de hoje pelos setores de imprensa veria uma senhora bradando injúrias contra o SISTEMA. No mínimo uma revolucionária querendo aparecer um pouco mais, se aproveitando dos inúmeros crachás vermelhos que circulavam pelo gasômetro. Lá pelas tantas uma moçoila de não mais que vinte anos juntou-se aos gritos e arrematou mais um aglomerado de curiosos no saguão da usina.

Digo que levei uns bons minutos pra compreender o que se passava, ainda

mais que o assunto começou a desviar para tsunamis e a sua relação com a ausência das águas da Fonte Ijuí nas bancas adjacentes ao Território, mas logo tudo foi esclarecido com os risos daqueles que passavam chinelando a velha. Eis que o motivo de tanta balbúrdia era o fato de só haver caixa eletrônico do Banco do Brasil nas imediações, e não de algum banco estrangeiro no qual ela e a família poderiam retirar seu dinheiro.

Quando será que começam as movimentações com a moeda do FSM? A especulação está ferrenha, e a previsão é que o mercado abra com uma leve alta em relação ao iene. Sempre apostando no overnight pra poder comprar algumas tiras a mais de mel com cachaça.

3. E o acampamento da juventude...

Não mudou absolutamente nada desde a sua primeira edição quatro anos atrás. Certo, fora o fato de que a única maneira de comprar uma cerveja decente é no mercado negro ou levando no contrabando. Com a proibição da venda de produtos produzidos por multinacionais, o único líquido disponível 'oficialmente' é o incrível Chopp Kilsen, e eventualmente uma cerveja Colônia. Para aqueles adeptos aos não-alcoólicos, Fruki e assemelhados. Coca-cola light só pulando a cerca, mesmo.

por Gabriel Pillar

[26 de janeiro de 2005, 00h23min]

(continua ►) Encontraram-se, então, na casa do Gabriel, na rua Silva Jardim e partiram, suas câmeras nas mochilas. Gabriel, com sua boina decorada pela bandeira cubana, orientou o amigo: deveriam pegar o ônibus, linha T9; iriam em direção ao campus da PUC, onde acontecia o evento. Assim que entraram no ônibus, Gabriel, como quem tira um coelho da cartola, saca de sua mochila um pacote de Trakinas. Sim.... Trakinas! O sabor era o clássico: biscoito de chocolate, recheio de morango. Os dois rapazes dividem o pacote, biscoito a biscoito. No entanto, na altura da rua Carlos Trein Filho, a "nefasta" estratégia capitalista da empresa fabricante dos biscoitos se revela: o pacote continha um número ÍMPAR de biscoitos. Gabriel e Leonardo, ambos criados em famílias com largo histórico esquerdista, não poderiam se sujeitar a tal investida do capitalismo internacional, indo contra tudo o que acreditavam. Ambos, silenciosamente, concordaram que deveria haver uma forma de dividirem o pacote de biscoito de forma igualitária, de acordo com seus ideais. Gabriel encontra a solução: com a solenidade de um lorde britânico e um olhar que faria inveja a qualquer Guevara de La Serna, aponta para a bandeira em sua boina e divide o biscoito ao meio. Sorriram. Daquele momento em diante, seriam verdadeiros revolucionários.

Por Leonardo Pires (Gaúcho)

estrelas

O Gabriel era tihoso. Na última vez que peguei uma carona com ele, no fim de semana do segundo turno das eleições – agora não consigo me lembrar se foi na madrugada de sexta ou sábado –, ele insistiu em argumentar inutilmente para tentar me convencer em um esforço derradeiro a votar no seu candidato ao governo do Rio Grande do Sul. Não levou meu voto. Mas sempre teve meu respeito.

Por Rodrigo Alvares

O menino que no dia da matrícula na faculdade de jornalismo da UFRGS levou como companheira uma bandeira do PT e usava boina “à la Che”, foi companheiro de muitas risadas em sala de aula... foi companheiro de cevas na Lancheria às 10h da manhã... promoveu discussões... polemizou... gaguejou até se fazer entender... pero sin jamás perder la ternura! Bye, bye Gabi's!
Te diverte aí em cima também!

Por Bibiana Osório

Fora um breve deslocamento duas quadras abaixo e conseqüentemente duas acima, em nada mudou meu domingo o pleito quadri-anual que se fez ocorrer nessas cercanias.

Famílias inteiras que poucos anos atrás estariam vermelhas da cabeça aos pés – o pai distribuindo panfletos aos transeuntes, as meninas com adesivos colados nas bochechas, a mãe fazendo sinais com as mãos aos carros que passam em euforia –, ontem saíram pra passear com o cachorro e comer pipoca no parque. Porto Alegre antes retratada como a cidade em que todos se envolviam na disputa eleitoral, colorindo as ruas e fazendo valer a cidadania sob sua administração popular, amanheceu apenas mais um domingo.

Obrigada, Lula, pelas bandeiras que ficaram enroladas. Na minha casa e em Porto Alegre inteira. – sábado em Offset75

No dia anterior às eleições presidenciais de 2002, lembro que escrevi de certa forma emocionado com o que estava por acontecer. Eu que cresci junto com o partido – o clássico PT desde criancinha –, acompanhava os anos de disputa que finalmente pareciam dar algum resultado – Porra, presidente!! pensava, ou melhor, pensávamos muitos.

E agora me quedo meio sem perspectivas diante de uma esquerda cada vez mais enfraquecida. No resto do país, o neopopulismoenganapovo cresce assustadoramente e ocupa 398 prefeituras no país. As tentativas de mobilização global com o Fórum Social parecem ter esbarrado em si mesmas e os movimentos anti-qualquer coisa já não tem o peso indicativo de mudança que tinham há pouco. Enquanto isso, nossos amigos listrados escolhem entre o sujeito claramente comprometido intelectualmente que diz que vai acabar com o mundo e o rosto bonzinho que pratica windsurf e que não fará nada muito diferente disso.

Vou ali carnear uma ovelha e já volto. Vocês perceberam que os jacarandás começaram a florescer?

por Gabriel Pillar

[04 de outubro de 2004, 19h11min]





▲ MONTREAL
Reminds me of Pollock



Receitas para encarar o inverno

Diziam hoje cedo que entramos na época áurea dos chavões.

“Que friozinho ehim” ocupando as conversas logo no início da manhã ali ali com o “bom pra ficar na cama” e “um vinho tinto ia tri bem”. Como tudo que eu tenho a dizer nessas horas é que venha logo o inverno, começo hoje uma série de receitas e misturas simples para encarar o frio. Notem que quando eu digo simples significa no máximo precisar aquecer, misturar ou cortar alguma coisa pela metade.

Para preparar o **feijão com carne** é preciso dois ingredientes básicos: feijão e pimenta. Carne picada e queijo ralado são secundários, mas não deixam de ser altamente recomendados. Como para o bem deste post a receita deve ser de preparo rápido, é necessário que todos esses ingredientes já estejam prontos há pelo menos dois dias. Dois dias, não menos.

Pegue um pote fundo (uma caneca também serve) e encha até a metade com feijão e carne em proporções agradáveis ao olhar. Adicione o queijo ralado de modo a formar uma fina camada por cima de tudo e misture até que ele não seja mais distinguível entre os outros ingredientes. Despeje a pimenta em quantidades bem maiores que o usual e continue mexendo até que tudo pareça estar pronto.

Acompanhando meia garrafa de vinho tinto, coma e chore.

por Gabriel Pillar

[26 de abril de 2005, 06h00min]

A comida dos Magyars

O velho senhor solta uma risada quando perguntamos se é Karoly. Diz que gosta quando o chamam pelo nome errado. “Me faz parecer outra pessoa,” revela um sorridente Károly – assim, com a tônica na primeira sílaba como na maioria dos nomes húngaros.

Três anos atrás o mesmo senhor passava por um grupo de jovens que bebiam e comemoravam algum aniversário no bar da Wilma, aquele estrategicamente localizado nos arredores da faculdade de comunicação da UFRGS. “Argh, vocês precisam conhecer o restaurante A Canga,” revelou com um forte sotaque aos presentes, perplexos por aquela aparição de repente.

Tão logo chegou, voltou para a rua escura, deixando as pessoas na mesa imaginando o que poderiam comer no tal restaurante. Após uma e outra suposição, surgiu novamente detrás de um muro e disse que lá encontraríamos o melhor pimentão recheado do mundo. Estava criada a lenda.

Hoje Károly confirma que, mesmo após diversas viagens a Budapeste para experimentar a comida de lá, o seu pimentão recheado continua sendo o melhor. A rivalidade culinária é característica entre os Magyars. “Mas não adianta só ser bom, as pessoas tem que aceitar a comida também,” garante o dono do restaurante aberto desde 1967 em São Sebastião do Caí, a 60 km de Porto Alegre.

Como muitos dos imigrantes húngaros espalhados pelo mundo, Károly Cvitkó veio para o Brasil fugindo da invasão russa em 56. Morava na região de Szeged, ao sul do país, cujas bucólicas paisagens ilustram murais nas paredes do restaurante. Hoje administrado pelo filho, A Canga serve um cardápio fixo – um pequeno retrato de suas origens no leste-europeu.

A refeição inclui uma entrada de Aprólékves (sopa preparada com carinho, na tradução literal), Töltött Paprika (o tão famoso pimentão recheado) e Rántott Csirke (galinha empanada) servido com batatas. Para a sobremesa, um pouco de Fagyaltos (sorvete) em cima de um pedaço de bolo. Uma comida farta, bem acompanhada por vinho ou até uma dose de grappa.

A sopa, feita com miúdos de galinha e uma massa caseira ralada, tem gosto semelhante ao do capeletti italiano. O pimentão, recheado com carne e arroz, é servido em um molho agridoce a base de paprika. A galinha empanada... bem, é uma galinha empanada, com um leve toque defumado.

Por falta de comparação é difícil dizer se realmente é o melhor Töltött Paprika do mundo, mas que merece uma visita com certeza merece.



por Gabriel Pillar

[06 de junho de 2006, 11h10min]



A incrível máquina de fazer Woody Allens

O mesmo escritor esquizofrênico, a mesma Nova Iorque, o mesmo Jazz, as mesmas angústias. Todos já sabem como vai ser o próximo filme do Woody Allen, afinal o diretor é movido exclusivamente por cópias de si mesmo. Não por estilo, nem por falta de criatividade, mas simplesmente porque ele opera a Incrível Máquina de Fazer Woody Allens.

Woody Allen, em recente entrevista concedida ao jornalista Osmar Freitas Jr., da revista Isto É, falou sobre seu novo filme, seleção de atores, processo criativo e a sua saída da DreamWorks. Woody Allen, em recente entrevista concedida ao jornalista Daniel Robert Epstein, do site Suicide Girls, falou sobre seu novo filme, seleção de atores, processo criativo e a sua saída da DreamWorks. O mesmo Woody Allen, em entrevista concedida ao jornalista Devin Farachi, e também a Edward Douglas, Wilson Morales e Cole Smithey, falou sobre seu novo filme, seleção de atores, processo criativo e a sua saída da DreamWorks.

Não bastassem os temas, usou as mesmas frases, na mesma ordem, e conduziu o repórter a fazer exatamente as mesmas perguntas. O diretor, de posse da sua Incrível Máquina, conseguiu fabricar seis entrevistas praticamente idênticas, publicadas em seis veículos diferentes, assinadas por seis jornalistas distintos.

Ninguém deve se espantar com isso, Woody Allen é desse jeito mesmo, ou assim tentam convencer aos desavisados aqueles que portaram seus nomes por extenso. Nem pensem em questionar esses jornalistas ou a maneira com que cada um conseguiu a sua “exclusiva”; a Máquina estava ali do lado, rodando a todo o vapor.

É em momento lúcido que os blogs brasileiros saem da sua adolescência e tentam raspar os últimos resquícios de ética em meio às engrenagens. A repercussão das entrevistas idênticas mostrou um forte potencial desses veículos, que deixam de ser diário e passam a fiscalizar e a ser, eles próprios, mídia.

por Gabriel Pillar
[07 de abril de 2005, 11h10min]



Código aberto de um cachorro louco (introdução)

No meio da multidão que circula pelo campus da PUC/RS uma figura sorridente e rechonchuda se destaca. Talvez pela grande barba branca, ou pelo grupo que se concentra à sua volta. Praticamente um veterano em meio a uma horda de jovens programadores, distribui autógrafos e posa para fotos. Uma depois da outra, depois da outra, depois da outra... Levanto o braço pra chamar sua atenção e grito "Maddog". Ele se vira e abre mais um sorriso. Acha que quero tirar um retrato ao seu lado. No peito um pingüim bordado, carinhosamente chamado de Tux pelos iniciados, indica sua relação com o Linux. Mas esse não é apenas mais um usuário.

Jon Hall, ou simplesmente Maddog, cachorro louco, é um ícone do movimento do software livre. Revelo minhas intenções – uma entrevista para uma revista de São Paulo –, e combinamos um encontro no outro dia, "ou quem sabe um chope hoje no final da tarde", brinca. Estou no Fórum Internacional do Software Livre em Porto Alegre, evento que ao longo dos anos se tornou marco para a comunidade criada em torno dos programas de código aberto.

Caminho entre estandes de grandes empresas como SUN e HP e vejo pequenos grupos espalhados pelo chão. Jovens em sua maioria, cada qual com seu laptop, conversam sobre sistemas operacionais, digitam



freneticamente códigos incompreensíveis para o leigo transeunte e abraçam pingüins de pelúcia. Coca-cola, muita coca-cola, é a bebida da vez para esses neo-hippies.

Falar de Maddog sem falar sobre o software livre e sua comunidade é algo muito difícil. Sendo um dos grandes responsáveis pela disseminação do sistema Linux ao redor do mundo, não tem como dissociar a pessoa do seu trabalho. Maddog é presidente da organização Linux International e parece viver para isso.

Voltei no outro dia com cinqüenta perguntas debaixo do braço e o fotógrafo da revista a tiracolo. Talvez um punhado a mais de motivação pessoal em conhecer a figura. Era sabido através de amigos que essa seria uma entrevista difícil de conduzir. “Quando começa, ele não pára de falar”, diziam. De toda forma fui com boas expectativas.

Enquanto montavam os equipamentos para o ensaio fotográfico, Maddog se virou para mim e disse: “Eu não vou responder a tua primeira pergunta. Todo mundo a faz, e estou cansado de respondê-la.” Por instantes pensei em ludibriá-lo, começar perguntando sobre os avanços do software livre na África do Sul para depois pegá-lo desprevenido, mas as palavras “Por que Maddog?” simplesmente saíram da minha boca. Rosnou, mas respondeu carinhosamente.

“Quando eu tinha 27 anos eu não tinha controle, e permitia que o meu temperamento fosse visto e afetasse outras pessoas. No final eu me dei conta que a única coisa que eu perdi com isso foi a mim mesmo. Hoje o temperamento e a raiva ainda estão lá, mas eu aprendi a guardar isso dentro de mim. O nome, bem, o nome acabou ficando.”

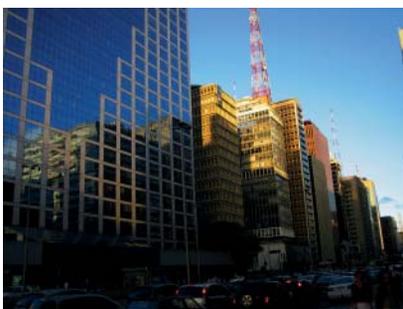
De toda forma garante que o nome, assim como a sua barba, é algo prático. “Se eu aparasse a minha barba, ou cortasse o meu cabelo, provavelmente menos pessoas iriam se lembrar de mim.” Mas Maddog não precisa nem de um nem de outro para ser reconhecido – já é um pop star no mundo Linux. Lembrando da tarde anterior quando o encontrei em meio a inúmeros fãs, pergunto sobre o estrelato.

“Eu sei, e eu odeio isso. Eu paro porque isso faz as pessoas se sentirem bem. E eu me sentiria um canalha se eu dissesse não. Se eu tiver tempo eu paro para tirar uma foto, mas algumas vezes eu simplesmente não tenho tempo. Estou tentando ir de um lugar a outro e 52 pessoas paradas na minha frente querem tirar uma foto.”

Ironicamente preciso interrompê-lo. Está tudo pronto para tirar o retrato.

por Gabriel Pillar

[04 de agosto de 2005, 17h15min]



Tudo começou quando dissemos sim ao negro celso

O carro segue por uma rua deserta, ninguém fora de casa numa madrugada de segunda-feira, muito menos tão longe quanto estávamos. O ativa da esquina marca quatro, mas o frio passa em um borrão, não enxergamos muito além da fábrica ao fundo. Apenas fumaça e micro explosões na noite. As estrelas vieram antes.

De cima do muro da rua posso observar os patos. Eles quase não se mexem, ali, flutuando no ritmo das ondas, esperando o melhor momento para dar o bote.

Disclaimer:

O que se segue é um relato um tanto sem sentido escrito no calor da hipongagem, o que motivou vários comentários de 'não entendi absolutamente nada'. Fico feliz quando isso acontece, mas se alguém realmente quer saber o que rolou naquela noite de segunda-feira, visite o blog do amigo Saulo, ou contente-se com a explicação 'ganhamos vinte reais para figurar de fã na frente de uma festa, gastamos tudo em cerveja e fomos vagar pela zona sul no meio da madrugada para conversas aleatórias sobre o NADA ABSOLUTO'. Esses podem sair do blog assim que verem a ilustração bacana que está logo ali abaixo.

Para os demais, peguem uma cadeira e sintam-se em casa. Lembro que o gintônica e a polenta não estão incluídos e serão cobrados à parte.

Nove horas e trinta minutos

Era um trabalho simples, tivesse o sujeito voz para segurar gritos ensandecidos durante uma hora. Vinte Reais e mais alguns chopps e estávamos comprados. Pedir autógrafo, tentar tocar no cabelo das mulheres e alternar gritos de Í-DA-LO e ME DÁ TEU TELEFONE, enquanto pequenas máquinas de mão piscavam flashes alternados. Tudo cena. Simplesmente fãs.

As pessoas começavam a chegar no evento com suas mais belas roupas; figuras típicas de uma burguesia interiorana. Sorriam, passavam correndo, ou paravam alimentando uma tensão constrangedora. Afinal estávamos ali provando nossas piores raízes de chinelo, a mochila fabricana ainda nas costas berrando VALE. Não bastasse a hora, negociamos mais vinte minutos



por um punhado de risoles, devidamente servidos nas catacumbas adiante. Três lances de escada chão abaixo e estávamos num ermo desconcertante. “Sente-se que lhe trarei leite, ou quem sabe tâmaras”, imaginaria o mais fértil. Que outro motivo para a cama em vinil preto no meio de tudo, pedindo orgias dignas dos mais proibidos folhetins de eras vitorianas? Comemos os ditos, sorvemos chopp quente e salgado, e recebemos a quantia devida – momento até o qual alguns ainda duvidavam do cumprimento daquele acordo de cavalheiros. Com o dinheiro planejavam entrar no show da Graforréia, porém outros, e nessas eu incluso, juntariam seus oitenta para o que deve ser considerada a noite mais bizarra dos últimos tempos. Ou simplesmente uma ótima maneira de começar a semana.

•••

Estranhamente gelada era a única descrição para a cerveja de freezer desligado na Dona Wilma. Podia ser o frio que começávamos a sentir, daqueles que dizem “chega, vá pra casa”. Mas a música não era essa, e na cabeça batia Gizele, assim mesmo com Z, ecoando músicas da Madonna em traduções mais que literais. ‘A vida é um mistério’, gritávamos em ritmo pop, de olho pra que nenhum morador jogasse mais pedras do que as que já estavam aos nossos pés.

Pois a segunda coisa que um grupo de pessoas faz quando tem um punhado de notas sobrando no bolso é procurar maneiras de transcender aquele espírito de segunda-feira. SEGUNDA-feira me salienta o colega ao lado, desconcertado com o estado lastimável da criança.

Into the darkness

O tigre começou a latir. Está escuro, e as árvores do bosque fecham o caminho até a casa. Por entre galhos já são estrelas e não nuvens e coberturas de prédios que vemos. Brilham forte pra um dia na cidade, se é que ainda estamos nela. Em momentos o nada é absoluto, e a única pista de direção o rufar dos pés no chão de barro que já não parecem cinco, mas talvez quinze, talvez trinta.

A construção copiada dos estilos de Gaudí se sobressai entre a sobriedade daqueles arredores. São dois andares brancos com eventuais detalhes de mosaicos, paredes curvas e o cimento pingado tal qual um guri fazendo um castelo de areia. Terraço, espelhos na sala de dança, e uma piscina térmica em vias de ser talhada na pedra. Imagino fogo, muito fogo, enquanto o fiel residente apresenta fotos suas, nu, coberto com MAGMA.

•••





A estupefação no grupo era geral, talvez pela cerveja em demasia ou pelo aroma do cachimbo que repousava no canto da sala, ainda queimando. Sentado no sofá estava eu feito um espectador, vendo aquela pessoa exaltar conquistas e projetos que nunca saberemos ao certo. Um realidade crua, ditada aos brados naquele palco que se tornara o cômodo.

A qualquer momento eu esperava a luz cair, as cortinas se fecharem, e o público se levantar em êxtase para aplaudir o artista com BRAVO. Grita. Pisa no chão e levanta os braços, agonizante. De certa forma estávamos interagindo e modificando a situação de cena, os comentários de um retrucando a vivacidade daquelas afirmações do ator. Mas tudo foi e veio e os panos vermelhos nunca se fecharam.

Foi quando fiquei meio de canto, com um olhar entreaberto e a cabeça levemente inclinada para o lado direito, que percebi a loucura de toda a situação. Louca, porém de uma beleza digna das mais disputadas telas. Pois amante da imagem que sou, não poderia deixar de visualizar tons e meio tons entre momentos e outros de puro nada.

O tigre começou a latir de novo.

Momento em que o grupo de amigos percebe que nada mais faria sentido

Os pés roçam o chão batido da rua que leva à praia. Por um instante litoral, mas as luzes azuis e a visão da fábrica ao fundo nos lembram que não estamos nada além do urbano. E é essa admiração crua do industrial que explica qualquer existência. Não buscamos no verde, mas no petróleo que brilha na água nosso único arco-íris.

E de repente essa própria passa a ser questionada. "Realidade pra quê" gritam quase sóbrios. Porque simplesmente não poderiam ser patos aquelas manchas brancas perto das pedras. O único branco é o das pombas, sentadas imóveis no concreto que beira o cinza.

O carro corre por ruas vazias e minha cabeça encosta exausta sobre o vidro. Tenho fome, mas os arcos do urbano estão fechados. Afinal, é apenas uma segunda-feira.

Cena final, em que os amigos saciam sua fome com polenta

Pois por um momento até cogitamos entrar no bingo. Mas àqueles que nos viram, que sirvam as batatas. Resta apenas um agradecimento a todos por surrealismos que certamente entrarão nos anais do bizarro.

por Gabriel Pillar

[14 de dezembro de 2004, 17h11min]





realmente o mundo não tem futuro

O clima tá todo virado ao avesso, a cerveja tá cada vez mais cara, a música cada vez mais sem sentido, e ainda por cima lançaram um REFILL de BUBBALOO. O que dizer, estão acabando com nossos sonhos de infância 80 (óquei, deve ser um sinal: Gabriel, vê se cresce vai). Afinal, todo mundo sabe que o recheio é único, e faz parte do INÍCIO do processo de utilização das gomas de mascar – quando o exterior ainda está seco e com aquele pó branco que nunca soube dizer o que era. Pelo menos agora dá pra guardar o chiclete já mascado na geladeira e ainda ter a possibilidade de ‘gosto’ no outro dia.

por Gabriel Pillar
[30 de março de 2004, 11h17min]

estranhos números

Eis que ontem estou quase a sair de casa e GRITA o telefone. Era mais um número desconhecido, de similar origem 034 que me acordou no outro dia. Logo me despertou o interesse, queria descobrir afinal quem era essa menina que ligava tão empolgada. Disquei.

(...) O nome era Janaína, em algum lugar de Minas Gerais. Estava era atrás de um rapaz de Caxias do Sul: ‘Uai, até fiquei encabalada’ dizia repetidamente. Ha! Deveras divertido falar com pessoas desconhecidas ao telefone. Devo ligar novamente e descobrir mais coisas sobre ela.

por Gabriel Pillar
[02 de fevereiro de 2004, 13h49min]

◀ GOODBYE BLUE SKY

Morning destruction in front of the
Department of Psychology, UFRGS.





Como passar um carnaval digno

ou quatro dias vivendo à base de carne e café.
Enquanto não sento pra escrever a respeito, fico me deleitando com uma caixa de alfajores portenhos.

por Gabriel Pillar
[10 de fevereiro de 2005, 02h41min]

Carnaval

Acabo de comprar uma passagem para Buenos Aires. Completamente a esmo e mal sabendo se vão me deixar passar na fronteira. Nunca fui à capital porteña, muito menos a garota de quinze anos que vai comigo, então estamos aceitando sugestões. Lugares, cafés, livrarias, museus, botecos, you name it. Vou aproveitar os poucos dias de folia para justamente ficar longe dela. Além de não ter mais IDADE pra essas coisas, preciso urgentemente do descanso. Espero não passar nem perto de um computador, então escreverei no retorno. Fotos, sim. Muitas fotos.

por Gabriel Pillar
[01 de fevereiro de 2005, 11h05min]

◀ TANGO III



▲ HEADS

Definitely a favorite, at the San Telmo market.



▲ RESCUE TEAM
Montreal firemen training for ice rescues
on the Saint-Laurent.

Update da vida, segunda parte

Preciso comprar meias.

Pois a partir do próximo mês Vertigo vai virar mais um blog de viagem. Me junto ao rol de correspondentes internacionais do insanus em busca de um clima um pouco mais gelado que o inverno portoalegrense.

Embarco para Montreal no dia 22 de agosto, onde devo passar o inverno aprimorando minha técnica no hóquei e quem sabe até jogar curling nas horas vagas. Ou, como disse o Menezes, passarei cinco meses aprendendo a falar francês apenas para voltar e virar um galanteador barato. Je t'aime. Longe de almejar as olimpíadas de inverno em Torino, 2006, vou para estudar durante um semestre na Concordia University, no curso de Estudos de Cultura e Comunicação. No início do ano me inscrevi em um programa de intercâmbio da UFRGS com as universidades da província do Québec, e pouco mais de um mês atrás fiquei sabendo que fui aceito para o biriri. Com passagem, visto, matrícula e casaco de inverno na mão, tudo que me resta nesse mês é tentar fechar alguns projetos intermináveis que ficaram por meses na gaveta se eu não fizer nada a respeito antes de viajar. Eu ouvi podcast do insanus? Ainda nessa semana, espero.

por Gabriel Pillar

[26 de julho de 2005, 15h07min]



Quando você vai me levar para a cama?

Pergunta a garota em português com um belo sotaque italiano. Sempre é interessante aprender as coisas boas de uma língua antes de qualquer outra, explica. Alexis é de Alberta, região das pradarias do Canadá, também conhecida como uma das províncias mais ricas do país depois que descobriram reservas de petróleo. Ou apenas é o trajeto entediante que leva às montanhas.

David é Nova Iorque. Pergunto se ele veio fugindo de alguém, ou talvez das pessoas em geral. Todo mundo vem a Montreal para encontrar algo diferente. Ele sorri e diz que ambos, mas prefere ficar por casa pra terminar o seu livro. Upper East side.

Carole recém chegou de Paris mas pouco quer andar com os outros franceses que estão pela cidade. Diz que a comunidade é muito fechada, e que os anglophones são muito mais instigantes. Nos encontramos apenas uma que outra vez correndo pelo metrô mas mesmo assim fez questão que eu aparecesse por aqui.

I Mother Earth foi sucesso em 1997. One More Astronaut canto e dança com a garota de Alberta numa nostalgia dos nossos treze anos. Foi o ano do rock. O ideal que todos buscam na cidade não existe per se. É criado à revelia por aqueles que vem atrás dele, maravilhoso mundo encantado do kitsch cool franco-canadense em inglês. Somos todos estrangeiros, estranhos entre os québécois e ao mesmo tempo estranhos entre o resto da América do Norte.

por Gabriel Pillar

[20 de novembro de 2005, 11h06min]





▲ SAINT-LAURENT
Nice sunny day by the river



Outono.

Pela janela a paisagem já começa a queimar. O sol de fim de tarde reflete o parco amarelo nas árvores que, ainda verdes, compõem um bucólico cenário campestre. Eu queria montanhas, mas essas estão mais ao norte.

Estou num trem indo visitar alguns amigos que ainda moram no sul da província de Ontario – lugar onde passei minha infância e por qual nutro verdadeiro carinho. Mesmo entretido pela paisagem, as próximas quatro horas de viagem parecem promissoras para voltar a escrever no blog e tentar contar um pouco do que anda acontecendo em terras estrangeiras. Nessa semana completei um mês longe de casa e, pelo que consta nos autos de viagem, estou é levando a vida boa em Montréal. Assim mesmo com acento, pois ainda não cruzamos a fronteira do Québec.

Para aqueles que não fazem a menor idéia do que se trata tudo isso, e nem se darão ao trabalho de ler os posts abaixo, vim para o Canadá para estudar um semestre na Concordia University e apreciar um bom chocolate quente em invernos de -40 graus. Mas falo sobre isso mais adiante; por ora: Capítulo primeiro – A casa amarela.

Uma das maiores dificuldades na primeira semana na cidade foi encontrar um lugar decente para morar, especialmente com minha limitação de preço. Topei por tudo, desde repúblicas de hippies maconheiros até nudistas procurando um terceiro para compartilhar o seu espaço. Em todos uma

constatação: estudante é um bicho sujo.

Não é de se impressionar que a primeira “chamada de realidade” foi a faxina da casa. Esfregar chão e paredes, limpar vidros encrostados com camadas e mais camadas de gordura e pó. A impressão que ficou é que os antigos moradores nunca haviam se preocupado com tal. E o interessante foi que ouvi isso de todos os brasileiros que conheci por aqui, será que somos só nós os fanáticos por antros limpos?

Estou dividindo um apartamento à beira do bairro Ville-Maria, região centro-leste de Montréal, com um americano e um canadense. Não é dos melhores lugares pra se viver, mas a proximidade do metrô e o aluguel baixíssimo (CAD \$200 por pessoa) acabam compensando o chão levemente inclinado e o grafite alienígena na entrada. **(1) Derek é americano natural do Connecticut e estuda ciência política na Concordia. É também o responsável por manter a geladeira sempre abastecida de latas de Guinness, bacon e o eventual crêton (patê de porco amplamente consumido por essas bandas). (2) Nick, ou Nikolas, é québequois formado em teatro prematuramente. Enquanto não arranja um emprego no governo canadense, leva a vida às custas do pai e da eventual dança erótica nos bares do Village. (3) Eu sou o mais velho dos três e às vezes cozinho um arroz com legumes e faço cara de cafajeste. Se alguém quiser nos mandar um cartão de natal – daqueles que tu abre e toca musiquinha –, me passa um e-mail que retorno com o endereço.**

Entre as coisas intrigantes do Canadá está a maneira com que as pessoas se livram de seus pertences: deixando na esquina de casa. Dumpster diving é um trunfo para pobres estudantes como nós, e foi o que mobiliou grande parte da sala e do meu quarto entre sofás, poltrona, cadeira e estante, tudo encontrado nas calçadas do bairro. Tivéssemos carro teríamos tentado as regiões mais ricas, onde “só paro pra sofá de couro” seria o lema da incursão.

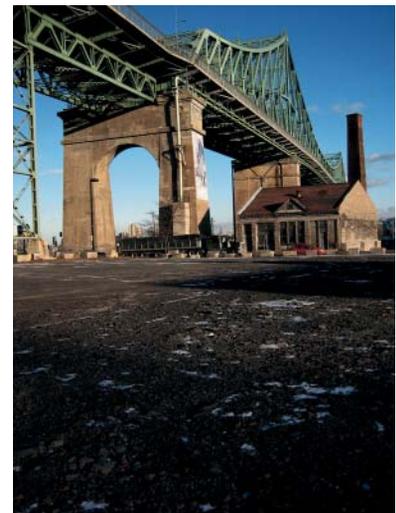
A segunda chamada de realidade é, como previsto em posts anteriores, ter que cozinhar diariamente. Estou mais magro, isso é fato, mas aos poucos tenho tentado evoluir além do supracitado arroz com legumes e da sopa campbells com pão e tomate. Sim, evoluindo tanto que hoje, na correria de chegar a tempo na estação, tive que recorrer ao clássico carne + purê + cenoura, congelados, obviamente. Enfim, a comida merece um post à parte e é tema do segundo capítulo que virá a seguir.

Trilha sonora do post: Gotan Project – La revancha Del Tango.

por Gabriel Pillar

[30 de setembro de 2005, 20h45min]

▼ PONT JACQUES-CARTIER
Montreal

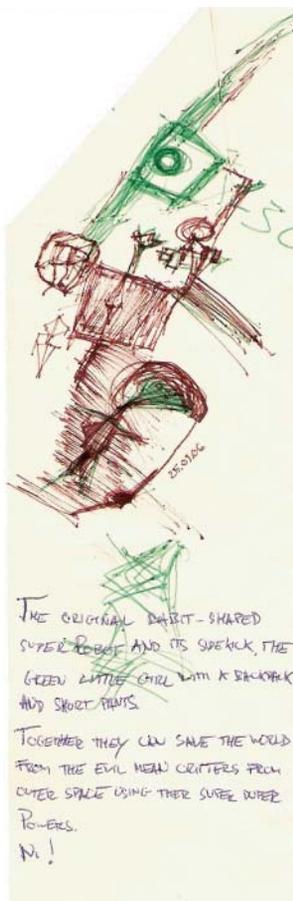




▲ NIGHT AT FIVE

Gloomy view through my window. 5 o'clock.

Rápidas



1. Uma voz feminina e metálica anuncia que a linha laranja estará interrompida por tempo indeterminado. Os olhares e cochichos de “mais um” preenchem o vagão por segundos, o suficiente pra eu pausar a música e desviar o olhar. Em todos o alívio de estarmos longe e poder evitar demais delongas enquanto cortam a eletricidade e limpam os trilhos.

2. Nos fones Neighborhood #3 conta a tempestade de gelo de 98. Por uma semana no início de janeiro o Québec ficou sem eletricidade a uma temperatura externa de -40° , ponto em que tanto faz usar celsius ou fahrenheit. Muitos ficaram sem aquecimento; árvores e linhas de força quebraram com o peso do gelo e todas as pontes que ligam a ilha de Montreal foram fechadas.

3. O melhor lugar pra dançar ao som de Arcade Fire é o Green Room, oficialmente registrado como Le Salon Vert por causa da lei 101 de 1977 que obriga todos os estabelecimentos comerciais no Québec a usarem o Francês em placas e luminosos. Desça na estação St. Laurent e pegue o ônibus 55 rumo ao norte. A noite tem estado a agradáveis três graus negativos.

4. Ainda nessa semana devo me equipar com uma máquina digital pra esperar a primeira tempestade de neve do ano. Alguns flocos caíram na semana passada mas o chão ainda estava muito quente pra acumular.

5. Cuecão.

por Gabriel Pillar

[15 de novembro de 2005, 00h38min]

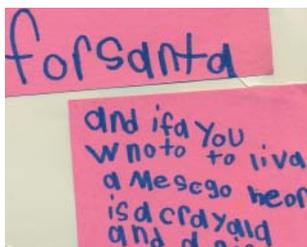
▼ WAITING IN THE SNOW





▲ WHERE IS UNCLE SCROOGE?
Is it christmas already?

Where is Uncle Scrooge?



Passei o final de semana em Québec, cidadezinha francesa a algumas horas daqui. Com a neve caindo e as luzes já piscando nos pinheiros, o lugar mais parece um cartão de natal que qualquer outra coisa. Encilhem suas renas e vejam todo o álbum aqui.

por Gabriel Pillar
[29 de novembro de 2005, 22h48min]



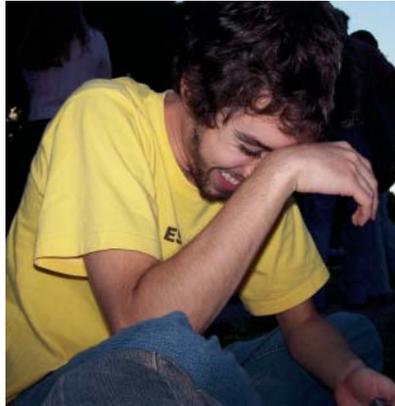
Prelúdio

Ouço boatos de que nunca saí de Porto Alegre. Segundo consta no falatório popular, Gabriel Pillar passou os últimos meses em estado contemplativo na Silva Jardim, sentado à sombra de um bouganville. Tomava o eventual suco de caju, lia um pouco de Borges aqui e ali, mas tentava manter o isolamento completo, inclusive forjando fotos suas no estrangeiro para evitar quaisquer tentativas de contato. Para todos os efeitos isso é tudo verdade, e a única coisa que precisa ser dita é que saio desse retiro completamente em chamas. Acordei hoje com um Prestígio na mão.

▲ MOTHER & STRANGE FRUITS

por Gabriel Pillar
[20 de fevereiro de 2006, 04h51min]

Foto do arquivo pessoal



Lembro até hoje quando o olhar sagaz e o ar de “antenado” fez com que eu não tivesse dúvidas ao selecionar um estagiário para trabalhar comigo na MTV de Porto Alegre. E a gente aprontou algumas por lá, fazendo nossas matérias pela vida noturna da cidade, virando madrugadas inteiras para cumprir prazos infernais e no meio disso tudo brigando muito (mistura explosiva de geminianos caóticos) para no momento seguinte estar se divertindo e rindo daquilo tudo. Depois seguimos caminhos diferentes, mas continuamos sempre nos encontrando por aí. Acho que a última vez que o vi foi durante a filmagem do comercial da Pepsi, onde ele tava fazendo o making of. E eu brincava “olha onde tua ex-chefe foi parar, Gabriel!”

Por Tainá Müller

Barba, Cabelo e Bigode

Este mês resolvi abdicar das modernidades e ir atrás da tradição no corte da mufa. Após uma rápida passada pela Rua da Ladeira, Salão Fígaro, em letras capituladas, me pareceu a melhor opção. “Ih, essa aí tá no interior. Nem imagina o que eu fiz aqui no final de semana”, falava um senhor com o rosto coberto de sabão quando entrei na barbearia, o cheiro de talco e loção pós-barba preenchendo o pequeno ambiente.

Seu Eugênio indicou a cadeira tão logo dei dois passos. Com uma chave de fenda amarela ajustava a lâmina de um barbeador elétrico. “Se ela não estiver no centro da peça não corta nada”, disse com 60 anos na profissão. Doze o cabelo, mais sete pela barba – bem melhor do que eu andava pagando aqui nos arredores de casa.

Despistando entre um comentário sobre o jogo e outro, tentei descobrir mais coisas sobre o lugar. “O Quinze perdeu por falta de experiência”, dizia o senhor com a lâmina ao pescoço, eu cauteloso por não saber a que time demonstrar afeição. Trabalhava no Fígaro há 40 anos, o salão tem 65. Das barbas que passaram por ali, pensava em épocas em que eu estaria cortando assim para conquistar as garotas da Rua da Praia.

Fiquei contente por ter descoberto o novo antro, mesmo depois do alegre comentário do Bruno, que disse que haviam cortado meu cabelo com um GARFO. Ah, não existem mais garotas na Rua da Praia.

por Gabriel Pillar

[18 de abril de 2005, 17h15min]

Erre Quarenta e Um

Batem seis e meia e o esporte nacional de caminhada com obstáculos no centro da cidade já pulsa a todo vapor. Esquiva daqui, dois passos pro lado pra evitar mãe e filha dali, e um pulinho por cima da caixa de verduras, tudo para tentar chegar a tempo do primeiro ônibus. Ouro para quem conseguir um assento vazio; eu, em décimo quinto, fiquei com a opção de buscar uma linha diferente.

Em minutos eu precisava estar nos arredores do Petrópolis, e de pronto o R41, Rápida Protásio, me pareceu a melhor opção. De expresso tinha o nome, e ainda por cima um motorista barbudinho com cara de Mad Max que me deixou convicto de ter feito a escolha correta.

Enquanto aguardava a longa fila entrar e tomar seus lugares, fiquei imaginando o coletivo rebaixado andando alucinado pelos corredores da Osvaldo Aranha. O verdinho cortando pela faixa contrária ao menor deslize do motorista à frente, deixando todos comendo poeira na parada e atropelando qualquer um que ouse atravessar o seu caminho. Na habilitação está escrito, em negrito por pouco não capitulado, Motorista de Linha Rápida, repetido tantas vezes com orgulho na presença dos amigos.

A primeira reação ao sonho de chegar em cinco minutos no meu destino foi perguntar ao motorista se o dito parava por ali. Afinal, o mínimo que se espera de uma linha rápida é que ela não pegue passageiros em todas as paradas. Recebi do volante um olhar de desdém como de quem diz “é óbvio que sim, tu não tá lendo Protásio no letreiro?”, e por instantes percebi que todo aquele jeitão roadster só podia ser pose.

Mal saindo do terminal, minha condução já começava a ser ultrapassada por todas as cores serrilhadas que ocupam as laterais do transporte público porto-alegrense. “Vamos, corre, não deixa o Viamão te passar”, soava inquieto com a melancolia de quem apostou todas as suas fichas no carro novo da Minardi.

A tal linha rápida parou em TODAS as paradas, pegou TODAS as senhoras, esperou as garotas que corriam de DENTRO do colégio e parou em todos, digo TODOS, os sinais amarelos.

E agora alguém poderia me explicar o porquê do nome do maldito ônibus?

por Gabriel Pillar

[28 de abril de 2005, 17h15min]

Avião vermelho

Conheci o Gabi em 2002, antes dele ser o Sr. Insanus, quando era um jovem estudante de jornalismo de 18 anos. Nosso menino Gabi fez uma parte danada das nossas vidas – da minha, da Mimix, da Rafinha, do Cucas. Éramos a Encantadora Trupe do Fuca da Folias. Éramos bobos e felizes. Ouvíamos os Saltimbancos e achávamos que Saltimbancos éramos nós. Coisas nossas: lúdicas e singelas. E eu fiquei lembrando de um monte de histórias divertidíssimas que a gente viveu, daquele ano-novo hardcore em Arambaré, do livro do Rimbaud que ele deu a mim e mimix, mimix and me, com dedicatória dupla e tudo, do delírio coletivo numa tarde de domingo na Redenção, quando vimos a Honorável Cenoura Mística ou algo do gênero. Daquele sorriso lindo e do escândalo que dava quando me via na rua: “JOJÓOOOOOOO!!!!”. De tantas e tantas outras coisas. Vou sentir saudades. Muitas.

Por Joelma Terto



Te devo uma coreografia no céu

... Conheci o Gabriel num seminário de pós-modernismo. Nós, professor Rudiger e o Maffesoli. 2001, acho. Ele fazia sociais na UFRGS, talvez. Eu o achei jovem, hippie e inteligente. Tomamos café e ironizamos o pós-modernismo. Alguns anos depois estávamos na Fabico dançando Fuego Lento no meio do diretório acadêmico. Ele já não era tão hippie e eu já não era tão preconceituosa.

Sexta, na última vez que saímos juntos, fomos a duas festas. Na primeira o puxei para uma coreografia e ele não, muito cedo. Na segunda ele me puxou e eu ná, estou acompanhada. Te devo uma coreografia em chamas no céu, caro amigo.

Na quinta tinha tomado um café com ele. Talvez o momento mais íntimo e sincero que já tive com ele. Conversamos horas sobre a vida, relacionamentos, futuro, pessoas, amigos, banalidades. (continua ►)

altos da bela vista

Caminhando para casa.

Uma moça toda vestida de rosa ouve e cantarola músicas de seu walkman em volumes absurdos. Pedala tranqüilamente sua bicicleta, zigue-zagueando de um lado a outro da calçada.

Poucos metros adiante, um rapaz em seus quase trinta veste boina e luva de beisebol, apoiado na janela do primeiro andar de um prédio desses três chic. Embaixo, na rua, outro rapaz de igual ou superior idade toca-lhe a pelota de couro trançado como se estivesse em campo aberto. A bola bate na parede e cai. O segundo corre, pega a bola, e volta a lançá-la de ângulos ainda mais inconvenientes.

Domingo onze da manhã?

Não, quarta-feira meia-noite. Realmente lindo.

por Gabriel Pillar

[09 de junho de 2004, 00h12min]

◀ PORTO ALEGRE IN THE COLD

Coldest day in the year... Not exactly this kind of winter, but the temperatures were down to 7°C during the weekend. Best viewed large

▼ INSIDE

This photo is here to remind me I should go back there with a film camera and some more time on my hands.



(continua ►) Voltamos a pé pra casa e quando nos despedimos ele disse 'pode me ligar sempre pra tomarmos café de tarde, minhas tardes estão todas assim, livres'.

E eu pensei: certo, agora que também estou com as tardes livres, toda semana. Mas não falei.

Mas, ô, Gabriel, tua companhia pra voltar pro Bela Vista me fez lembrar minhas voltas a pé pra casa do colégio, em que eu carregava o material do colo e pensava tanto sem saber tudo o que tinha pela frente. Depois de tudo que a gente foi lá e viveu, caminhar assim junto contigo e ter essa mesma sensação, tu sabe, foi ainda melhor, deu pra ir ainda mais longe, tanto em passado quanto em presente. Insanus, Fabico, Cidade Baixa, teu fusca, a UFRGS, as chinelagens, o Sabor 1, o Via Imperatore, jantas, Bom Fim, São Paulo, mato, praia e todas as pessoas que fizeram parte disso.

Obrigada, Gabriel.

Por Carol Andreis



▲ TEMPLO BUDISTA EM TRÊS COROAS

O primeiro dia do ano

Para os tibetanos, 2131, Ano do Macaco de Madeira. As comemorações do Losar no templo de Três Coroas hoje coincidem com um verdadeiro sentimento de novo ano para nós meros ocidentais consumidores de coca-cola e demais porcarias enlatadas. Porto Alegre parece respirar claustrofóbica novamente. Nada melhor que meses passados jogado no colchão, assistindo futilidades e aguardando ansiosamente por aquele final de semana em Arambaré. Porque o período que se passou entre nossa 'virada de ano' e hoje, apesar dos resquícios de faculdade para resolver e dos pequenos trabalhos na gráfica, me lembrou os bons períodos de férias escolares.

Então vejo meninas beirando os seus 14 anos, cabelos loiros e moletom na bunda, correndo com toda sua meninice em direção ao Rosário; engarrafamentos às 8 da manhã na Goethe e Silva Só – meu fusquinha contribuindo timidamente com seus gases e eventuais estrondos; o tal de serviço público entre cartões de visita, cartazes e diagramações de revistas supostamente voltando à ativa, e vejo que a antes vazia Porto Alegre se torna um lugar agradável novamente.

Sim, hão de dizer que nossa cidade nas férias é o melhor lugar possível justamente porque não há nada disso. Mas por mais que eu goste de um ar provinciano, de bater na janela de amigos para conversar e de um vagar calmo por entre ruas estreitas e botecos diversos, tenho saudades do anonimato da metrópole. Por entre prédios cinzas e um típico céu azul, Losar Tashi Deleg!



por Gabriel Pillar

[01 de março de 2004, 18h50min]



► FISHING BOAT

vai te formar!

Não acho a palavra certa. Nada é suficiente agora. Os últimos e-mails estão ali. Ele iria se inscrever em um mestrado em Montreal. Queria uma carta de recomendação dizendo que era um “bom garoto (hehehe)... o que achas?”. “Com prazer”, respondi, “e enchemos de carimbos”.

Gabriel tinha uma risadinha fantástica e um jeito cool de andar. Gabriel era brilhante. Era doce, gentil, criativo, independente. Vertia humor. Tinha centenas de amigos. Tinha metas, planos, projetos. Era autêntico e cheio de personalidade. Escrevia bem, entrevistava bem, pensava bem. Tinha 22 anos e ambicionava o mundo.

Por Marcia Benetti



▲ CAN YOU HEAR ME?

Eis que entreguei minha monografia no início da semana passada. Um estudo sobre o Google Earth como ferramenta de escrita virtual sobre a cidade, ou 83 páginas de pura emoção, espiraladas e em três vias – pois é, nada mais daquelas bonitas capas de couro e o título cunhado em letras douradas. Aos poucos a Fabico perde sua aura.

Passei os últimos meses nutrindo bastante carinho pelo tema. Não o Google Earth em si, mas a idéia que está por trás da ferramenta: o entrecruzamento de duas esferas de espaço que conduz a uma cidade que, ao fim, é um híbrido de redes e de lugares físicos. Enquanto este é um conceito que tem sido bastante apropriado por projetos de arte contemporânea, me pareceu necessário observar um uso ampliado como o do GE antes de especular a respeito do NOVO SUJEITO DIGITAL. Ha.

RESUMO: Este trabalho propõe-se a estudar o aplicativo Google Earth como uma forma de escrita colaborativa sobre o urbano. Para isso, entende-se a cidade contemporânea como um espaço híbrido conectado a múltiplas virtualidades que possibilitam a integração entre os lugares reais e as redes telemáticas que caracterizam uma Sociedade em Rede. Com base na observação de dados coletados da Google Earth Community sobre a cidade de Toronto, no Canadá, este trabalho propõe uma nova tipologia para a análise do conteúdo publicado no aplicativo. Revela também duas tendências principais, de espelho e de narrativa, no uso da Google Earth Community de modo a aumentar o espaço físico e reforçar identidades comunitárias e locais na rede mundial de computadores.

Para quem se interessa pelo tema, colocarei o pdf por aqui depois da defesa*. Será no dia 5 de dezembro, terça-feira, às 14h, possivelmente na sala 406 da Fabico. Sintam-se à vontade pra aparecer e pagar uma cerveja depois. Ou cinco.

* http://www6.ufrgs.br/iimc/PDFs/Monografia_Gabriel_Pillar.pdf

por Gabriel Pillar

[27 de novembro de 2006, 14h09min]

○ Google Earth - Espacos híbridos: um estudo sobre o Google Earth na promoção de um evento coletivo sobre a cidade



considerações finais:

A cidade contemporânea é uma que é híbrida e múltipla, criada a partir do entrelaçamento de virtualidades tanto pelas inovações tecnológicas da sociedade em geral quanto pelo fator humano que é cultural que é ele próprio múltiplo. Este espaço urbano é, no fim, abstrato, porque vive em sua corria (ou concretis) as redes telematias de comunicação através dos conhecimentos diversos como o wifi, o telefone celular e o bluetooth. Porém não apenas, sendo que este lugar também é abstrato na perspectiva da transformação social que ele traz e si, em perspectiva, como sendo Habermas, de redefinição e subversão - queira um apropriação das próprias fluxos dentro dos games articula-se as elites e o poder.

Foto do arquivo pessoal



Quem de fato o perdeu no que poderia significar em termos de crescimento ou valores humanos que Gabriel transmitia em cada projeto ou sorriso, foram seus amigos. ... E quem perdeu mais ainda foi a comunidade gaúcha, que possui raros Gabriéis com tamanha qualificação e domínio dessa ferramenta espetacular que é a Internet, cujos avanços diários tornam imprescindíveis quem transmita seus conhecimentos, a fim de dar acesso aos menos privilegiados. Gabriel era um iluminado. Há aqueles que detêm o conhecimento, mas fazem disso monopólio, seja por timidez, vaidade, ganância, ou sei lá qual razão. Ele, ao contrário, dividia, fazia questão de repartir com todos e de ampliar cada vez mais sua comunidade.

Por Emanuel Mattos

▼ KILLER TOMATOS

Tomato, kids and a rainbow.







Entrevista com Gabriel Pillar, do Insanus

por Tiago Dória

[29 de novembro de 2006, 01h18min]

Já há algum tempo deu na telha de começar a fazer entrevistas com diversas pessoas da blogosfera, no Brasil e no exterior. Não vão ser semanais, nem mensais. Vai sair quando tiver assunto. A primeira delas é com Gabriel Pillar, editor ou coordenador – como preferir – do Insanus, uma rede brasileira de blogs, que reúne 21 diários e mais um podcast sobre diversos assuntos.

Na minha opinião, um dos mais consistentes coletivos de blogs do Brasil, por conseguir absorver bem toda essa coisa dos blogs – informalidade, opinião e ‘faça você mesmo’.

1) Quais as diferenças entre os blogs e as mídias anteriores? Se é que elas existem?

O blog é atualmente uma das mídias mais dinâmicas, primeiro por não precisar responder a ninguém. Também, a facilidade de publicação faz com que qualquer pessoa, com os mínimos conhecimentos técnicos, possa contar suas histórias, relatar ou questionar algum episódio.

E a rapidez na disseminação de informações, que não seria um fenômeno dos blogs em si mas sim da própria estrutura da Rede, é potencializada ao máximo com isso.

Ele é, ao fim, uma ferramenta de comunicação. Se vais usá-la como mídia de massa, ou como simples veículo pessoal para manter um pequeno círculo de amigos informados sobre uma viagem, por exemplo, vai depender do “blogueiro” e do que cada um busca com o seu blog.

Foto de Beto Baibich

2) Qual a 'receita' para uma rede de blogs como o Insanus funcionar? União entre os blogueiros, afinidades, amizades anteriores?

Claramente o Insanus não funciona. Novamente, haverá uma "receita" dependendo do uso que quiseres fazer destes blogs. O Insanus é uma rede de amigos, funciona porque nos conhecemos do dia-a-dia e porque tem alguém pra segurar as pontas e organizar o servidor todo o mês. Não funcionaria como qualquer outra coisa.

3) Qual sistema de publicação de blogs vocês usam no Insanus? E por que o escolheram?

Movable Type. Apesar de ser um tanto pesado no servidor, o MT tem uma interface bastante amigável, o que é muito necessário pra gente. A maioria das pessoas não são tech savvy, então tem que ser algo bem organizado e com poucas complicações, mostrando só aquilo que é essencial. Faça o usuário clicar mais de três vezes (e ainda ter que encontrar os links no meio de um monte de outros) e ele sai correndo na hora. Simplicidade é a única forma possível.

4) Duas redes internacionais de blogs já estão no Brasil: a Gothamist e a Metroblogging. E Anita Campbell, da Creative Weblogging, deu a entender recentemente que o mercado de blogs já está saturado nos EUA e que eles têm a intenção de ir a outros países. Você acha que isso pode acontecer no Brasil? Redes internacionais de blogs começaram a investir aqui?

Está saturado porque estes blogs ou redes maiores parecem não entender o que realmente está acontecendo, simplesmente migrando modelos tradicionais de mídia para dentro da Internet. Claro que redes globais terão um forte apelo, e terão milhares de leitores, e os anunciantes irão babar com os números, mas isso é uma grande bobagem, porque no fundo eu acho

que leitor quer é discutir e saber sobre seus espaços locais. Quer participar. Não é uma questão de investimento. Dentro do universo de blogs, a pequena escala é o que há de mais interessante e, por que não, revolucionário.

5) Você é a favor de publicidade em blogs?

Como em qualquer outra mídia, não vejo nenhum problema em vender espaço publicitário, desde que isso não influencie no conteúdo.

6) Você acredita que uma rede de blogs seja o melhor modelo para os blogs? É a melhor forma de organizar o conteúdo e buscar anunciantes? Vários blogs reunidos sobre diversos assuntos?

Como assim, alguém realmente ganha dinheiro com blogs? Enfim, uma comunidade com certeza traz bastante visibilidade, o que para alguns pode ser interessante. No fim vai depender do uso que quiseres para o blog.

Algumas pessoas não querem ser 'pop stars' da internet, mas simplesmente escrever pra sua família. Não existe o "melhor modelo". Existem formas de uso do blog, que é simplesmente uma ferramenta. Nova, sim. Super bacana, sim. Mas que no fim deve ser explorada como apenas mais uma folha de papel A4.

7) Como serão os blogs daqui a 5 anos? Mais integrados à mídia tradicional? Consolidados como mídia?

Com o rápido crescimento no número de blogs, o grande problema vai ser encontrar conteúdo relevante. E aqui o modelo google de que os sites mais linkados são aqueles que irão me interessar já não funciona. Porque, como eu disse antes, o espaço local estará cada vez mais valorizado. Por isso as pequenas redes de blogs podem ser interessantes, pra agrupar pessoas de uma mesma região, ou que tenham interesses e abordem assuntos em comum.



Entrevista

Concedida a Cícero Aguiar, Camila Becker, Juliano Dellaméa e Lucas Rizzatti, produzida na FABICO/UFRGS para a cadeira Seminário de Tecnologia e Comunicação 2006/2

Gabriel Pillar tem 22 anos, está no 8º semestre de Jornalismo na FABICO e é dono da famosa comunidade de blogs gaúcha www.insanus.org. O Insanus reúne blogueiros e blogs dos mais variados tipos e tem mais de 500 mil acessos por mês. Gabriel respondeu a algumas perguntas ao grupo, que estão registradas aqui. Você pode conferir o blog do Gabriel em www.insanus.org/vertigo.

Seminário de Tecnologia e Comunicação: Como surgiu a idéia do Insanus?

Gabriel Pillar: O Insanus, como muita coisa na FABICO, nasceu numa mesa de bar. É inegável dizer isso. O Insanus como ele é hoje, um portal de blogs, surgiu de uma conversa minha com o Bruno Galera, que na época tava insatisfeito com o site dele. Eu também tinha um blog no mesmo domínio que ele e daí a gente resolveu criar o site.

STC: Como foram definidos os colaboradores?

GP: O Insanus sempre foi uma coisa de amigos. Todo mundo entrou lá porque me conhecia ou conhecia alguém que me conhecia e já tava lá dentro. Estas pessoas falavam: “ah, tem uma pessoa legal que tá querendo fazer um blog.” As pessoas precisam ser nossas conhecidas pra ter um blog no site. Tem os comentários nos blogs pras pessoas que queiram participar, mas a gente não aceita pedidos de entrada de pessoas aleatórias que queiram ter um blog. É uma comunidade fechada.

STC: Qual é o objetivo principal do site?

GP: Blogs não têm muito objetivo. Acho que cada um tem seus próprios objetivos ali dentro, de publicar suas coisas, de escrever. O Insanus não tem um objetivo central.

STC: Tu imaginaste que o portal faria tanto sucesso?

GP: Com certeza. Desde o início as pessoas que a gente chamou pra participar já tinham blogs que eram super acessados, já tinham um “nome”, digamos assim. E isso com certeza impulsionou o site. Com certeza a gente tinha pretensões, não foi ao acaso.

STC: Tu achas que o fato de escritores famosos como o Cardoso e o Daniel Galera terem participado do projeto fez o Insanus se tornar famoso?

GP: Com certeza. Deu ainda mais visibilidade pra eles e começou a dar uma visibilidade boa pro nome Insanus. Um fato interessante é que quando eles entraram deram bastante acessos pro site e quando eles saíram não teve nenhuma queda nesse aspecto. Ou seja, os acessos ficaram e se espalharam pelos outros blogs.

STC: Todos os “blogueiros” do Insanus são jornalistas e/ou escritores?

GP: Não. Temos publicitários, temos uma cartunista, temos filósofos. Temos de tudo, mas todo mundo com um pé na comunicação.

STC: Os blogs do portal em geral falam sobre o quê?

GP: Ah, daí tu vai ter de tudo. Desde blog pessoal, até blogs temáticos sobre política ou culinária. Ou o Parada (www.insanus.org/parada) que vai falar mais sobre fotografia ou a Vanessa (www.insanus.org/sinye) que tá falando sobre a vida dela na Itália. É super variado.

STC: Tu escreve mais sobre qual assunto no teu blog?

GP: Eu não escrevo muito (risos). Faz muito tempo que eu tô sem escrever. Ontem até fiz um post. Mas é super genérico. Eu falo sobre fotografia, posto alguns textos meus publicados ou que poderiam ser publicados e acabam indo pro blog. Acaba sendo super pessoal mesmo.

STC: Tu achas que a FABICO foi importante no surgimento do Insanus?

GP: Sim. Agora FABICO como FABICO/DACOM, sinuca, chinelagem e Tia Vilma. Esse grupo de pessoas é FABICO, se conheceu na FABICO, bebeu junto na FABICO. Então de certa forma é uma continuação de um grupo que se formou lá. O Insanus é uma extensão de um ciclo de amizades que só existiu lá, e amigos de amigos de faculdades.

STC: O site recebe alguma ajuda externa ou de patrocinadores?

GP: Não. O site é mantido por mim. Todo o design, diagramação, tudo é feito por nós mesmos.

STC: O blog, na tua opinião, pode ser considerado um tipo de literatura?

GP: (risos) Esta é uma pergunta que circula desde os tempos de COL (www.cardosonline.com.br/), se o blog é literatura. Essa aí tu vai ter que perguntar pro Daniel Galera (www.ranchocarne.org/blog/). Ele vai gostar de responder (risos). Assim ó, blog é meio. Eu sou partidário da idéia que blog pouco modifica a linguagem. Assim como fanzine é um meio.

STC: Que rumos tu vê pro Insanus?

GP: O Insanus tá acabando. Vai acabar daqui 2 meses (risos).

STC: Tu te sentes feliz em ver o resultado do portal?

Tu acha que acrescentou algo na tua vida?

GP: Olha, acrescentar alguma coisa... Acho que foi divertido. E sendo divertida qualquer coisa vale.

STC: O que tu acha dos sites não terem mais “barreiras”, tipo wikipedia, web 2.0.?

GP: Eu acho que isso é futuro. Isso aos poucos começa a migrar pra outros espaços, espaços reais, espaços urbanos. Quando tu começa a ter um cruzamento destes espaços, que é a rede, que é a internet, com o espaço físico e urbano tu passa a ter a possibilidade de criação aí também. Eu acho que tu tem um puta potencial democrático de modificação e criação dos espaços pela população. Não só a wikipedia, mas os espaços urbanos. Isso é uma coisa que começa a engatinhar e começam a surgir projetos nessa área e eu acho que é muito interessante este tipo de iniciativa.

STC: Gostaria de deixar algum recado ou consideração final?

GP: Criem seus próprios blogs, criem suas comunidades. Assim como o Insanus veio depois do COL, que veio depois do Exquisite (www.exquisite.com.br/), tem que vir alguma coisa agora. A Insanus é transitória, como tudo na rede. A gente tá ficando meio que de saco cheio com essa história e tá buscando outras coisas na rede. Poderia estar na hora de outras pessoas chegarem. Eu acho que isso é uma falha. Poucos projetos coletivos existem hoje aqui na rede brasileira.



A lua insiste em
pairar na minha
janela e prazer em
conhecer-te são
as únicas palavras
que me restam.

Foto de Carol Bensimon





▲ THIS IS CAROL

She writes. And will eventually agree to take your picture when the sun is nice.

► SUNDAY AT THE BEACH

Whistling through Pinhal, one of those beaches you don't really want to go to. Photo by carol.

Gabriel

Por Carol Bensimon

Desde que o Gabriel morreu, ficou impossível não pensar nele a cada instantezinho do dia, como se não havendo mais o corpo fosse necessário que ele tomasse as nossas cabeças como lugar. Num primeiro momento, a cidade se tornou perigosa e ameaçadora, além de cheia de Gabriéis em todas as ruas que andávamos falando besteira e muito de planos. Quando estamos nesse luto, o sol estar lá fora chega a ser ofensivo. No começo eu não conseguia escrever sobre, porque quando há muito o que dizer, não há nada. O Gabriel foi o cara que na noite do seu aniversário me chamou para ir ao Atelier das Massas com os seus pais. Eu espero que isso queira dizer muito sobre a enorme amizade que tivemos, bem como as inúmeras briguinhas que nossos orgulhos faziam durar mais do que deveriam. Mas eu tenho certeza que só quem pode nos tirar do sério é alguém de quem gostamos além da conta. Como para qualquer um da nossa idade, morrer sempre esteve fora de cogitação. O que me consola é saber que o Gabriel nunca deixou para fazer no dia seguinte o que podia ser feito já, o que provavelmente nunca poderei dizer a meu respeito.

Quando eu voltei da França, vim com a idéia de um projeto, eu ia escrever e ele tiraria as fotos. Estávamos entusiasmados. Queríamos falar sobre o singular, o insólito desse sul do Brasil. Fomos para Pinhal e Cidreira num dia feio que ressaltava o feio que sempre está lá. Não foi um dia excepcionalmente divertido e cheio de risadas, mas havia uma alegria tranqüila, um estar tirando o melhor de um lugar onde não há muita coisa porque tínhamos a companhia imprescindível e às vezes silenciosa um do outro. O Gabriel sempre fez com que eu me sentisse muito à vontade, e por isso eu fiquei saracoteando lá naquela praia sem graça e imitando o caminhar e os ruídos hilários

de umas aves catadoras de tatuíras. No fim da viagem, encontramos umas dunas perto de Cidreira. O céu estava incrível, a areia era branquíssima e não havia nada em volta, até o mar tinha ficado longe. Eu me lembro da clara sensação de estar na superfície de um outro mundo. Tenho pensado muito nesse dia porque, embora exista uma quantidade incrível de imagens do Gabriel no hd de todos os nossos computadores, as fotos que eu tirei dele nessa viagem por alguma razão foram as que as pessoas devem ter julgado como as mais expressivas, ou sei lá, talvez as mais Gabriel, sem o sorriso do entusiasmo de uma festa

ou no meio de uma coreografia exagerada, embora isso também fosse ele, mas simplesmente estar ali assobiando numa praia nublada. Elas foram para o jornal, para a capa do Insanus e estavam também no site pessoal que o Gabriel estava construindo. E logo vão estar na sua lápide. Eu jamais poderia imaginar que estava tirando a foto da tua lápide, Gabriel. Fico vivendo essa cena de novo e de novo e não há nada nela que me indique onde é que tudo ia parar. Penso então no que fazer para diminuir a avalanche de memórias. Quando saio, tento evitar a descida da Mostardeiro. Mas evitar já é de novo estar pensando.

Foto de Carol Bensimon



O impermanente permanente

Por Marcia Benetti

Falar sobre Gabriel Pillar é um mergulho demorado em palavras muito densas: impermanência, alegria, tolerância, interlocução. Um fluxo de inteligência e energia que cessa aos 22 anos, e, como um paradoxo, simplesmente não cessa. Para mim, a vida se constrói como uma espiral, em um movimento um tanto caótico, e sempre retoma certos pontos. Gabriel é um destes pontos, e em mim sua energia permanece tensionando o porquê de viver.

Gabriel foi meu aluno na Fabico. Excelente texto e muita dificuldade para cumprir os prazos. Não por displicência, mas por excesso de autocrítica. Para ele, o texto nunca estava bom e, por isso, nunca ficava pronto. Por diversas vezes tive que lhe roubar o texto e sorrir, diante de uma arquitetura textual que merecia poucos reparos.

Quando saiu caminhando comigo pelo corredor e disse que estava pensando em passar um tempo no Canadá, interrompendo o curso de Jornalismo, minha resposta foi impulsiva: “O curso pode esperar, a vida não”. Lembro disso porque ele, com aquela risadinha fantástica, disse que aquela “não era bem” a resposta que um professor responsável daria. Ainda tenho em minha caixa postal os últimos e-mails trocados com ele, sobre uma carta de recomendação para um mestrado em Montreal. Perguntava se eu poderia dizer que ele era “um bom garoto”.

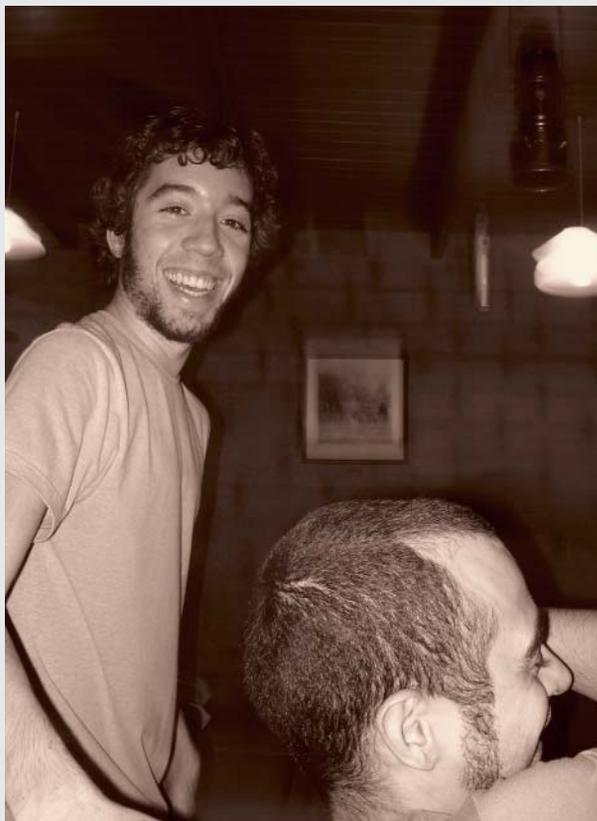
Gabriel tinha muitas qualidades. Inteligência, tolerância e obstinação. Capacidade de fazer e receber a crítica, sem a auto-indulgência que costuma afundar as pessoas na mediocridade. Capacidade de conversar com pessoas muito diferentes dele, em idade ou interesses, marcando sua personalidade curiosa e sua mente alargada.

Capacidade de planejar, programar, criar – e realizar,

migrando do mundo da fantasia para o mundo concreto das possibilidades e dos obstáculos, em que suas limitações eram testadas e exigiam ser superadas. Esse misto de inteligência, poder de interlocução e seriedade não é habitual em alguém tão jovem.

Há um outro conjunto de virtudes, porém, que fazem de Gabriel um dos pontos de minha espiral. Um modo de se portar, um modo que não sei definir muito bem, porque está no terreno das subjetividades. Uma alegria de viver, movendo-se entre a explosão e a paz interior, a depender de suas emoções. Quando penso nele, a imagem imediata é do Gabriel sorrindo e caminhando. Um caminhar lento de quem pensa e sente enquanto anda, de quem sabe que a vida tem seu próprio andar. Um Gabriel que, talvez instintivamente, saiba da impermanência de todas as coisas e de nossa própria e, por isso, dedique seu caminhar para apenas estar no mundo, um pouco alegre, um pouco melancólico, um pouco esfuziante, dando lugar a todas as emoções que devem ter lugar em uma vida bem vivida. Quando meu irmão morreu, fui obrigada a aceitar o movimento da vida, embora até hoje pareça sobre-humano aceitar o silêncio. A impermanência, que surgiu para mim como um conceito quando compreendi a filosofia budista, é o que me faz acolher Gabriel como parte dos ensinamentos de uma vida generosa. É por isso que não tenho Gabriel como um aluno, mas como um dos pontos de minha espiral. Não esqueço sua frase, dita no segundo semestre de 2006, de que o Insanus “vai acabar daqui dois meses”. É uma frase forte, que revela profunda consciência de si. Uma metáfora de seu destino e de seu ciclo. O Insanus não acabou. Gabriel também não. Gabriel é um impermanente, como todos nós. Na minha espiral de vida, porém, é permanente, como só alguns conseguem ser.





Popkid extraordinare

Por Marcelo Firpo

Terça agora ia ter vatapá na casa do Gabriel. Ele me disse isso na sexta, no aniversário da Dani e do Cavinato, no DNA. Esperava ansiosamente pela data não só por ficar imaginando como seria o vatapá em si, grandes cumbucas de barro cheias sobre a mesa, aquela pimenta absurda que eu já tinha provado outras vezes por lá, e todo mundo equilibrando seus pratos no colo, mas também porque essas reuniões esporádicas na casa dele eram um oásis pra mim. Lá eu encontrava um monte de gente legal que, por conta dos descaminhos da vida, eu tinha meio que deixado de encontrar em bares e festas. E era mais civilizado também, a gente podia escolher a música que queria ouvir, não tinha atrolho, nem fumaça, nem flanelinhas. Eu ficava sempre meio abismado com a qualidade das conversas que ouvia quando estava ali. Não era difícil imaginar que continuaríamos fazendo este tipo de reunião com 40, 50 anos, uns sumindo por uns tempos, indo estudar ou simplesmente morar no exterior, outros voltando, mas todos sempre unidos pelos blogs e pela lista do Insanus.

A primeira vez que eu vi o Gabriel foi no almoço do Ocidente, ele sentou comigo e com o Träsel. Achei gente boa, tranqüilão. Algum tempo depois fiquei sabendo que ele era o cara que tocava o Insanus. Como queria ter um blog, mas não entendia nada do assunto, acabei pedindo ajuda e uma vaguinha pra ele, alguns meses depois. Estava trabalhando em Floripa na época, e o contato foi todo por e-mail. Em dois dias eu tinha o meu próprio blog Insanus, com layout do Cardoso e assistência técnica do Gabriel. Fiquei muito, muito agradecido. Através da lista, fui conhecendo-o melhor, mas a primeira sensação de realmente ter ficado amigo dele foi justamente na primeira vez em que fui numa janta na casa dos Pillar. Ali

fui conhecer também o seu pai e a sua mãe, e entendi que estava diante de uma família especial. A sensação que eu tive é que ele era um filho muito, muito amado. Seus pais, babyboomers, davam a impressão de ter vivido intensamente os anos 60, sem por isso terem sido consumidos por eles. Davam a impressão de ter criado um filho de acordo com tudo o que acreditavam e, incrivelmente, terem tido sucesso nisso. Sei que parece estranho escrever isso agora, mas eu gostava de ficar lá, bebendo meu vinho e simplesmente olhando a família interagir, uns com os outros e com os amigos. Era como ficar admirando algo muito bonito, sei lá, um quadro, por exemplo, e ficar pensando na felicidade de cada pincelada sobre a tela. Era um pouco assim que eu via o Gabriel: como o resultado do trabalho de pais especialmente amorosos.

Mas o Gabriel também era o seu próprio work-in-progress: curioso, empreendedor, aglutinador, esperto e, para lembrar uma expressão que ele vinha usando, tech-savvy. A internet, as novas mídias, a tecnologia, esta era a sua pracinha, e é fácil imaginar que em questão de anos ou mesmo meses ele já teria uma carreira brilhante nesta área. Era meu fornecedor informal, me ajudou a montar um cd-rom com meu portfólio e na própria sexta, meio do nada, me disse que tinha chegado numa solução interessante para colocar meus trabalhos online em formato de blog. Como ele ficava constrangido de cobrar, eu pagava com livros, os últimos deles o “Oblivion” e o “Consider the lobster”, do Foster Wallace. Também indiquei-o para alguns trabalhos aqui da agência, e também para outras agências e pessoas. Acalentava a idéia de trabalhar com ele ou tê-lo como sócio, e até conversamos mais um pouco sobre isso na última vez que eu o vi. Era uma questão de meses até começarmos a trabalhar de fato juntos.

Lembro da última vez que jantei na casa dele. Era a despedida do Walter, cheguei tarde e fiquei lá até as quatro e meia da manhã. Conversei muito com o Gabriel naquela noite, ele de laptop no colo, elétrico, falava sobre um assunto e já mostrava um site relacionado. Ali tive certeza de que era o cara certo para o que eu precisava. Voltei a pé

pra casa, cambaleante e em chamas, umas quinze quadras madrugada adentro. Me lembro vivamente da gratidão que sentia em conhecer estas pessoas e poder conviver o pouco que seja com elas.

Na sexta passada o vi pela última vez na festa da Dani e do Cavinato. Chegou com o Träsel, e ficamos conversando eu, eles, a Carol Andreis e a outra Dani, a Hyde, que eu não conhecia, ao lado da pista. Quando dava uma música mais animadinha, dançávamos um pouco, mas ficamos mais tempo conversando. Eu estava feliz por revê-los, já que não tenho saído muito. Adorei a idéia do vatapá, e agora eu sei que adorei principalmente pela idéia de continuidade, isto é, estamos aqui agora, sexta-feira de noite, e vamos nos encontrar de novo, já na terça. Não perderemos contato. Seguiremos amigos, não importam as complicações do dia-a-dia, trabalho, falta de tempo, tarefas domésticas, diferença de idade, preguiça. Seguiremos amigos.

Eu estava a pé, na sexta-feira. Ia só na festa de aniversário e depois pra casa, minha mulher estava me esperando. O pessoal ficou botando pilha pra seguir pro Beco, e eu realmente queria, mas sabia que não dava. Como não tinha táxi nenhum na frente do DNA, peguei uma carona com eles até a Independência. Fomos conversando sobre a possibilidade de eu entrar, mas eu sabia que se entrasse ia ficar só cinco minutos, então dava no mesmo. Fomos pela Vasco e se não me engano dobramos na Santo Antônio, o Gabriel dirigindo. Achei que ele estava um pouco rápido, mas como não chegava a ser assustador, não falei nada. Estacionamos na João Telles, atravessei a rua com eles, entraram na minha frente. Quando o porteiro me disse que custava vinte ou vinte e cinco reais para entrar, fiquei ali, esperei que se virassem, lá do alto da escada, e dei tchau.

Se soubesse que esta seria a última vez que o veria, talvez tivesse dito alguma coisa diferente. Nada muito emotivo, porque não ia colar. Nada muito engraçadinho, também. Algo simples, de poucas palavras, que pudesse ser comunicado instantaneamente, uns caras no alto de uma escada, outro lá embaixo, um porteiro entre eles. Um obrigado.



Gabriel Pillar

Por Renato Parada

Meus melhores amigos nunca moraram próximos a mim. Um último grande amigo que morou próximo, na mesma cidade, casou e se mudou para Alemanha. Esses meus amigos distantes são os meus melhores amigos. Eu os vejo em média uma vez a cada seis meses. A satisfação dura outros seis meses. Pode parecer coisa de solitário, mas é algo que passa bem longe disso. Estou falando de grandes amigos mesmo, daqueles que você nem precisa conversar, pois só a presença e o estado de espírito natural deles como se fossem um alimento que faz muito bem para várias arestas da alma.

Esses meus amigos me fizeram descobrir e ter a coragem de ser o que sou. Foram o exemplo vivo daquilo que eu queria pra mim. Foram o rumo que eu olhava e sabia que, mesmo fracassando, era esse o caminho. Antes de serem meus amigos, eles eram uma espécie de ídolos. Com o tempo fiquei amigo, dividi a mesma mesa de bar, as mesmas risadas e pensamentos íntimos tão parecidos. Creio que eles dificilmente têm a noção do quanto me influenciaram e do quanto me fizeram bem. Eu penso o tempo todo nesses meus amigos. Lembro deles em diversos momentos do dia. Eles estão longe, muito longe, mas são tão amigos que parece que convivo diariamente com eles. É como se seus vultos me acompanhassem por aí.

Eu não tenho saudade física do Gabriel Pillar. Não tenho saudade do jeito dele, da risada dele, do abraço, da voz, da presença dele. Eu sinto falta de poder mandar um email para o Gabriel. De discutirmos o futuro do Insanus. De pensar em quem vamos convidar pra entrar pra comunidade. Tenho saudade de compartilhar minhas idéias com ele. O Gabriel que um dia me falou “E aí, Parada. Tá a fim de entrar pro Insanus?” E eu fiquei argumentando como meu blog era inferior aos outros, que não combinava, que não tinha conteúdo relevante para tal convite, etc. Lembro que, brincando, falei “E se o Insanus acabar? Não vou querer perder todos os arquivos do meu blog.” E ele respondeu “O Insanus nunca vai acabar, Parada.” Assim como o Insanus, o Gabriel nunca vai acabar pra mim. O Gabriel era um desses meus amigos que com sua inteligência me ajudou a crescer em vários sentidos. Por ele acreditar em mim, fez com que eu mesmo passasse a acreditar em mim também. E vocês sabem o peso que isso tem. Mas assim como acontece com todos meus outros amigos, eu não vou sentir saudade do Gabriel. Assim como esses meus amigos, vou continuar lembrando dele diariamente. Vou continuar aprendendo com ele diariamente. Porque meus melhores amigos são como vultos que me acompanham aonde quer que eu esteja. E o Gabriel era um desses meus amigos. Obrigado, cara.



▲ ROLLING STONES

Stage B at the Bell Center in Montreal.
The guys are old, but can still rock n' roll.



Anjo

Por EGS (Eduardo Guimarães da Silveira)

“Arrumei os comentários do teu blog. Me dá 10 mil”. Assim começou uma recente conversa minha com o Gabriel pelo MSN. O pedido de pagamento era uma piada interna comum na lista de discussão do Insanus, uma brincadeira que a gente adorava fazer. E em outubro e novembro eu incomodei muito ele pra conseguir colocar o meu blog no ar, o mais novo de lá, apesar de conhecer o Gabriel há uns quatro anos e participar da vida do site desde o começo. Em pouco tempo ele me deu uma aula de publicação e coisas afins. Um verdadeiro professor. E de certa forma eu também já fui um pouco mestre dele, quando o assunto era a Fabico e as suas Chinelagens surreais, o melhor tipo de festa do mundo. Eu ficava pensando como aquele guri, do alto dos seus 19 anos, conhecia as músicas que eu botava e ainda cantava todas. Tenho certeza que ele se encontrou na Fabico, assim como eu também me encontrei seis anos antes dele. Era o mesmo tipo de empolgação, de deslumbramento com aquele universo todo particular. Ninguém abraçou tanto o Eurodance que eu ajudei a reviver lá dentro quanto ele, uma figura marcante em todas as festas da faculdade. Se houve alguém que deu seqüência com perfeição ao espírito da Chinelagem, esse alguém foi o Gabriel, sem dúvida.

Nessa última quinta-feira saímos e ele tava muito empolgado, com mil planos. A certa altura já cantávamos nossos clássicos e dançávamos, mesmo sentados. Idéias não faltavam, incluindo uma próxima festa do Insanus, o que gerou uma longa conversa. Na mesma noite, enquanto falávamos de música ele lembrou de uma que adorava, cujo refrão começa com a frase “A vida é injusta”. Ele cantarolou e riu daquele jeito tão característico. Com tantas coisas maravilhosas e importantes ao meu redor eu não afirmaria isso, mas que ela foi absurdamente injusta com todos os que gostavam dele, nesse 4 de dezembro, eu não tenho a menor dúvida. Tudo de bom, anjo Gabriel. A próxima música eu dedico pra ti.



Thank you

Por Antenor Savoldi Jr.

28/11/2006 15:13:45 Gabriel: cara, li teu conto
28/11/2006 15:13:48 Gabriel: o do ônibus e do velho e do guarda-chuva
28/11/2006 15:13:52 Gabriel: muito bom
28/11/2006 15:13:55 Gabriel: nenhum sentido
28/11/2006 15:13:59 Gabriel: mas é assim que deve ser
28/11/2006 15:14:17 Ante: aeghurehureahureahureah
28/11/2006 15:14:25 Ante: aonde tu achou isso?
28/11/2006 15:14:43 Gabriel: amassado no meio da rua
28/11/2006 15:14:45 Gabriel: shgr
28/11/2006 15:14:48 Ante: malditos
28/11/2006 15:19:29 Gabriel: menezes me mostrou
28/11/2006 15:20:15 Ante: estou escrevendo os contos ruins primeiro
28/11/2006 15:20:17 Ante: sjkadfijkashdfa
28/11/2006 15:20:35 Gabriel: pois fiquei sabendo do projeto
28/11/2006 15:20:39 Gabriel: e achei muito bom



Acho que todo mundo gostava do Gabriel porque ele confiava nas pessoas. Ainda faz pouco tempo, mas ao menos tenho a impressão de que o lugar comum é verdadeiro. Esse lugar comum de dizer que com o tempo a dor vai embora e só ficam as boas lembranças. Como no primeiro Natal que passei longe de casa. Perto da uma da manhã, Gabriel chega ao meu apartamento sem qualquer aviso, fumando um charuto, e me arrasta para a Cidade Baixa. A toalha da minha mesa ainda está queimada. Como às cinco da manhã, no Garagem Hermética, na famosa formatura de Antenor, Bruno e Elvis, quando ele simplesmente encerra a festa, pega sua mesa de som, e deixa uns cinco ou seis dançando sem música. Feito isso, rumamos para arruinar o finalzinho do baile oficial. Como em dezenas de conversas por msn que ele iniciou com a pergunta “insanus.org/antenor ou insanus.org/

inthebox?” tentando me convencer a manter um blog. E quando finalmente conseguiu, passou uns dois meses começando todos os diálogos com um “Vá postar!”, em tom de ameaça.

Como quando estou caminhando na redenção lotada e escuto que “os bonecos não fazem o menor sentido!” do outro lado do chafariz, o que me faz dar meia volta em busca do autor da advertência.

Como há alguns dias, quando eu, Bruno e ele nos reunimos para definir o setlist de nossa futura banda, chamada “1997”, que só tocaria hits da era de ouro da mtv. No sábado, fui intimado para ensaiarmos logo, mas cisme que ele estava “erroneamente priorizando a monografia”. Então aqui está, atualizei o blog, cara. Mas agora vou esperar esse lugar comum de que todos falam se confirmar. A toalha da minha mesa ainda está queimada.



◀ DOMINGO NO PARQUE
We are young, we run green
Keep our teeth nice and clean
See our friends, see the sights
Feel alright

Life on the fast lane

Por Leandro “Nego” Pereira

Ele é a pessoa mais próxima de mim a falecer, até hoje. E que pessoa afudê ele era. Puta que pariu. Sexta passada ouvi Clap Your Hands Say Yeah numa festa e lembrei do Gabriel. Pensei em como seria divertido se ele estivesse na pista de dança naquele momento, e depois pensei em como seria divertido se ele estivesse junto durante toda a viagem. Me lembrei do único conselho que ele me deu quando me despedi dele, antes de vir pra cá. Depois do abraço, ele simplesmente disse “seja jovem” – e bem possivelmente foram essas as últimas palavras que ouvi dele. Sinto agora uma vontade de obedecer em dobro, e “ser jovem” por ele também, que teve uma vida tão promissora interrompida ainda no primeiro quarto.

• • •

Espero que a situação seja boa aí em cima, meu chapa. Que tenha wireless liberado e uma interface que te agrade. Convince Deus a usar Mac pra não dar mais pau desse tipo aqui embaixo. E vamos deixar aquela WEBCEVA que a gente tava combinando pelo MSN pra quando eu chegar aí. Numa dessas eu desenvolvo e registro a idéia, fico rico e te construo um MAUSOLÉU bem baixado. “Nenhum sentido”.



Para Gabs, com carinho e saudade

Por Saulo Szinkaruk

Eu simplesmente não consegui – e ainda não consigo – imaginar o Gabriel de um jeito que não seja sorrindo, com aquele sorriso que só ele sabia dar. Em parte, sei que isso se deve pela minha crença profunda e densa de que ele está bem e feliz agora. Mas em parte também porque foi assim, gargalhando, cheio de projetos e idéias, que ele sempre viveu. E, por isso, é assim, só assim e exatamente assim, que sempre me lembrarei dele. Fica com Deus, Gabriel.

Gabriel, Vonnegut e o pretzel

Por Alexandre Rodrigues

O tempo é como um pretzel...

Na segunda-feira caminhei um pouco pelo pretzel até a noite, mais ou menos dois anos e meio atrás, em que conheci o Gabriel. Estou sentado ao lado dele em um bar, apresentado pelo Bruno, dizendo que sou burro demais para conseguir decifrar todo o código para pôr o blog no ar no Insanus. O Gabriel me diz: “Sem problemas” e me sacaneia um pouco por trabalhar com internet e não me entender muito bem com html. Nos demos bem.

Agora estou numa visita ao Terra e falamos alguma bobagem. Ele ri e eu rio.

Ou na festa do Insanus, no ano passado. São mais ou menos duas da manhã. Acabo de chegar e o primeiro rosto conhecido que vejo é o dele. O Gabriel me diz que achava que eu não apareceria (momento em que percebi estar me tornando de fato um velho recluso).

E também na festa de aniversário dele esse ano, naquele

bar abafado da Cidade Baixa de onde saímos em comitiva para tomar cerveja e comer xis-calabresa em outro lugar.

Algumas outras vezes das quais não me lembro de muita coisa, mas certamente rolou alguma conversa ou assunto engraçado. Não éramos grandes amigos e nem muito íntimos, mas esta é uma palavra de amplo significado.

Éramos amigos, por certo.

E por fim a foto.

Sou um sujeito desorganizado. Perco tudo. Por isso não achei a foto. É quase certo que esteja no computador, mas talvez a tenha arquivado em outro lugar. Por isso vou ter que fazer uma descrição.

À esquerda está o Gabriel. Usa uma camiseta laranja do Insanus, sorri e faz sinal de positivo. Foi feita há um mês e quatro dias, no Zelig, numa leitura de textos, na última vez em que conversamos. Aquele à direita sou eu. Por causa dos acontecimentos desta semana, um sujeito triste.

▼ EAT INSANUS



Em frente

Por Gustavo Cavinato

Conheci o Gabriel este ano através do Menezes, quando ele me perguntou se eu não queria escrever pro Insanus. “Se tu quiser, eu falo com o Gabriel”, ele disse. Eu topei, feliz da vida, o Gabriel também e então começamos a nos falar por e-mail sobre o assunto. Meu blog ainda nem tinha entrado no ar, quando, num certo dia, reconheci o cara numa festa. Cheguei e me apresentei como o amigo do Menezes, “o cara novo do Insanus”. Desde aquela noite, acho que encontrei o Gabriel em todos os finais de semana, em festas, além de um ou outro almoço com o Menezes durante a semana. Até na sessão do Exorcista Turco, lá no Gasômetro, ele apareceu. Em todos esses encontros, a impressão foi a mesma: a de que o Gabriel era um sujeito fora de série. Culto, inteligente, com um senso de humor finíssimo e com uma cacetada de projetos em andamento. Não era à toa que ele estava,



Foto de Mariza Gomes



Foto de Valério Pillar

na maioria das vezes, cercado de gente. A última vez que o encontrei foi, óbvio, numa festa, a do meu aniversário, na última sexta-feira.

Acho que sou o único da ala gaúcha do Insanus que não foi se despedir do Gabriel nessa segunda-feira. O choque pra mim foi duplo – além da notícia terrível, vi algo que nunca tinha visto até então: o Menezes triste. E, por Deus, o Menezes é provavelmente o cara mais alto astral que eu conheço; vê-lo com a voz embargada e completamente transtornado me arreentou em dobro. Encontrar gente como ele e o EGS, caras com quem eu sempre divido a cerveja e o air guitar nas festas, numa situação dessas, era algo que eu queria evitar. Mesma coisa com o pessoal que eu conheço pela internet, como o Träsel, o Bruno e outros, mas que nunca tive a oportunidade de conversar ao vivo; bater esse papo na despedida de um cara tão querido como o Gabriel não era pra mim. Não ter ido no enterro talvez tenha sido uma baita covardia – liguei pro Saulo, mudei de idéia, mandei mail pro Firpo, mudei de idéia de novo – mas talvez tenha sido melhor assim. Prefiro guardar a boa lembrança do cara em chamas no meu aniversário, sexta-feira.

Ainda era cedo para eu considerar o Gabriel um grande amigo. Mas ele era, com certeza, um grande amigo em potencial. Aquelas gargalhadas no escuro durante a projeção do Exorcista Turco não me deixam mentir. Fique em paz, cara.

Legado

Por Bruno Galera

Minha relação com o Gabriel sempre foi um tanto curiosa. Fechávamos em vários assuntos, e foi por esse motivo que aceitei o convite dele de fazer do Insanus não mais um domínio pessoal, mas um portal (que ele tanto gostava de chamar de comunidade). Como todo mundo sabe, ele era um empreendedor: eu só movi meus arquivos pra lá e comecei a postar, sem nunca dar muita bola pra essas coisas sociológicas que ele gostava de aplicar à Internet. As coisas à volta foram crescendo de forma assustadora, porque ele estava fora de controle o tempo todo. Eu, sempre cético e meio blasé, apenas acenava que sim ou não. Parte da personalidade dele me irritava o suficiente pra eu querer me afastar, vez que outra. Como ele estava sempre pilhado demais, mesmo quando eu julgava melhor o silêncio, ele arranjava um jeito de tocar o horror sem fim. Às vezes era arruinando uma festa com hits dos anos 90 que eu também gostava, mas que não agüentava ouvir mais. Às vezes vinha em uma hora completamente inapropriada pedir pra eu testar um layout no Internet Explorer, e eu ficava puto, mesmo sendo uma das coisas que mais gosto de fazer. Nos gostos parecidos e na irritação, surgia um equilíbrio muito estranho. Eu me sentia mal quando cortava os naipes dele por não compartilhar de alguma empolgação. Muitas vezes devo ter sido estúpido e, mesmo assim, conversávamos diariamente no MSN sobre absolutamente todos os assuntos. Era escrevendo que nos dávamos melhor, e foi assim que respondi muitas dúvidas e ele me ensinou coisas sobre HTML que nunca tinha visto antes. Opinei sobre coisas da monografia dele dezenas de vezes, sempre recusando convites de encontrá-lo depois em algum bar. Estávamos esboçando uma banda, eu, ele e o Antenor. Seriam só covers de bandas ruins entre 1995-1997, anos de ouro da MTV nas nossas vidas. Fizemos uma reunião

na casa dele pra definir um setlist e, de praxe, ele surtou solando com um Big Muff no talo naquele amplificadorzinho dele. Me irritei um pouco de novo, mas não o suficiente. Semana passada, última vez que nos vimos, veio aqui em casa deixar o baixo canhoto do Menezes, que fiquei de reformar para começarmos os ensaios. Evidentemente, procrastinei e nada foi adiante. Aposto que nesse tempo ele tirou todas as músicas.

Um pouco do meu nervosismo devia ser uma reação a essa agitação natural dele, que trouxe tantas realizações e magnetizou tantas pessoas. Da naturalidade dele ir pra praia e me passar as senhas de administração do Insanus e falar “cuida da capa”, mesmo eu fazendo pouco caso do portal quase que o tempo todo. Ele bombardeava minhas convicções permanentemente, e aos poucos fui me dando conta disso. Acho que essa é uma das maiores virtudes que pode existir numa pessoa.



▲ DOCUMENTARY @ RINCÃO DO INFERNO
Me and The Nothingness

. . .

Por Marcelo Träsel

Nos últimos meses andava muito com o Gabriel. Um dos motivos era ele ser o único da turma ainda sem a namorada por perto e com paciência para a boemia. Não tinha proposta de farra que ele não aceitasse. Isso me deu uma chance de conhecê-lo bem melhor e me tornar ainda mais amigo dele, algo para além da afinidade de projetos que tínhamos no início. Trabalho em casa e por isso vejo pouca gente no meu cotidiano. Gabriel talvez fosse a pessoa que vi com mais freqüência nos últimos tempos. As pessoas entram e saem das nossas vidas enquanto elas se desenrolam. Meus amigos de hoje não são os amigos da época do colégio. Quando alguém novo entra em sua vida, você passa a freqüentar novos lugares, novas pessoas, novas idéias. Cria novos hábitos. Vira outra pessoa. Essa presença tão forte do Gabriel ultimamente fez com que eu desenvolvesse um modo diferente de ser no mundo. Amizade é isso, acho: assimilar aspectos de uma outra personalidade e se tornar um pouco aquela pessoa. De certa forma, é como se esse ponto de intersecção entre sua personalidade e as de seus amigos fosse um filho seu com cada um deles. Não é à toa que muita gente diz que sua família de verdade são os amigos. E talvez seja justo essa forma de ser no mundo que criei e por causa dele o motivo de não conseguir acreditar. O mundo é, em parte, construído por nossos pensamentos e emoções, que influenciam a forma como vemos e interpretamos tudo. Porque ainda tenho o hábito do Gabriel, o mundo ainda não mudou para mim. Mesmo tendo comparecido aos atos fúnebres, parece que a qualquer momento ele vai aparecer no messenger para falar bobagem, mandar e-mails, alguma idéia para um novo

projeto, ou ligar convidando para alguma festa. Aí eu penso que o pior está por vir, quando eu perceber que ele não vai mais entrar no messenger, nem mandar e-mails, nem ligar. Que não vou mais planejar uma parte da minha vida em torno dele. Pensar “pô, isso parece legal, vou chamar o Gabriel”. Bem aí, quando o dia estiver bom para tomar uma cerveja na calçada, quando tiver uma dúvida sobre os templates do blog, quando tiver uma idéia para revolucionar a Internet, aí é que o hábito vai se manifestar e eu vou pensar em chamar o Gabriel. Aí, então, eu vou me dar conta de que ele não está mais aqui. Que o mundo mudou.

É esse o momento que eu temo. Já tive perdas na família, mas nenhuma das pessoas ocupava uma parte tão grande do meu mundo quanto ele. Agora essa parte está vazia. Com o tempo, vou encontrar outras pessoas e coisas para ocupá-la. A vida vai seguir, o mundo vai se remanejar outra vez. E outra. E outra. Mas se uma coisa serve de consolo quando penso nessa dinâmica de mudança, é que esses mundos nunca somem completamente. Os mundos que se foram permanecem como uma influência em todos os mundos que se seguem. Disso eu tenho certeza: o que criei em conjunto com o Gabriel vai moldar a minha vida até chegar minha vez de deixar partes vazias no mundo das pessoas que se relacionam comigo.

E é por isso que, como o Parada, eu não vou sentir saudades do Gabriel. Porque sei que, embora eu não possa mais chamá-lo quando o dia estiver bom para tomar uma cerveja na calçada, quando tiver uma dúvida sobre os templates do blog, quando tiver uma idéia para revolucionar a Internet, há uma parte dele que ficou aqui comigo. E essa não pode ser extraída do mundo de uma forma abrupta e estúpida.



Ursão bobão

Por Chiquinha

Numa noite qualquer, em um bar qualquer, o Gabriel, vindo do cinema, tinha visto o filme aquele O Homem Urso, do Werner Herzog. Tornou-se o assunto da mesa. Hehaua. Peguei uma folha qualquer da bolsa e comecei a desenhar uns ursos, só que ficaram com total cara de bobalhão: "Esse teu urso tá muito bobão", ele dizia rindo. Depois de pronta a historinha, ele fez questão de receber seus royalties pelo bonito título!

Números

Por Hermano Freitas

Ele tinha 22 anos e já era uma pessoa mais madura que eu, com meus 26. Pelo menos em uma boa porção de aspectos, senão em outros.

... Não há como imaginar, ninguém pode ter a petulância de dizer que entende o que os familiares passaram. Uma semana depois, tenho certeza de que acordam e ainda vão ao quarto do seu único filho na esperança de que ele esteja lá dormindo. É assim que eu me sinto em relação a algumas perdas. Sonho que não passaram de sonhos, acordo um pouco mais velho. Ah, esta abstração que inventaram para dar medida às coisas. Me aproximo uns 0,45687534 da morte ao tentar finalmente compreendê-las. E basta um poste. Nenhum sentido, parafraseamos amargamente.



Fotos do arquivo pessoal

laughter

By Kris May

I woke up to find your scent lingering on my sweater like how we'd hold each other at night. Settled into one another because we knew we'd never have to let go. I had the feeling today would be alright. And I laughed a lot today. And for some reason now I'm remembering the time we waited in line for ages in the cafeteria at Rez, for that Ramen (Lamen :P) noodle lo mein that got cold way too quickly and had enough noodles to feed four people. And we had to go somewhere after...I don't remember. But we got to talking about random things, like you traveling on a bus around the country for something...I wish I could remember what. But you showed me in your Moleskine, you still had the lyrics to this silly song you'd made up on the bus. And it sounded like so much fun. Your eyes shined when you talked about it, and I felt like I'd been there too. We were late to whatever it was, afterwards...but I don't think it was important because I don't remember what it was. All I remember was feeling sad and empty earlier that day, and hearing you tell me that story made my world alright.

These days I've been feeling sad and empty on a level I've never known before, but remembering how much you loved for me to smile and laugh, and how easily you could turn any of my moods into the happiest one yet, I'm compelled to laugh. It's been filling the half of me I feel missing. I feel like we're a Venn diagram. I can't believe I never told you that. You would have loved that, you nerd.. Today I joked, and smiled, and made others laugh and smile with me. I know you smiled, too.

▼ KRISTINA MAY

Seeing her smiling like this turns the world into such a better place :)





Fotos do arquivo pessoal

Muito e mais

Por Ronai Rocha

... Não foi apenas o sobrinho querido ou meu herói familiar da blogosfera quem perdi, pois o parentesco havia virado amizade e a amizade trouxe junto aprendizados e trocas, vinhos e risadas. Gabriel inaugurou a moda, desde pequeno, de não chamar a gente de “tio”. No início estranhei. Depois acho que compreendi. Depois, depois, agradei. Hoje é esse buraco na vida.

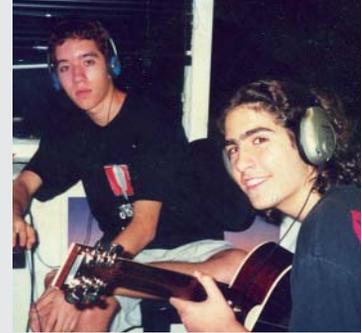




Foto de Ronai Rocha

Estrada

Por Beto Chedid



*Tô nessa estrada e nada vai me segurar
O caminho ainda é melhor
Sem pressa de chegar
Prefiro nem saber o meu destino
O que Deus quiser*

*Não quero nada que não possa alcançar
Só busco o que é meu
E está em algum lugar
O resto o Universo faz sozinho
Como ele puder*

*Quem me garante que ainda vou estar aqui
Pra ver se o que plantei
Foi mesmo o que colhi
A vida sai de rota sem aviso
Ou quando eu quiser*

*O meu destino é incerto
Um desatino, um inseto*

Vou seguindo na estrada



Fotos do arquivo pessoal

Sem cura e infinita

Por Marsílea Gombata

Como eu sinto saudade do Gabriel. Meu deus!
É engraçado como a cabeça processa bem a perda – ou ida, para pensarmos numa existência contínua e linda como ele merece. Mas o coração, inexplicavelmente, sente diferente.

Às vezes me pego ouvindo 'He war', da Cat Power, e lembrando de nosso passeio à curiosa Zona Sul de Porto Alegre, numa tarde de inverno chuvosa de julho de 2005. Sorrio e imagino ele subindo.

Em outras, involuntariamente – mas nunca de forma inconsciente – a figura do iluminado amigo que um dia teve unhas compridas para tocar Smashing Pumpkins numa roda de futuros jornalistas brasileiros acomete meu coração. Geralmente, essas lembranças mais doídas aparecem quando estou no momento mais reflexivo dentro de um ônibus. E dói demais lembrar do sorriso gigante do Gabriel enquanto olho a Baía de Guanabara. Sinto uma revolta insuportável e uma vontade de chorar igualmente terrível. Há outras ocasiões, ainda, que peço com todo o amor que consigo sentir o bem-estar de Mariza e Valério. É quando eu automaticamente me puno por sentir saudades dele e tento encontrar uma solução alívio imediato para não haver nenhum pingo mais de dor para os pais dele. Mas isso, eu

sei, é impossível.

Na mais egoísta das situações, me sinto aflita diante do mundo e sinto falta de conversar com o Gabriel para sentir segurança e seguir viagem. Mas ele não pode mais responder às minhas angústias. E, por isso, peço apenas com muita força que ele me acompanhe e esteja por perto sempre sempre sempre. Na minha crença, ter o Gabriel por perto me dando força e energia é mais do que a companhia e o carinho de um amigo que amo muito. É também ter a força e sagacidade geniosa de um cara que eu tinha como ídolo profissional e idealista.

A vida, como costumávamos conversar, é cheia de mistérios e razões sem razões. Mas não posso me afogar nesse copo de reflexão porque tenho medo de nunca mais sair. E, além do mais, aprendi com o Gabriel que a tristeza existe, mas existe também a vida. E esta, sentimos eu e ele na pele, é simplesmente a coisa mais sensacional que pode acontecer.

Seguindo os nossos caminhos – cada um tem o seu e Gabriel segue o dele agora – agradeço pelos segundos inesquecivelmente brilhantes, permeados de uma imensidão de pequenas coisas que nos fazem sentir o sabor de existir.

Lov,
Meisje Lola



Fotos do arquivo pessoal

Gabriel

Por Gressi Estevan

• • •

Eu gostava muito do Gabriel, mas nunca consegui expressar isso muito bem, devido às circunstâncias da vida. E também achava o abraço dele um dos melhores... sempre sincero e bem apertado, fazendo me sentir protegida. E isso também não consegui dizer. Ultimamente não nos víamos muito, também devido a essas mesmas circunstâncias.... Mas, espero que, onde quer que ele esteja agora, ele saiba que foi importante pra mim e que eu o adorava demais.

O Gabriel está nos melhores momentos que vivi. Nunca vou esquecer dos cafés que tomamos juntos, das noites na Lancheria do Parque que passamos bebendo vinho ruim, das nossas conversas sobre qualquer coisa, que sempre acabavam em gargalhadas. Nunca vou esquecer da vez que passamos por quase todos os bares da cidade, atrás de uma tal vodka polonesa, que ele fazia questão de me apresentar. Nunca vou esquecer da madrugada em que visitamos juntos quase todas as pracinhas de Porto Alegre e brincamos freneticamente em todos os brinquedos: gangorra, escorrega, balanço, até eu tomar um tombo e bater a cabeça... Crianças em chamas! Nunca vou esquecer dos encontros no Via Imperatore em que ele pedia um prato engraçado, apenas bife e um ovo frito, das vezes que, altas horas, ligávamos para o Antenor só para encher o saco e rir da velhice dele. Nunca vou esquecer do dia que, em meio à José do Patrocínio, tentava lhe ensinar alguns passos da patinação artística: salto inglês, passo de valsa e etc e tal. Tiramos várias fotos nesse dia, mas ainda não as vi.

Fotos do arquivo pessoal



Toda vez que tenho uma reunião no trabalho, alguma coisa mais séria, me lembro do dia em que ele me pediu para eu soltar os cabelos porque, assim, pareceria mais adulta. Não faz muita diferença, mas eu acreditei nisso e faço questão de soltar as madeixas quando preciso parecer gente grande...

Foram tantas coisas que fizemos juntos, tantas besteiras e loucuras!

• • •

Mas a questão é que eu ainda não acredito que, quando estiver pelo Bell's ou passeando pela Cidade Baixa, não vou mais encontrar aquele rapazinho estiloso, pronto pra me dar um abraço e um beijo, cantar Kaiser Chiefs comigo e me convidar para uma indiada pela madrugada afora. Não consigo imaginar que nunca mais vou poder ouvir aquela voz, aquela risada peculiar, aquela ironia que ele fazia questão de colocar nas palavras... "Isso não faz nenhum sentido!"

Não imagino uma chinelagem sem ele, uma festa sem ele, um drum'n'bass sem ele, um café sem ele, um charuto sem ele, uma boina sem ele, o Insanus sem ele, meu passado sem ele e também não imaginava meu futuro sem ele. Tudo que eu vejo hoje, me lembra essa criaturinha e é difícil acreditar que é só lembrança, que não vou mais encontrá-lo, que não vou mais dançar com ele, cantar com ele, ganhar o abraço bom...

• • •

Tu ficarás eternamente comigo, Gabriel. Jamais vou te esquecer, queri!



Nenhum sentido

Por Solon Brochado

Pessoa anti-social que sou, só fui conversar direito com o Gabriel nos idos de 2004, depois de ser convidado pelo Cisco e o Bruno para entrar no Insanus, ainda que tivéssemos muitos amigos em comum na Fabico. Um tempo depois, fomos colegas no Terra, onde passamos muitas tardes imaginando como seria o “celular JESUS”, um smartphone com todas as funções de um PDA mas que não fosse um trambolho com teclado QWERTY como um Treo ou um Blackberry.

Chegamos a pensar em criar um blog coletivo de tecnologia no Insanus, convidando ainda o Alex Primo – professor da Fabico especializado em novas mídias e que acabou orientando ele na monografia – e o Beto Baibich. Um de meus melhores amigos, o Beto já tinha ido morar em sua Montreal natal e só conhecia o Gabriel de ouvir falar. Não muito tempo depois, os dois tiveram a oportunidade de se conhecer melhor, quando o Gabriel voltou à

Montreal em que tinha vivido quando criança. Filhos de pesquisadores e professores universitários, tendo morado no exterior quando pequenos, macmaníacos, interessados por tecnologia e com gostos igualmente horrorosos para música...

Com a Fabico e tantos amigos em comum, o Gabriel era parte inevitável da minha vida. Mesmo depois de sair do Insanus, continuei me metendo em alguns assuntos do coletivo, especialmente no que se tratava dos feeds RSS de seus blogs (“tu deve ser a única pessoa que acompanha o Insanus por RSS”, me disse ele na última vez em que falamos, quando eu reclamei do feed do recém-inaugurado blog do Egs). Em uma cadeira de fotografia na qual fomos colegas, só passei graças a uma “galeria web” que ele criou. Era difícil não encontrá-lo em festas e reuniões fabicanas. Dividimos as picapes (ou o iPod) em duas oportunidades. No encerramento da Dissonante, completamente transtornados, saímos de lá afônicos depois de cantar e dançar Arcade Fire alucinadamente sobre o palco.

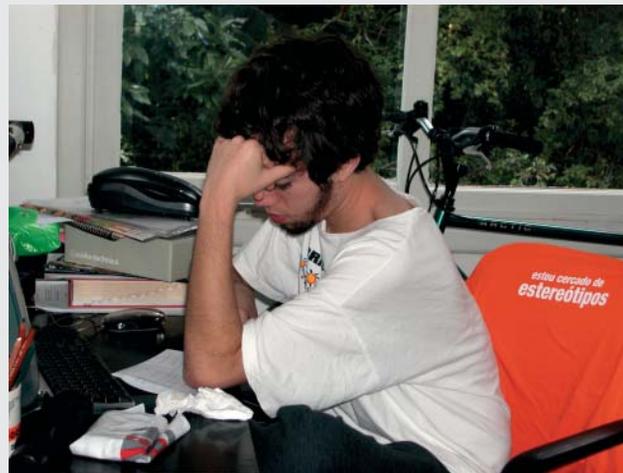
Novas aplicações para o Outlook.

Por Eduardo Menezes

C2-C3 Agora eu peguei um tabuleiro.
G8-F6 Vou relinchar no teu cangote.
G2-F3 Vem pra cima que o meu é alazão!
G1!! G1!!
D1-A4 Imaginei que fosse G1.
B8-C6 Toda cavalaria em guarda.
E7-E5
F3-E5 Chora!
C6-E5 Cavalo chora é?
A4-F4 UH
F8-D6 Vou pedir uma luz ao Bispo.
D2-D4 O meu Ratzinger contra o teu João XXIII?
E5-D3 Coloquei um cavalo na sacristia.
E2-D3
D6-F4 E a rainha dançou... ainda em tempo: Xéque.
C1-F4 Alguém há de defender o reino.
F6-D5 Cavalo correria de Jsus montadinho...
F4-E5 Jogadinha white fog.
F7-F6
E5-G3
D8-E7 – ainha na pista e xéque.
E1-D1 – cara, tenho que ir pra uma reunião! A gente termina a partida amanhã de manhã.
Combinado, abração!

jogo por terminar, entre Eduardo e Gabriel.

Assim é o meu amigo Gabriel. Um cara genial o suficiente para entender que um jogo de Xadrez via e-mail no meio do expediente é o que escreve os bons momentos.



“Até mais, meu amigo.”



▲ CUTOUT MORNING
summer is coming...

Ainda estamos aqui, Gabriel

Por Elvis Branchini

Reservei pro Gabriel, durante todo tempo que convivemos, aquela mesma sensação que tive quando ele entrou na minha casa, pelos idos de 2001, 2002, com aquela barba estranha e cabelo colorido e um jeito muito engraçado de falar. Aquela figura simpática, idealista, cheia de planos e sonhos, que vinha fazer um jornal de colégio, que queria ser jornalista desde sempre, que sonhava com a Fabico,

onde eu estudava. Parecia que isso exalava pelos poros. Eu sequer lembrava que tinha conhecido o Gabriel nessas circunstâncias. Mas foram as primeiras imagens que me vieram à mente quando o Cisco me falou o que tinha acontecido. E em seguida tudo mais que vivemos juntos desde então. Ele falando do projeto Insanus. Insanus era qualquer coisa pra qual ele pudesse dar esse nome. Um jornal, um site, uma bicicleta voadora, uma plantação de cebolas, contanto que fosse o Insanus colaborativo, coletivo, comuna. Aquela figura entrando na Fabico pra fazer matrícula. As infinitas partidas de truco na praia. Aquele piá pulando e gritando “A Little Respect” nas chinelagens. Não lembrei do Gabriel com raiva, triste, chateado, de cara com qualquer coisa que fosse. Talvez nessas horas imagens negativas sejam bloqueadas. Não acho que seja o caso. Já demorei bastante pra escrever esse texto, pra ter certeza das impressões que senti, e essas imagens do Gabriel não existem. Só o que existia era um Gabriel em chamas, pulando, gritando, agitando. Provavelmente era como ela estava naquele domingo. Ele parecia estar vivendo dias bastante felizes, como de fato eu vinha também. Rolava um positive vibrations na galera nos últimos tempos. Assim, por conta de nada, só pela beleza da coisa. Mas segunda foi O pior dia da minha vida. Perdi, irracionalmente, estupidamente, um grande amigo, companheiro e incentivador. Depois de assimilar qualquer coisa do acontecido, só consegui me sentir humilhado e esgotado. Humilhado pela vida, desgraçada, finita, sem sentido, que se some no primeiro sopro do vento. Esgotado, sem forças, incapaz de ver qualquer adiante. Fim da inocência. Fim da alegria idílica que há algum tempo se estendia. Fim dos nossos planos elaborados, fim de tudo que espera. It hurts to set you free. O céu está em chamas, como disse um amigo. Onde quer que esteja agora, o Gabriel deve estar bem. Por coincidência, estive hoje no Khadro Ling. Apenas de passagem, poucos minutos, conhecendo o templo, mas encomendei algumas lamparinas para amanhã. Uma garota me disse que estão orando bastante por ele. Fiquei sinceramente feliz, mesmo sem saber se acredito em qualquer coisa disso tudo. Quem sabe um dia eu chegue a esse ponto:

Pela mesma razão que as conclusões dos astrônomos seriam vãs e inexatas se não fossem deduzidas das observações do céu aparente, em relação a um único meridiano e a um único horizonte, também as minhas deduções metafísicas se veriam privadas de sentido se eu as não fundamentasse nesse conhecimento do bem inerente ao coração de todos os homens e de que eu tive, pessoalmente, a revelação, graças ao cristianismo, e que sempre me será dado verificar na minha alma. As relações das outras crenças com Deus continuarão para mim insondáveis, e eu não tenho o direito de as perscrutar. (...) Este novo sentimento não me modificou, não me deslumbrou, não me tornou feliz, como eu suponha. Sucedeu a mesma coisa como amor paternal, que não foi acompanhado de surpresa ou de deslumbramento. Devo chamar-lhe fé? Não sei. Sei apenas que me penetrou na alma através do sofrimento e nela se implantou com toda a firmeza. Continuarei, sem dúvida, a impacientar-me com o meu cocheiro Ivan, a discutir inutilmente, a exprimir mal as minhas próprias idéias. Sentirei sempre uma barreira entre o santuário da minha alma e a alma dos outros, mesmo a da minha própria mulher. Sempre tornarei Kitty responsável dos meus terrores, arrependendo-me logo em seguida. Continuarei a rezar sem saber por que rezo. Que importa? A minha vida não estará mais à mercê dos acontecimentos, cada minuto da minha existência terá um sentido incontestável. Agora possuirá o sentido indubitável do bem que eu lhe sou capaz de infundir!” (Tolstói, Ana Karenina)

Gabriel, vai em paz.

GABRIEL
PILLAR EM:

COMA INSANUS!

POR ALEX PRIMO
E PAULA QUINTAS



VAMOS TOMAR UM CAFÉ?
DAQUI A POUCO VOU DAR
UMA ENTREVISTA SOBRE UM
PROJETO PARA DOMINAR O
MUNDO! TOPAS?



HEIN, O
INSANUS?



HEHEHE,
CLARAMENTE NÃO
FUNCIONA...



...NENHUM
SENTIDO!

MAIS TARDE, NA
CHINELAGEM...

TEM COISAS
QUE SÓ A
FABICO
PROPORCIONA-



AH! TÁ VENDENDO
AQUELA GURIA ALI?
JÁ PEGUEI!!!



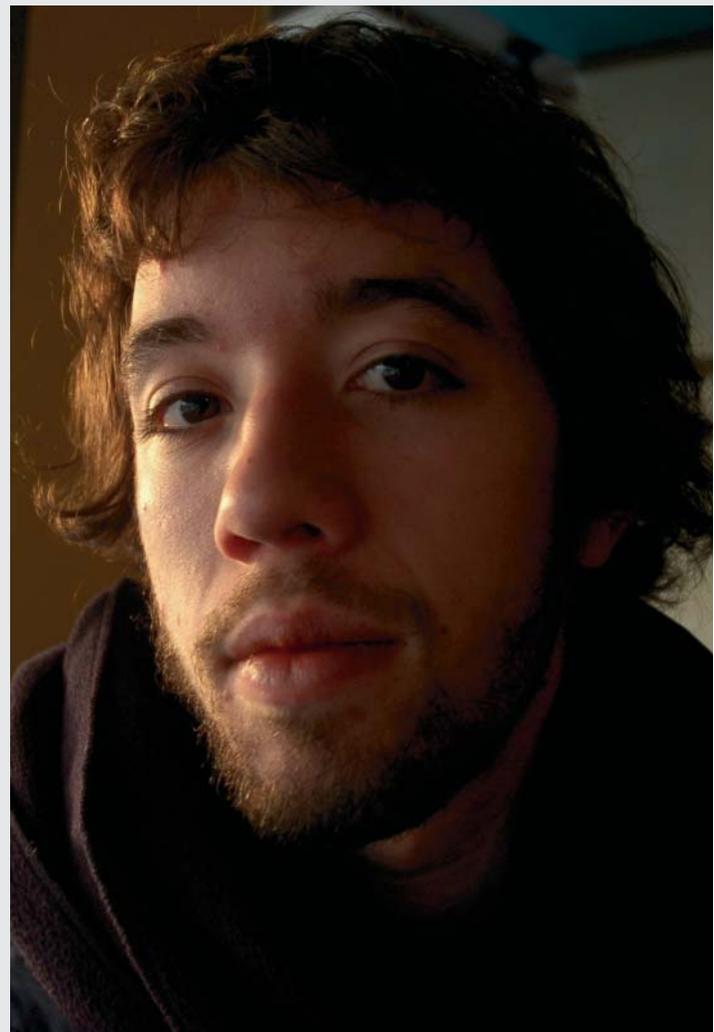
BOM, VAMOS
DANÇAR QUE O DIA
DE FICAR TRISTE FOI
ONTEM!

Entreato

Por Taís Campelo

Nossos planos de dominação mundial sempre começavam com intervenções urbanas devastadoras que levariam a população a refletir sobre As Grandes Questões do Mundo Contemporâneo. Então traçaríamos estratégias para converter a consciência em ação concreta e o futuro apocalíptico em um ambiente perfeito. Ele me chamava de Comunista e ajudava a escolher meus sapatos. E concebia toda A Criação, Rípi, com os olhinhos sorridentes a cada idéia. Gabriel, vamos para a Tanzânia no ano que vem? Claro que sim, quem sabe mudar algo no planeta? Sem perceber enquanto passávamos horas discutindo o universo, Gabriel mostrou que eu não precisava fingir ser auto-suficiente. E ensinou que eu me deixasse mimar. Interrompia as minhas birras resmungonas com um ríspido “pára, Taís” antes de uma gargalhada levada: era a senha para ir atrás de algo para comer e me deixar alegre. Foi depois de uma Tempestade que esse menino soube cuidar tão bem de mim. E me ajudou a tirar a máscara para encarar a vida com mais leveza. Será que existe uma forma de retribuir isso tudo?

As pessoas que eu amo sempre tiveram a estranha mania de deixar o mundo cedo demais. Nunca me deram tempo de falar o quanto elas foram importantes e como vão fazer falta. Gabriel, vou te guardar cantando Sérgio Sampaio com aquelas entonações diferentes, brincando com a grama e conversando olhando nos olhos. Tu deixou um brilho em nossas vidas em tão pouco tempo e agradeço ao Sei-Lá-Quem-Todo-Poderoso pelo presente de poder ter convivido esses anos contigo. Um beijo, meu querido. Segue em paz.

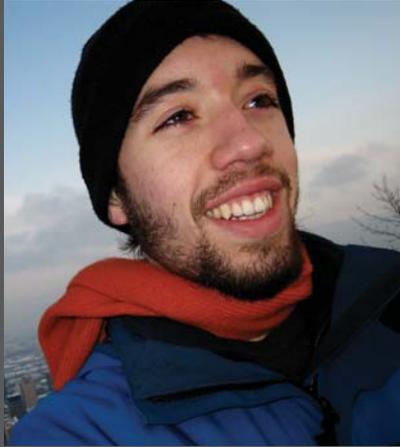








Este livro foi impresso na primavera de 2007, em papel couché fosco 115 g/m² (miolo) e papel Supremo Alta Alvura 250 g/m² (capa).



Gabriel Pillar

Gabriel Gomes Pillar tinha 22 anos quando faleceu em 4 de dezembro de 2006, em um acidente de automóvel na rua Mostardeiro, em Porto Alegre.

Jornalista, trabalhava como redator, fotógrafo, *videomaker* e *webdesigner*, além de prestar consultoria para projetos em novas mídias digitais.

Foi fundador e editor da comunidade de *blogs* insanus.org e escrevia regularmente nos seus *blogs* www.insanus.org/vertigo e www.waxpaperthings.org/blog.

Durante a infância, e depois na adolescência, viveu com seus pais no Canadá (London, Ontario).

Em Porto Alegre, estudou no Colégio Anchieta. cursou Comunicação Social, ênfase em Jornalismo, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde submeteu em novembro de 2006 a monografia *Cidades Híbridas: Um estudo sobre o Google Earth como ferramenta de escrita virtual sobre a cidade*. O título de Bacharel em Jornalismo foi concedido in memoriam pela UFRGS.

Durante o segundo semestre de 2005, estudou na Concordia University, em Montreal, Canadá, no curso de graduação em Estudos de Cultura e Comunicação. Entre 2003 e 2004 foi presidente do Diretório Acadêmico da Comunicação (DACOM), UFRGS.

Jornalista

Contribuiu como redator para veículos brasileiros como a Revista Trip, Revista Void, Terra Notícias e Ciranda.net. Editava semanalmente a capa do *insanus*, e trabalhou como assistente de edição de capa do portal Terra Brasil.

Fotógrafo

Fotografava desde 1998 como *freelancer* ou pela simples arte. Foi integrante do Grupo Experimental de Fotografia da UFRGS. Desde 2005 fotografava em parceria com a escritora gaúcha Carol Bensimon, tendo fotos publicadas junto aos seus contos na Revista Bravo! (Abril 2006) e na publicação independente 30º Sud (distribuída na França).

Webdesigner

Era editor, *webdesigner* e programador residente do portal de *blogs* *insanus.org*, que hoje tem em torno de 400 mil acessos mensais e virou referência na internet brasileira.

Em 2004 trabalhou no Terra Networks na área de produtos e serviços para a América Latina, responsável pela migração dos sites e serviços do Terra Brasil para os demais países onde o portal atua.

Fazia também trabalhos de programação e *webdesign* para clientes locais. Gabriel era, segundo ele, quem você chamaria para montar qualquer *blog* ou *site* com a ferramenta de publicação Movable Type.

Videomaker

Começou trabalhando como produtor, câmera, editor e motorista da MTV-RS, e desde então fazia alguns trabalhos na área. Escreveu e dirigiu os curtas Sangre Latino e Diversões Eletrônicas, e passou o seu último carnaval gravando um documentário sobre o poeta gaúcho Antônio Augusto "Tocaio" Ferreira com o diretor Pedro Rocha.

E ainda,

para completar, trabalhou no núcleo de editoração da gráfica da UFRGS, fazia tradução e revisão de artigos científicos em inglês e volta e meia podia ser encontrado atuando como DJ em festas porto alegrenses.

Conforme ele mesmo escreveu em seu *portfolio*, fazia um monte de coisas divertidas, algumas das quais estão neste livro em sua homenagem.

